



PALAVRAS-IMAGENS-PALAVRAS:

UM PROCESSO DE CRIAÇÃO DIDÁTICO-PEDAGÓGICA PARA O
ENSINO DE ARTES VISUAIS ●

2023

Lara Maria de Melo Dias



**INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E
TECNOLOGIA DE GOIÁS - IFG
CAMPUS APARECIDA DE GOIÂNIA
MESTRADO PROFISSIONAL EM ARTES - REDE PROFARTES**

LARA MARIA DE MELO DIAS

**PALAVRAS-IMAGENS-PALAVRAS:
UM PROCESSO DE CRIAÇÃO DIDÁTICO-PEDAGÓGICA
PARA O ENSINO DE ARTES VISUAIS**

**APARECIDA DE GOIÂNIA
2023**





INSTITUTO FEDERAL

Goiás

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO

SISTEMA INTEGRADO DE BIBLIOTECAS

**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAÇÃO
NO REPOSITÓRIO DIGITAL DO IFG - ReDi IFG**

Com base no disposto na Lei Federal nº 9.610/98, AUTORIZO o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás, a disponibilizar gratuitamente o documento no Repositório Digital (ReDi IFG), sem ressarcimento de direitos autorais, conforme permissão assinada abaixo, em formato digital para fins de leitura, download e impressão, a título de divulgação da produção técnico-científica no IFG.

- | | |
|--|---|
| ☐ Tese | ☐ Artigo Científico |
| ☒ Dissertação | ☐ Capítulo de Livro |
| ☐ Monografia – Especialização | ☐ Livro |
| ☐ TCC - Graduação | ☐ Trabalho Apresentado em Evento |
| ☐ Produto Técnico e Educacional - Tipo: _____ | |

Identificação da Produção Técnico-Científica

Nome Completo do Autor: Lara Maria de Melo Dias

Matrícula: 20211090120083

Título do Trabalho: PALAVRAS-IMAGENS-PALAVRAS: UM PROCESSO DE CRIAÇÃO DIDÁTICO-PEDAGÓGICO PARA O ENSINO DE ARTES VISUAIS

Autorização - Marque uma das opções

- ☐ Autorizo disponibilizar meu trabalho no Repositório Digital do IFG (acesso aberto);
- ☒ Autorizo disponibilizar meu trabalho no Repositório Digital do IFG somente após a data 14/04/2024 (Embargo);
☐ Não autorizo disponibilizar meu trabalho no Repositório Digital do IFG (acesso restrito).

Ao indicar a opção **2 ou 3**, marque a justificativa:

- ☐ O documento está sujeito a registro de patente.

☐ O documento pode vir a ser publicado como livro, capítulo de livro ou artigo.

☒ Outra justificativa A pesquisa tem conceitos chaves e metodologias que serão escritas e publicadas em artigos futuramente o que necessita o embargo para ser publicizado posteriormente com a dissertação.

DECLARAÇÃO DE DISTRIBUIÇÃO NÃO-EXCLUSIVA

O/A referido/a autor/a declara que:

- o documento é seu trabalho original, detém os direitos autorais da produção técnico-científica e não infringe os direitos de qualquer outra pessoa ou entidade;
- obteve autorização de quaisquer materiais inclusos no documento do qual não detém os direitos de autor/a, para conceder ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás os direitos requeridos e que este material cujos direitos autorais são de terceiros, estão claramente identificados e reconhecidos no texto ou conteúdo do documento entregue;
- cumpriu quaisquer obrigações exigidas por contrato ou acordo, caso o documento entregue seja baseado em trabalho financiado ou apoiado por outra instituição que não o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás.

Aparecida de Goiânia, 16/05/2023

Local

Data

Assinatura do Autor e/ou Detentor dos Direitos Autorais

LARA MARIA DE MELO DIAS

**PALAVRAS-IMAGENS-PALAVRAS:
UM PROCESSO DE CRIAÇÃO DIDÁTICO-PEDAGÓGICA
PARA O ENSINO DE ARTES VISUAIS**



Dissertação apresentada ao curso de Mestrado Profissional em Artes, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás - Campus Aparecida de Goiânia/IFG, como requisito parcial à obtenção do título de Mestra em Artes.

Área de Concentração: Ensino de Arte.

Linha de Pesquisa 2: Abordagens teórico-metodológicas das práticas docentes.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Valéria Fabiane Braga Ferreira Cabral.

APARECIDA DE GOIÂNIA

2023





Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

D541 Dias, Lara Maria de Melo
Palavras-imagens-palavras: um processo de criação didático-pedagógica para o ensino de artes visuais. / Lara Maria de Melo Dias. - Aparecida de Goiânia, 2023.
180 f.; il.

Orientadora: Dra. Valéria Fabiane Braga Ferreira Cabral.
Dissertação (mestrado) – Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia de Goiás: Campus Aparecida de Goiânia, Programa de Pós-Graduação em Artes - PROFARTES, 2023.

1. Docência. 2. Ensino de artes visuais 3. Memória. 4.
Palavras-imagens-palavras. I. Título.

CDD 707

Catalogação na publicação:
Thalita Franco dos Santos Dutra – CRB 1/2186



INSTITUTO FEDERAL
Goiás

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE GOIÁS
CÂMPUS APARECIDA DE GOIÂNIA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES

MESTRADO PROFISSIONAL EM ARTES - Rede PROFARTES

ATA DA SESSÃO PÚBLICA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO

Aos quatorze dias do mês de abril do ano de dois mil e vinte e três, às 14 horas, no Instituto Federal de Goiás - Câmpus Aparecida de Goiânia, situado na Av. Universitária Vereador Vagner da Silva Ferreira, Qd 1, Lt 1-A, Parque Itatiaia, na cidade de Aparecida de Goiânia, Estado de Goiás, foi realizada a sessão pública de defesa de Trabalho de Conclusão de LARA MARIA DE MELO DIAS, discente do Programa de Pós-Graduação em Artes - Mestrado Profissional em Artes, autora do trabalho intitulado "Palavras- imagens-palavras: um processo de criação didático-pedagógica para o ensino de Artes Visuais". A banca foi composta pelos seguintes membros: Profª Dra. Valéria Fabiane Braga Ferreira Cabral; Profª. Dra. Mônica Mitchell de Moraes Braga, Prof. Dr. Wolney Fernandes, Profª. Dra. Nayara Joyse Silva Monteles, sob a presidência da primeira. Após a apresentação do trabalho, tendo sido a autora arguida pela Banca Examinadora, a aluna foi considerada APROVADA.

Encerra-se a presente sessão às 16 horas e 22 minutos. Eu, Profª Dra. Valéria Fabiane Braga Ferreira Cabral, dato e assino a presente ata, que segue assinada por todos os membros da banca e pela discente.

(assinado eletronicamente)

Profª. Dra. Valéria Fabiane Braga Ferreira Cabral
Presidente da Banca - Orientadora (UFG)

(assinado eletronicamente)

Profª. Dra. Mônica Mitchell de Moraes Braga
Membro Interno (IFG)

(assinado eletronicamente)

Prof. Dr. Wolney Fernandes
Membro Externo (UFG)

(assinado eletronicamente)

Profª. Dra. Nayara Joyse Silva Monteles
Membro Interno (IFG)

(assinado eletronicamente)

Lara Maria de Melo Dias
Discente do Mestrado Profissional em Artes

Documento assinado eletronicamente por:

- Wolney Fernandes de Oliveira, Wolney Fernandes de Oliveira - Docente - UFG (01567601000143), em 25/04/2023 20:40:53.
- Lara Maria de Melo Dias, 20211090120083 - Discente, em 20/04/2023 15:33:10.
- Nayara Joyse Silva Monteles, PROFESSOR ENS BASICO TECN TECNOLOGICO, em 18/04/2023 22:43:34.
- Valéria Fabiane Braga Ferreira Cabral, Valéria Fabiane Braga Ferreira Cabral - 234910 - Professor de artes visuais no ensino superior (artes plásticas e multimídia) - UFG (01567601000143), em 18/04/2023 10:11:26.
- Mônica Mitchell de Moraes Braga, PROFESSOR ENS BASICO TECN TECNOLOGICO, em 18/04/2023 10:02:44.

Este documento foi emitido pelo SUAP em 13/04/2023. Para comprovar sua autenticidade, faça a leitura do QRCode ao lado ou acesse https://suap.ifg.edu.br/autenticar_documento/ e forneça os dados abaixo:

Código Verificador: 397422
Código de Autenticação: d48da50dee



Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Avenida Universitária Vereador Vagner da Silva Ferreira, Qd. 1, Lt. 1-A, Parque Itatiaia, APARECIDA DE GOIÂNIA / GO, CEP 74968-755
Sem Telefones cadastrados





BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Valéria Fabiane Braga Ferreira Cabral (UFG)
(Presidente - orientadora)

Prof.^a Dr.^a Mônica Mitchell de Moraes Braga (IFG)
(Membro interno)

Prof. Dr. Wolney Fernandes de Oliveira (UFG)
(Membro externo)

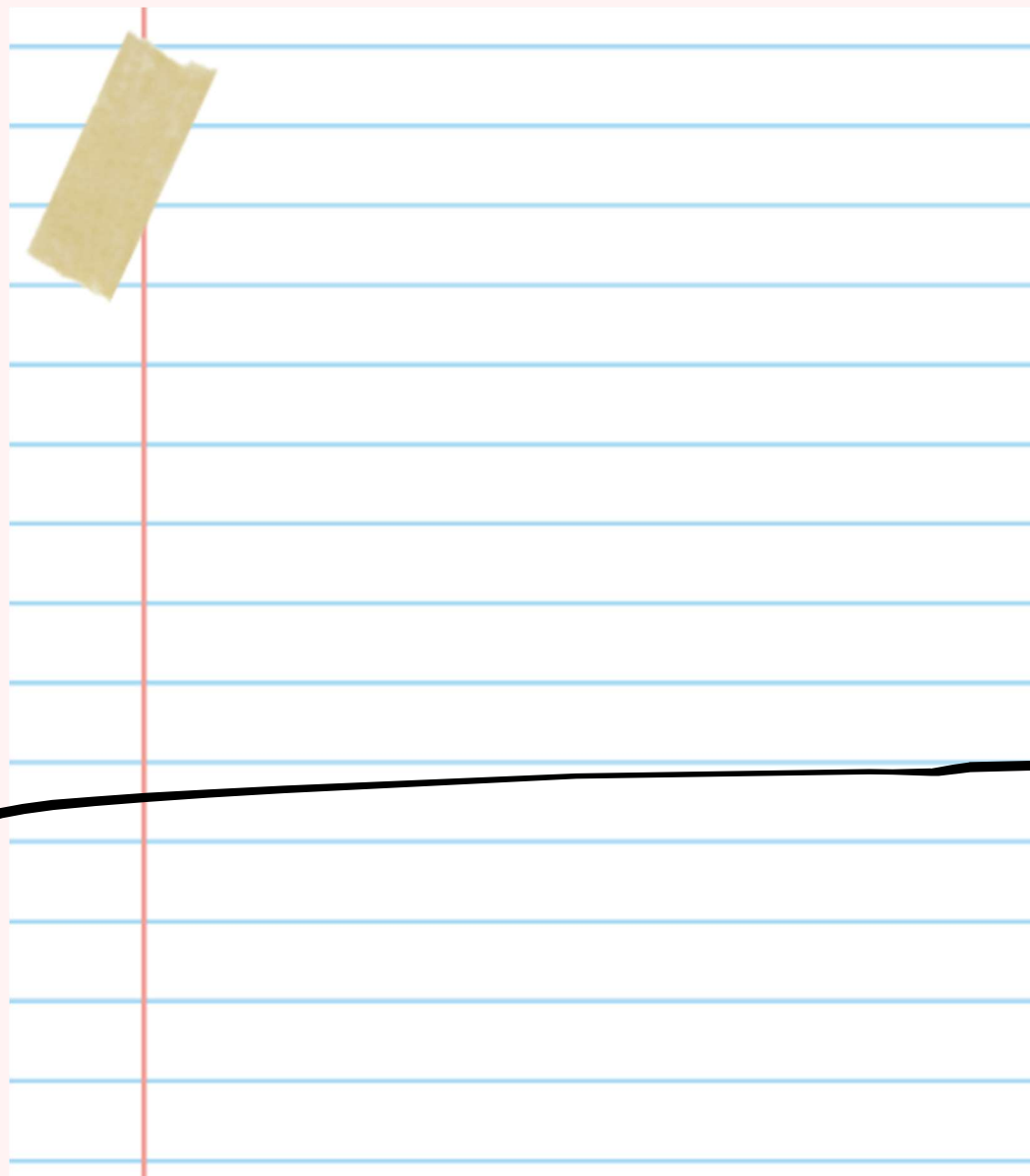
Prof.^a Dr.^a Nayara Joyse Silva Monteles (IFG)
(Suplente)





DEDICATÓRIA

Para nós, professores/as de Artes Visuais





AGRADECIMENTOS

Agradeço as palavras compartilhadas durante o processo dessa pesquisa que desencadearam nas imagens de lugares no mapa.

Assim, agradeço ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás - Campus Aparecida de Goiânia/IFG, lugar que me possibilitou realizar esse curso para a obtenção do título de Mestra em Artes.

Ao Programa de Mestrado Profissional em Artes - PROFARTES, extremamente necessário para formação continuada de docentes de Arte.

À Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal, por meio da Subsecretaria de Formação Continuada dos Profissionais da Educação (EAPE), através da Comissão de Afastamento Remunerado para Estudos (CARE), que me possibilitou o afastamento remunerado para estudos em tempo, como forma de valorização da formação continuada dos professores/as.

Agradeço também ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás (IFG), que aprovou meu projeto de pesquisa como instituição proponente no âmbito de pesquisas que envolvam seres humanos.

Ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Federal de Goiás (UFG) e Faculdade de Artes Visuais, que também

aprovou meu projeto de pesquisa como instituição coparticipante ao propor reflexões com um grupo de estudantes, regulares e egressos, do curso de licenciatura em Artes Visuais da FAV (Faculdade de Artes Visuais) da UFG (Universidade Federal de Goiás).

Agradeço a minha orientadora, Valéria Fabiane Braga Ferreira Cabral, que sem dúvida foi um pilar essencial nessa pesquisa, que me orientou com muita dedicação, acreditou no que propus e foi parceira ao traçar comigo alternativas para seguir, sempre com excelentes considerações em meu texto.

À banca examinadora, Prof.^a Dr.^a Mônica Mitchell de Moraes Braga, Prof. Dr. Wolney Fernandes de Oliveira e Prof.^a Dr.^a Nayara Joyse Silva Monteles, que se dedicou à leitura da minha pesquisa e avaliou com contribuições, sugerindo leituras, alterações e possibilidades pertinentes.

Agradeço os/as participantes, Aglaê, Alessandra, Ana Laura, Ires, Janieire, Luís Augusto, Marcos Antônio, Maria de Fátima, Meire e Patrícia egressos/as da FAV, que disponibilizaram seu tempo voluntariamente e com muito compartilhamento.

Aos colegas que conheci no mestrado, que foram sustentações para muitos momentos de dúvidas e angústia, como também partilharam de muitos risos.

Aos colegas de profissão, pois todos os dias lutamos por uma educação justa, de qualidade e democrática.

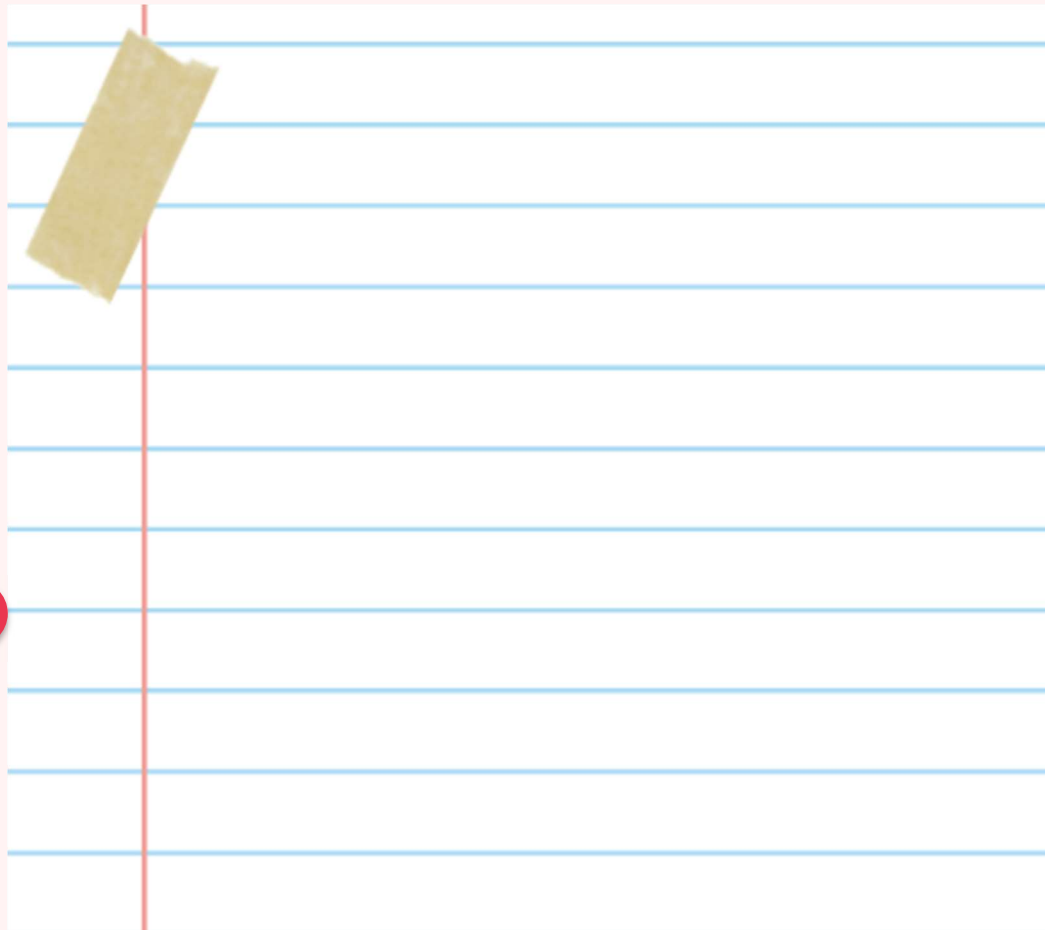
À minha mãe, pelo meu minidicionário ganhado na infância, pelos tecidos com texturas e cores que se encontravam no ateliê de costura dela, pela parede cedida para desenvolver meu mapa.

Ao meu pai, que não está presente, mas me deixou a memória dos lírios que foram plantados por ele, pelas fotografias do álbum dele, pelos seus desenhos guardados.

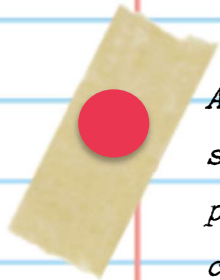
À minha irmã, maravilhosa, que sempre me apoiou, que por mais cansada que estivesse, fotografou, mandou fotos do meu mapa nos momentos distantes, me filmou e fotografou construindo o mesmo e ajudou na edição do vídeo várias vezes. Sugeriu ideias que abriram caminhos que eu não percebia.

Ao meu companheiro, sempre firme e atento, que me incentiva para os estudos, que possui as falas cautelosas e necessárias nos momentos de indecisões. Que cedeu seu computador para as transcrições das falas dos/das participantes, formatou várias vezes meu computador, e sem dúvida teve palavras de afeto.

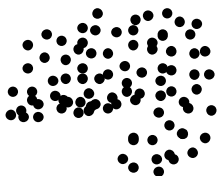
Aos meus amigos, Galdi e Cora, simplesmente por existirem.



EPÍGRAFE



As gramáticas classificam as palavras em substantivo, adjetivo, verbo, advérbio, conjunção, pronome, numeral, artigo e preposição. Os poetas classificam as palavras pela alma porque gostam de brincar com elas, e para brincar com elas é preciso ter intimidade primeiro. É a alma da palavra que define, explica, ofende ou elogia, se coloca entre o significante e o significado para dizer o que quer, dar sentimento às coisas, fazer sentido... A palavra palavra diz. O que quer. E nunca desdiz depois. As palavras têm corpo e alma, mas são diferentes das pessoas em vários pontos. As palavras dizem o que querem, está dito, e pronto. (FALCÃO, 2013, p. 71)



RESUMO

Essa pesquisa de vertente qualitativa foi realizada no Mestrado Profissional em Artes Programa de Mestrado Profissional em Artes (PROF-ARTES) do Instituto Federal de Goiás (IFG) no campus Aparecida de Goiânia. Teve como concentração o ensino de arte na linha de pesquisa as Abordagens teórico-metodológicas das práticas docentes. O objetivo geral foi refletir sobre as estratégias didático-pedagógicas que construí como professora de arte da Secretaria de Estados de Educação do Distrito Federal (SEEDF), da rede pública do DF. Essas estratégias articulam palavras e imagens nas produções visuais como um dos recursos metodológicos nos processos de aprender e ensinar artes visuais por meio da apropriação de palavras e imagens através da memória. Em termos metodológicos, desenvolvi um mapa cartográfico e um movimento autorreflexivo para construir partes desta escrita. Os autores Deleuze e Guatarri (1995) se constituíram como aportes nessa pesquisa que se estabeleceu como autobiográfica em um viés cartográfico. O processo de imersão com a construção de um mapa configurou caminhos que foram denominados: a) sinalizadores, b) contextualizadores, c) referenciais e d) experienciais. São caminhos que conduziram a um processo reflexivo professores/as de Artes Visuais através de palavras e imagens, culminando na construção de um vídeo que fomenta reflexões sobre o processo metodológico da pesquisa. A expectativa ao término dessa pesquisa é que ela contribua como deflagradora de um modo de trabalhar e pensar *palavras-imagens-palavras* para o ensino de artes visuais na educação básica por meio da memória,

¹ Essa pesquisa contou com a colaboração/participação de sujeitos, com aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa – CEP/IFG, Plataforma Brasil, sob os Números CAAE: 52927721.3.0000.8082 - Instituição Proponente: Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás- Campus Aparecida. CAAE: 52927721.3.3001.5083 -

sendo que poderá ocasionar vivências e experiências futuras em sala de aula para iniciar novos processos metodológicos de ensinar e aprender artes visuais.¹

Palavras-chave: Docência Ensino de Artes Visuais. Memória. Palavras-Imagens-Palavras.

Instituição Coparticipante: Universidade Federal de Goiás – UFG
CAAE: 52927721.3.3002.5083 - Instituição Coparticipante: Faculdade de Artes Visuais.

RESUMEN

Esta investigación cualitativa fue realizada en el Programa de Maestría Profesional en Artes (PROF-ARTES) del Instituto Federal de Goiás (IFG) en el campus Aparecida de Goiânia. Se centró en la enseñanza del arte en la línea de investigación Aproximaciones teórico-metodológicas a las prácticas docentes. El objetivo general fue reflexionar sobre las estrategias didáctico-pedagógicas que construí como docente de arte en la Secretaría de Educación Estatal del Distrito Federal (SEEDF), en la red pública del DF. Estas estrategias articulan palabras e imágenes en producciones visuales como uno de los recursos metodológicos en los procesos de aprendizaje y enseñanza de las artes visuales a través de la apropiación de palabras e imágenes a través de la memoria. En términos metodológicos, desarrollé un mapa cartográfico y un movimiento autorreflexivo para construir partes de este escrito. Los autores Deleuze y Guatarri (1995) se constituyeron como aportes en esta investigación que se estableció como autobiográfica en un sesgo cartográfico. El proceso de inmersión con la construcción de un mapa configuró caminos que se denominaron: a) banderas, b) contextualizadores, c) referentes y d) vivencias. Son caminos que llevaron a un proceso reflexivo para los docentes de Artes Visuales a través de la palabra y la imagen, culminando en la construcción de un video que invita a reflexionar sobre el proceso metodológico de la investigación. La expectativa al final de esta investigación es que contribuya a desencadenar una forma de trabajar y pensar palabras-imágenes-palabras para la enseñanza de las artes visuales en la

educación básica a través de la memoria, que pueda derivar en futuras experiencias en el aula para iniciar nuevos procesos metodológicos de enseñanza y aprendizaje de las artes visuales.²

Palabras clave: Enseñando. Enseñanza de las Artes Visuales. Memoria. Palabras-Imágenes-Palabras.



² Esta investigación contó con la colaboración/participación de sujetos, con aprobación del Comité de Ética en Investigación - CEP/IFG, Plataforma Brasil, bajo los números CAAE: 52927721.3.0000.8082 - Institución proponente: Instituto Federal de Educación, Ciencia y Tecnología de Goiás- Campus Aparecida. CAAE: 52927721.3.3001.5083 - Institución

participante: Universidade Federal de Goiás - UFG CAAE: 52927721.3.3002.5083 - Institución participante: Faculdade de Artes Visuais.

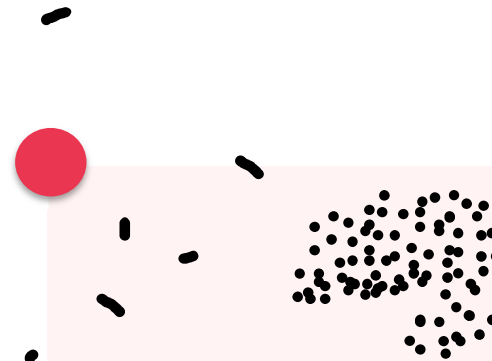


LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - S/t, <i>Print</i> da capa do dicionário, 2022	30
Figura 2 – Lara Melo, s/t, Fotografia, 202	33
Figura 3 - S/t, Fotografia, 2020	34
Figura 4 - S/t, registro fotográfico, 2020	36
Figura 5 - S/t, registro fotográfico, 2020	37
Figura 6 - S/t, registro fotográfico, 2020	39
Figura 7 - S/t, registro fotográfico, 2020	40
Figura 8- Construindo perguntas, Fotografia, 2021	49
Figura 9-Etapa 1, <i>Print</i> , 2021	51
Figura 10-Reescrita do projeto, <i>Print</i> , 2021	52
Figura 11- Uma nova parede, <i>Print</i> , 2022	53
Figura 12- Inserção no mapa das disciplinas no mestrado 1º e 2º semestre, <i>Print</i> , 2022	54
Figura 13-Parede provisória contínua, <i>Print</i> , 2022	60
Figura 14- Inserção no mapa do percurso sinalizador, <i>Print</i> , 2022.	67
Figura 15- Inserção no mapa de revisões e escritas, <i>Print</i> , 2022	76
Figura 16- Inserção no mapa dos percursos contextualizadores, <i>Print</i> , 2022	80
Figura 17- Rosana Paulino, A Ciência é a Luz da Verdade? Impressão sobre tecido e costura. 29 x 58 cm, 2016.....	83
Figura 18- Rosana Paulino, “Assentamento. Litografia a cores sobre papel. 76,0 x 57,0 cm. 2012	84
Figura 19- Rosana Paulino, 'Parede da memória', instalação. Microfibras, tecidos, imagem digital sobre papel, linha e aquarela. Aproximadamente 8 x 8 x 3 cm cada elemento, dimensão variável, 1994/2015.	85
Figura 20 - Página do álbum de fotografias, registro fotográfico, 2022	87
Figura 21- Página do álbum de fotografias, registro fotográfico, 2022	88
Figura 22- Página do álbum de fotografias, registro fotográfico, 2022	89
Figura 23- Inserção no mapa de pregos para fixar, <i>Print</i> , 2022	91
Figura 24- Trabalho apresentado por estudante, registro fotográfico, 2020	94
Figura 25- Inserção no mapa do início da escrita dos artistas, <i>Print</i> , 2022	99
Figura 26- Inserção no mapa dos percursos referenciais, <i>Print</i> , 2022	103
Figura 27- Elida Tessler, Dubling, 4311 garrafas, 4311 rolhas com palavras impressas e 4311 cartões-postais com imagens, 2010.....	105

Figura 28- Elida Tessler. Você me dá a sua palavra? Prendedores de roupas, 2004	107
Figura 29- José Leonilson, SÃO Tantas as Verdades, tinta acrílica, lápis de cor, pedras semipreciosas e fio de cobre sobre lona, 213x106x2 cm, 1988	110
Figura 30- José Leonilson, Ignatios, converso no seio de Cristo, tinta de caneta permanente sobre papel 14,7x7,6 cm, 1991	111
Figura 31- Parede da memória em Elida Tessler, registro fotográfico, 2022	115
Figura 32- Parede da memória em José Leonilson, registro fotográfico, 2022	116
Figura 33- Fotografia de dentro de uma caixa, registro fotográfico, 2022	119
Figura 34- Lara Melo, s/t, Montagem e desenho 2022.....	120
Figura 35- Elida Tessler, Você me dá a sua palavra? Prendedores de roupas, 2004	122
Figura 36- Elida Tessler, Meu Nome Também é Vermelho, intervenção, 2019.....	123
Figura 37- Elida Tessler, Doador, 270 objetos, 270 placas de latão com palavras gravadas em serigrafia, corredor, 970x150x270cm,1999	124
Figura 38- José Leonilson, O Perigoso, série de sete desenhos, tinta de caneta permanente e sangue sobre papel 30,5x23 cm, 1992.....	125
Figura 39 - José Leonilson, As Ruas da Cidade, pintura, 1988.....	126
Figura 40- José Leonilson, Não tenha medo meu rapaz, acrílica sobre lona, 103,0 x 68,0 cm, 1988.....	127
Figura 41- Lara Melo, s/t, Colagem, 2020.....	128
Figura 42 – Registro do encontro experiencial 1	135
Figura 43- Inserção no mapa dos processos do encontro	136
Figura 44 – Aglaê, Desocupado, Objeto banal com um novo nome, 2022	145
Figura 45 - Janieire, O vulcão e a cachaça, Objeto banal com um novo nome, 2022.....	146
Figura 46 - Marcos, Meu Velho Pinho, Objeto banal com um novo nome, 2022.....	147
Figura 47– Patrícia. Não sei nada sobre Bacon ou enquanto o sino não toca, próxima aula, Parede da memória, 2022	149
Figura 48 - Alessandra, s/t, Parede da memória, 2022	150
Figura 49 - Meire, s/t, Parede da memória, 2022	151
Figura 50- Inserção no mapa das interpretações das falas das participantes e dos participantes	155
Figura 51-Observando a construção do mapa, registro fotográfico, 2023	160

Figura 52- Imagem do vídeo - Encontro de uma linha forte, registro fotográfico, 2023	162
Figura 53 – Imagem do vídeo - Início do processo para o mestrado, registro fotográfico, 2023	164
Figura 54 Imagem do vídeo - Momento de repensar, registro fotográfico, 2023	165
Figura 55– Imagem do vídeo - Significações e ressignificações da minha prática, registro fotográfico, 2023	166
Figura 56– Imagem do vídeo - Momento da análise sobre o encontro realizado com as/os participantes, S/t, registro fotográfico, 2023 .	168
Figura 57– Cadeira, registro fotográfico, 2023	171





LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Tabela categorização 139



LISTA DE ABREVIATURAS OU SIGLAS

PROF-ARTES - Programa de Mestrado Profissional em Artes

IFG - Instituto Federal de Goiás

SEEDF - Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal

CEP - Comitê de Ética e Pesquisa

EaD - Educação à Distância

UFOP - Universidade Federal de Ouro Preto

UFU - Universidade Federal de Uberlândia

UnB - Universidade de Brasília

BDTD - Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações

CAPES - Banco de Teses e Dissertações

FAV - Faculdade de Artes Visuais

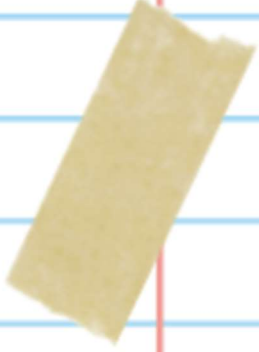
UFG - Universidade Federal de Goiás





SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	20
1 PALAVRAS-IMAGENS-PALAVRAS.....	26
1.1 Lara estudante/professora	28
2 ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS DA PESQUISA	45
2.1 Existe algum ponto de chegada já determinado?	45
2.1.1 Encontro com Deleuze e Guattari	55
2.1.2 Mapeando incertezas	61
2.2 Percursos sinalizadores	66
Percursos contextualizadores	77
.....	78
2.3 Percursos contextualizadores	79
2.3.1 Motivo da parede da memória	84
2.3.2 Onde está a minha parede da memória?	86
2.3.3 Criando uma parede da memória coletiva	92
2.4 Percursos referenciais	102
2.4.1 Elida Tessler e o tempo como presença/ausência da palavra	104
2.4.2 José Leonilson pelas dúvidas das palavras como construção imagética	108
2.5 Em rota nos caminhos experienciais	114
2.5.1 Percursos Experienciais	114
2.5.2 Encontro experiencial: 1º encontro - lugar de si e subjetividades com Lara	117
2.5.3 Encontro experiencial: 2º encontro - Lugar ocupado com Tessler, Leonilson e a obra "Parede da Memória", de Rosana Paulino fomentando atuação docente	121
2.5.4 Encontro experiencial: 3º encontro - Lugar apropriado em um lugar com participantes	129
2.5.5 Encontro experiencial: 4º encontro - Lugar circular de travessias compartilhadas	130
3 AS APRENDIZAGENS A PARTIR DO DIÁLOGO COM OS/AS PARTICIPANTES	134
4 APONTAMENTOS PARA FUTUROS PERCURSOS	159
REFERÊNCIAS	174



*\ I Letra que, assim
sozinha, dá vontade de ler
"eu" em inglês. (FALCÃO, 2013,
p. 41)*



I NTRODUÇÃO

A narrativa em primeira pessoa...

INTRODUÇÃO

A narrativa em primeira pessoa é como realizei a escrita dessa pesquisa, não uma primeira pessoa ensimesmada de forma personalizada, mas para além de minhas vivências relatar as minhas experiências. Realizar essa pesquisa passa pelo meu entendimento sobre docência, quando relato vivências que não me distanciam como observadora desse mundo e me situam como vivente em um lugar que considero de *terras-paisagens-terras*. Lugar embreado pelas angústias da pesquisa, da docência, envolto nas ausências, nos esvaziamentos, nas dúvidas e nas incertezas que não são características de Lara professora, mas que podem nascer no encontro com os/as leitores/as dessa pesquisa.

Essa pesquisa³ de vertente qualitativa foi realizada no Mestrado Profissional em Artes PROF-ARTES (Programa de Mestrado Profissional em Artes) do IFG (Instituto Federal de Goiás) no campus Aparecida de Goiânia. O objeto de pesquisa foi pensar

A narração da própria vida é o testemunho mais eloquente dos modos que a pessoas tem de lembrar. (BOSI, 1979, p.29)

sobre o meu modo de ensinar em diálogo com *palavras-imagens-palavras*, uma vez que desenvolvi uma forma de trabalhar com palavras em minha prática docente como professora de Artes Visuais. As palavras e imagens surgem de forma recorrente durante o meu processo de criação didático-pedagógico. Ainda não havia conseguido desenvolver um processo de registros e análises do modo como venho

trabalhando enquanto professora de Artes Visuais, mas durante o estudo registrei, questionei, levantei referências e construí reflexões seguindo a questão norteadora do meu caminhar na pesquisa: *Como a apropriação de palavras pode aguçar as memórias através da produção em Artes Visuais?* Assim, o objetivo geral foi refletir sobre como venho construindo estratégias didático-pedagógicas com a apropriação de palavras e imagens através da memória para desenvolver processos de aprender e ensinar artes visuais.

No decorrer da pesquisa busquei compreender o meu modo de me constituir docente, buscando uma temática para construção desta pesquisa em que eu pudesse apresentar também, através do que venho produzindo, minha vertente artística em meus processos

³ Diagramação, ilustração e formatação: Lara Maria de Melo Dias

educacionais. Levando em consideração que sou professora de arte da SEEDF (Secretaria de Estados de Educação do Distrito Federal), da rede pública do DF, vivencio o ensino de arte diariamente e reconheço como a mesma é fundamental para a experiência dos/as estudantes. O que me faz perceber como venho trabalhando com palavras e como elas propiciam experiências para o ensino de artes visuais.

De forma detalhada, pesquisei como se constroem as relações entre a representação verbal e visual através de uma bibliografia que denominei sinalizadora; apresentei propostas de prática docente incitada pelas palavras e imagens; mapeei dois artistas contemporâneos que articulam o verbal e o visual para refletir sobre seus processos de trabalho. E ainda promovi encontros com os/as estudantes do curso do Licenciatura em Artes Visuais e egressos para discutir e levantar possibilidades para pensar em estratégias didático-pedagógicas para o ensino das artes visuais a partir da apropriação de palavras.

Metodologicamente, rememorei algumas estratégias pedagógicas que fizeram parte das minhas práticas como professora. Pela construção de mapas cartográficos visualizei o passado, verifiquei o presente e questioneei o futuro com a apropriação de textos, imagens, anotações e memórias. Desenvolvi um movimento

autorreflexivo para construir partes desta escrita, uma vez que me apropriar de meus textos e escritos diários é reviver e viver as experiências docentes realizadas. Isso me proporcionou o desenvolvimento da estrutura do texto com a seção 1, 2, 3 e 4.

Na seção 1, “*Palavras-imagens-palavras*”, busco explicitar como crio metáforas para deixar claro o que entendo e como penso palavras e imagens como terra e paisagens. As experiências docentes e de discente são terras que são levadas para outros espaços onde se ressignificam em lugares que logo vão se transformar. Compreendi com Tuan (1983) que esses espaços e lugares não são apenas circundantes de fatores geopolíticos e compartilho a ideia de um viver social, histórico e cultural com as subjetividades de cada indivíduo.

Na seção 2, “Estratégias metodológicas da pesquisa”, encontro caminhos que podem possibilitar a compreensão da questão que está norteando a pesquisa. Como uma das estratégias metodológicas construí um mapa como um modo de compreender os caminhos escolhidos para desenvolver uma pesquisa que se estabeleceu como autobiográfica em um viés cartográfico. Nos momentos de escrita de um diário e na construção do mapa, mapeei incertezas com os autores Deleuze e Guatarri (1995), na medida em que apareceram muitas dúvidas e indagações advindas da pesquisa.

Incertezas que contribuíram para a organização do conhecimento e apontaram para caminhos que possibilitaram reflexões para a criação desse mapa me levou aos “percursos sinalizadores, contextualizadores, referenciais, experienciais”.

A respeito dos “percursos sinalizadores”, refiro-me ao meu encontro com textos que me indicaram como eu crio e me aproprio das palavras a partir das *palavras-imagens-palavras* numa perspectiva contemporânea de ensino. Nesses momentos reflexivos descobri com Magritte, no texto de Foucault (1988), através do sistema de representação verbal e visual em busca de semelhanças e similitudes (Beck, 2004) que o sistema de significações propõe um caminho para pensamento possível. E em diálogo com Didi-Huberman (2010) entendi um pouco mais sobre a interação com a imagem.

Continuando minhas reflexões, caminho pelos “percursos contextualizadores” em que percebi práticas que me fazem refletir sobre meu caminhar como professora. A minha forma de pensar *palavras-imagens-palavras* possibilitou construir um modo de trabalho com estratégias metodológicas para o ensino de artes visuais. E ainda uma forma de me conectar com as/os estudantes através de seus trabalhos artísticos.

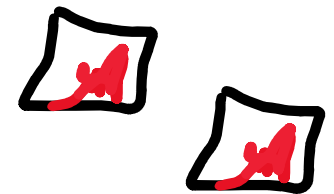
Nos “percursos referenciais”, minhas reflexões entraram em ebulição com as obras da artista Rosana Paulino. A obra “Parede da Memória” foi o pontapé para eu iniciar uma contextualização da proposta que realizei com os/as estudantes em sala de aula em 2020. Proposta que me levou a perceber como estou trabalhando com *palavras-imagens-palavras*. Mas durante esse caminhar percebi que a artista não tem como fator principal a utilização de palavras em sua obra, e por isso, para me ajudar a construir um pensamento sobre a arte contemporânea e o uso de palavras nas produções de arte, encontrei os artistas José Leonilson (1957 - 1993) e Elida Tessler (1961-).

“Em rota nos caminhos experienciais” é o momento da pesquisa que é fluido para que eu pudesse compreender como trabalhar com as *palavras-imagens-palavras*. É nesse percurso, que chamo de “encontros experienciais”, que me encontro com os/as participantes dessa pesquisa. Elaborei e realizei quatro encontros experienciais, on-line, para tentar compreender com eles/as como seria a apropriação de palavras para produção nas aulas de artes visuais. E como as palavras podem despertar olhares, pensamentos e vivências artísticas. Na busca de pensar *palavras-imagens-palavras* através de fragmentos de memórias em diálogo com Rosana Paulino,

Tessler e Leonilson, incitei um diálogo com os/as participantes nos encontros e por meio de perguntas em um formulário *Google*.

Na seção 3, “As aprendizagens a partir do diálogo com os/as participantes”, entrei em diálogo com professores/as e futuros professores/as de Artes Visuais para compreender como as experiências com a docência e estudos em artes visuais podem contribuir com as aprendizagens através da apropriação de palavras, na medida em que fomentam relações a partir de subjetividades, no contato com o outro, no pensar e perceber o mundo. Para essa análise me baseei nos escritos de Rosana Câmara (2013), com um tipo de investigação que também compreendo nas referências de Laurence Bardin (1977) no seu livro intitulado “Análise de Conteúdo”. Todas as falas fizeram parte da busca e recorte nas transcrições, comentários e questionário, pelas palavras referentes ao tema memória. Criei uma tabela com categorias, que foi uma construção ocasionada pelo agrupamento a partir dos recortes das unidades de registro, previamente classificadas com subtemas. Identifiquei a classificação dessas falas pelo contexto do tema memória transitando pelas *histórias de vida, lugares, afetos, temporalidades, objetos, docência e imagens de arte* que dialoguei com o tema memória como fruto de apropriação de palavras com Le Goff (1990) e Bosi (1979 e 2003)

A seção 4 apresento as reflexões que denomino de “Apontamentos para futuros percursos” sobre a compreensão que obtive sobre meu modo de trabalhar e pensar *palavras-imagens-palavras* para o ensino de artes visuais na educação básica. Nessa sessão mostro uma síntese do processo vivenciado com *palavras-imagens-palavras* através da elaboração de um vídeo que construí com fragmentos retirados dos arquivos (vídeos, diários, escritas, mapa, imagens e outros) organizados ao longo desta pesquisa. É um vídeo em que busco levar para professores/as de Artes Visuais o processo que vivenciei ao longo da pesquisa e minha maneira de organizar as estratégias metodológicas tanto de pesquisa como de ensino.





\P

*Letra que, repetida, e
com um "que" no meio é
bastante usada em casos de
topada. (FALCÃO, 2013, p. 69)*



PALAVRAS-IMAGENS-PALAVRAS

...chega enquanto desejo e sensações
explícitas em uma camada de formas,
texturas e grafismos

O instrumento decisivamente socializador da memória é a linguagem. Ela reduz, unifica e aproxima no mesmo espaço histórico e cultural a imagem do sonho, a imagem lembrada e as imagens da vigília atual. (BOSI, 1979, p.18)

1 PALAVRAS-IMAGENS-PALAVRAS

Palavras-imagens-palavras não representam somente um discurso escrito, mas também um discurso poético, no qual a palavra chega enquanto desejo e sensações explícitas em uma camada de formas, texturas e grafismos, fazendo-me perceber o trabalho com palavras como sustentação para experimentações em arte. Um poema sem palavras, imagético, uma palavra em imagem, uma imagem em poema, as emoções por trás das palavras literárias para criação imagética do cotidiano que possibilita dar significações, sinônimos, antônimos, advérbios e conjunções do dicionário individual de cada um/a.

Nesse caminhar durante a pesquisa se faz necessário compreender a metodologia que desenvolvi para trabalhar com

palavras, pois em minha prática docente as palavras sempre surgem durante o meu processo de criação didático-pedagógico. Elas representam para mim *terras-paisagens-terras*, e configuram a troca da terra que nutre a paisagem e vice e versa. Considero como contínuos os processos de lavrar, semear, espalhar, regar, aguar, cuidar para a nutrição de criação de imagens. *Terras-paisagens-terras* está para *palavras-imagens-palavras*, em que a palavra alimenta a imagem e a imagem alimenta a palavra.

Utilizo essas metáforas para compreender como a palavra (escrita, falada, pensada) nasce imageticamente nas minhas produções e nos processos artísticos dos/as estudantes. As palavras não são apenas as dos livros e as indicativas na lousa ou nas orientações, são as que saem e encontram outras palavras. Cada estudante é cercado de palavras internas, ou melhor, terras em encontro com outras se juntam em paisagens mentais e se materializam. Busco também no dicionário a definição do que significa: palavra, terra, imagem e paisagem⁴, para conhecer seus significados e criar maiores relações, como uma maneira de coletar palavras e me apropriar delas.

⁴ **palavra**

01. *E. Ling.* Unidade mínima com som e significado que pode, sozinha, construir enunciado; forma livre;

terra

01. Solo sobre o qual se anda;
02. A parte branda do solo;

Nesses momentos reflexivos, incitados pela investigação, surgem algumas questões: a) Como é possível significar e ressignificar um processo didático-pedagógico para a utilização de uso das *palavras-imagens-palavras* para desenvolver o ensino de artes visuais; b) De que maneira as imagens podem aguçar a consciência dos/as professores/as?; e c) Como nos vemos nas palavras que nos rodeiam?

Ao levantar essas indagações demonstro minha intenção de pesquisar como esse processo é capaz desenvolver meu olhar nesse caminho para aprendizagem, quando investigo as possibilidades de ensinar em diálogo com *palavras-imagens-palavras*. Essa pesquisa surge das minhas práticas, porque ainda não havia conseguido desenvolver um processo de registros e análises do modo como venho trabalhando enquanto professora de Artes Visuais. Mas agora um desejo enorme surge e se torna necessário registrar, questionar, pesquisar referências, realizar reflexões e desenvolver processos.

Vejo-me envolvida nesse caminhar buscando rememorar algumas estratégias didático-pedagógicas que fazem parte das minhas práticas como professora. Reflito sobre um caminho em especial, que é o da construção de mapas cartográficos na tentativa de mapear essas trajetórias vividas, pois posso, com os mapas, visualizar o passado, verificar o presente e questionar o futuro com a apropriação de textos, imagens, anotações e memórias. Desenvolvo um movimento autorreflexivo para construir partes desta escrita, uma vez que me apropriar de meus textos e escritos diários é reviver e viver as experiências docentes realizadas.

Nos caminhos que me proponho a seguir, as imagens são as paisagens em um itinerário que considero oferecer possibilidades para que eu possa contar, dizer, expressar e falar com quem nesses caminhos comigo seguir, uma vez que cada caminho é a vivência de uma imagem, de uma paisagem que está num espaço, num lugar que possui uma terra que sustenta. É a forma que encontro para traduzir a nutrição das paisagens nos caminhos percorridos. As imagens

03.A parte sólida da superfície do globo;

imagem

01.representação gráfica, plástica ou fotográfica de ser ou de objeto;

02.Produto da imaginação, consciente ou inconsciente; visão;

paisagem

01.espaço de terreno que se abrange num lance de vista;

Minidicionário Aurélio. Disponível em:

<http://aurelioservidor.educacional.com.br/download>. Acesso em: 28 fev. 2022.

diversas carregam nutrientes vindos das palavras que possibilitam transformar o espaço.

Compreender como construir abordagens metodológicas para essa pesquisa em ensino de artes visuais me inquieta desde o início. A todo o momento me encontrava tentando identificar, categorizar tudo que era levantado dentro de uma tabela organizacional, ou mesmo achar uma forma de me inserir na mesma. Assim, as premissas de minhas escolhas pessoais e de ser professora trazem a minha trajetória poética representada pelo elemento visual, que é a linha e que caracteriza os percursos por mim percorridos nos lugares que habitei e habito. São imagens e palavras que considero como experiências adquiridas por esses caminhos por meio do que escuto, falo, escrevo e leio.

Durante esse processo investigativo, observo que é necessário construir um pensamento que sinalize o que compreendo por *palavras-imagens-palavras*, que remetem à pluralidade das relações em sentir e pensar espaços e lugares. Essa junção me ajuda a desenvolver um processo de investigação e produção para o ensino de artes visuais.

Para mim, a palavra não é apenas uma grafia da imagem, ela é uma das partes fundantes e importantes no processo que desenvolvi

no ensino, por isso estabeleço um modo de pensar com *palavras-imagens-palavras*. Parto da ideia de que uma produção imagética que carrega palavras em sua construção possibilita subjetividades nas experiências individuais que suscitam novas conexões que vão além dos códigos verbais da gramática. Uma imagem com palavras não indica apenas ver a palavra, ler pelos seus signos, buscando significados, semelhanças, e realizar as conexões de significados nominais pré-estabelecidos.

1.1 Lara estudante/professora

Comecei a perceber que realizar uma pesquisa com arte envolve o meu percurso de formação como estudante na educação básica e minha formação em Educação Artística com habilitação em Artes Plásticas. O desejo de investigar a prática docente que venho desenvolvendo me fez relembrar os caminhos de formação que já trilhei.

Pensar sobre os caminhos trilhados como estudante na educação básica é pensar em um momento em que o ensino de arte prezava pela cópia e pela reprodução. Lembro-me da disciplina severa, de estar em carteiras alinhadas em uma linha reta, de fazer

uma fila de meninos e meninas, cantar hino nacional com o corpo ereto e os braços em linha reta. E ainda escrever na folha do caderno em linha reta, fazer uma caligrafia em linha reta, colorir seguindo a linha do contorno, furar o jornal com palitos de dente em linha reta, usar o palito de picolé para contar em linha reta... e bem outras linhas retas estavam presentes na minha vida escolar.

Fui educada na escola da educação básica (ensino fundamental) na Escola Estadual Antônio Nunes de Carvalho Filho a partir do ano de 1986 a servir à linha reta, sem possibilidades de encurvá-la, de arrebenhá-la, de dar um nó e de transformá-la em outras possibilidades. Essa educação me criou com medos, almejando a escrita das palavras corretas com receio de dizer o que pensava, de escrever errado, de levantar a mão, de ter medo do universo dos dicionários e dos imensos significantes de cada palavra, como se fosse incapaz de captar toda essa quantidade de significados. Isso me ensinou sempre a respeitar o que me oprimia.

Como pensar em arte se fui educada para estar em linha reta e usar poucas palavras? Quando comecei a frequentar as disciplinas de arte na escola, recordo-me da postura organizada, do desenho delineado, copiado, seguindo técnicas precisas. Muito bonito! Mas era apenas o “capricho” solicitado dentro dos padrões de formações de

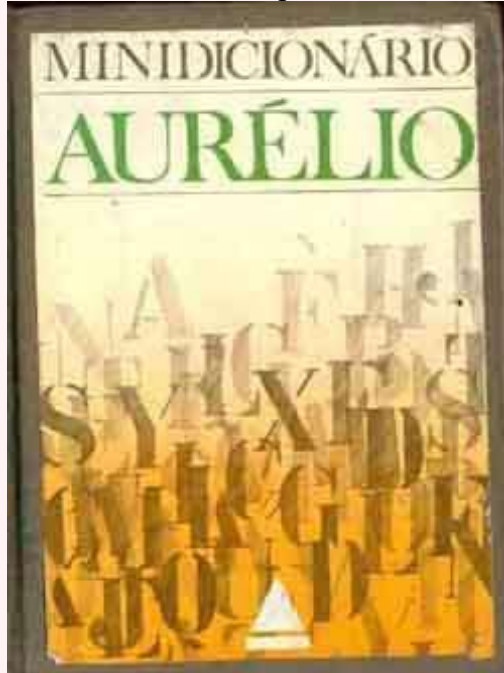
minhas professoras. Professoras, pois não se tinham professores, homens formados em educação artística (nomenclatura usada na época)

Percebo o rompimento na minha infância com o minidicionário que ganhei de minha mãe para levar para escola. Lá ele só era usado quando a professora solicitava, ficava guardado dentro na mochila, como algo intocável, podendo ser aberto somente com a autorização. Mas romper com essa regra em casa era a grande diversão, e por isso abria o dicionário e criava desafios para buscar palavras e seus significados. Cada palavra encontrada se desdobrava em um universo de possibilidades.

Escolho este dicionário devido às afetividades de memória de infância e de minha direção na escola. Meus pais exigiam que tivesse zelo e fizesse bom uso do dicionário, pois carregavam a ideia de durar por muitos anos. Além disso, a capa dele me encantava (Figura 1), via as diversas letras se espalhando como que viajando por um espaço, algumas se aproximavam e outras se distanciavam de mim. Eu queria pegá-las, juntá-las, desenhá-las, escrevê-las.

\Letra Cada uma das meninas do alfabeto quando elas não estão de mãos dadas. (FALCÃO, 2013, p. 53)

Figura 1 - S/t, *Print* da capa do dicionário, 2022



Fonte: https://www.estantevirtual.com.br/sebotraca/aurelio-buarque-de-holanda-ferreira-minidicionario-aurelio-3002367306?show_suggestion=0. Acesso em: 28 dez. 2022.

⁵ **lavar**

01. Sulcar (a terra) com arado ou charrua; arar, amanhoar, cultivar.

semear

01. Deitar sementes à terra, para que germinem.

espalhar

01. Lançar para diferentes lados; dispersar; espargir;

regar

01. Umedecer por irrigação ou aspersão; molhar, aguar; irrigar.

aguar

01. Borrifar com água ou outro líquido; regar, molhar.

Observo que vivencio a busca pelas palavras desde minha infância para conhecer outras novas e seus significados. E agora trago essas lembranças nesta investigação para compreender as palavras que utilizo para escrever essa pesquisa. Assim, começo a buscar no dicionário de Língua Portuguesa mais palavras ligadas ao contínuo trabalhar com a terra, como lavar, semear, espalhar, regar, aguar, cuidar e nutrir⁵. Isso para me ajudar no processo de entender as *palavras-imagens-palavras* e como a terra faz parte dos lugares que habito, tanto no ser professora quanto estudante.

Permito-me também voltar no tempo e me apropriar desse lugar em que escrevo um texto em 2018, o lugar de graduanda em Pedagogia pela Universidade de Brasília (UnB) e que remeto a outros lugares de estudante.

\Alfabeto *Onde todas as
letras separadas ficam
juntas. (FALCÃO, 2013, p. 7)*

cuidar

01. Imaginar, pensar, meditar; cogitar, excogitar;

nutrir

01. Desenvolver, educar, instruir;

02. Proteger, favorecer;

Minidicionário Aurélio. Disponível em:

<http://aurelioservidor.educacional.com.br/download>. Acesso em: 28 fev. 2022.

[...] Vejo como necessário relatar um pouco do meu desejo e interesse pelo ensino de arte, o qual se dá desde a minha infância, em que, tendo um pai que desenhava, incentivava-me à produção artística, me envolvendo em contexto de cores e formas através de materiais de produzir arte. Outro fator importante, foi passar minha infância em meio a tecidos com texturas e cores, que se encontravam no ateliê de costura de minha mãe, no qual os contos se transformavam em recortes elaborados e sofisticados pela minha imaginação. Tudo isso, acredito que influenciou o meu futuro acadêmico quando escolhi, nos primeiros vestibulares, cursos da área de criação, como design de moda, decoração e por fim artes plásticas. Neste último, o curso de artes plásticas, eu passei no vestibular e caminhei por seis anos em estudos com os quais me identifiquei profundamente. Nos primeiros anos do curso, a escolha de áreas específicas das artes na grade curricular do curso se baseava pelo interesse em artes gráficas e tecnológicas, até que, em um momento específico devido às necessidades de ingressar no mundo do trabalho, me levam para o caminho do ensino. Tendo feito tanto licenciatura como bacharelado, anteriormente no curso de Educação Artística com Habilitação em Artes Plásticas na UFU (Universidade Federal de Uberlândia), resolvi iniciar a docência. Meu interesse pela área de ensino foi despertado e com ele a necessidade de aprofundar os conhecimentos na área de educação. Para isso, entrei no curso de pedagogia na minha cidade, Araguari, na modalidade EaD (Educação a Distância) promovida pela UFOP (Universidade Federal de Ouro Preto). Com minha mudança para Brasília, senti dificuldades para continuar o curso, mas é quando participo da transferência facultativa para UnB.

Relembrando rapidamente: quando entrei na Secretaria de Educação do Distrito Federal-SEEDF, em 2014, a regional de ensino para a qual tomei posse foi a Regional de Ceilândia, onde permaneci por cinco anos, sempre tentando remanejamentos internos e passando por outros externos para ficar na Regional do Plano Piloto, pois não me interessavam outras; apesar de gostar muito da Regional de Ceilândia, necessitava mudar pela distância de minha residência.

Nesse período que fazia remanejamentos, também participei de um processo para me qualificar para tentar vaga em Escolas Parques. Consegui remanejamento interno para uma escola de ensino médio em Ceilândia e remanejamento externo para uma escola classe no Plano Piloto para atender ao ensino fundamental, anos iniciais. O primeiro é sempre o remanejamento interno e posteriormente o externo, isso significa que ao bloquear a carência da segunda escola invalida-se o primeiro bloqueio. Assim, permaneci um ano nessa escola (2019) e no remanejamento de 2019 para 2020 consegui bloquear uma carência no remanejamento interno do Plano Piloto para uma vaga para Artes na Escola Parque.

Fiquei muito entusiasmada de ir para uma escola no formato da Escola Parque, em que eu nunca havia trabalhado e era inexistente na minha cidade e região. Só que minha experiência presencial durou

pouco, pois comecei em fevereiro de 2020 e as aulas foram suspensas no dia 11 de março de 2020 devido à pandemia ⁶. Desde esse período foram cerca de 4 meses de isolamento total, depois efetuou o distanciamento, mas com encontros virtuais e gradativamente o retorno presencial, mas com distanciamento total do ensino presencial e nenhum contato presencial com os/as estudantes.

Em 2020 eu estava em um momento de grandes mudanças e alterações no processo de docência, buscando novos rumos, como o mestrado. Nesse ano, estava na Escola Parque 308 Sul, e chegar até essa escola foi algo importante, primeiro pela característica da mesma e segundo pela proximidade com minha casa. Estava vivendo um período de angústia, em que tudo se transformou, e afetou a rotina de casa, as atividades físicas, as leituras e outras coisas. Mas, de repente, lembrei-me do edital do PROF-ARTES recebido no grupo do *WhatsApp* dos/as professores/as de Artes Visuais da Escola Parque, antes do isolamento. Quando li o edital pensei que seria demais e não conseguiria naquele momento devido as minhas atividades no

trabalho. Porém, refleti sobre as minhas práticas e entendi que precisava compreender e investigar minhas abordagens ao trabalhar com palavras, e então escrevi o projeto e o submeti ao processo quando realizei a inscrição.

Enquanto isso, estava envolvida com atividades de docência de forma remota utilizando a plataforma *Google Classroom*⁷. As questões tecnológicas não me incomodaram, pois sempre me interessei pelas novas tecnologias e pelo uso de *softwares* e aplicativos educacionais. Entretanto, o que mais me angustiava era pensar que para me aproximar dos/as estudantes seria necessário realizar vídeos, pois era a opção que eu tinha. No entanto, nunca tive prática com esse recurso e ainda sabia que os vídeos me deixariam exposta em vários lugares, na plataforma, entre os/as colegas de trabalho e também para toda uma rede de famílias que teriam acesso aos vídeos das aulas.

Em um autorretrato por meio da fotografia (Figura 2) represento como me senti naquele momento lidando com as

6 Em 11 de março de 2020, a covid-19 foi caracterizada pela OMS como uma pandemia. O termo “pandemia” se refere à distribuição geográfica de uma doença e não à sua gravidade. A designação reconhece que, no momento, existem surtos de covid-19 em vários países e regiões do mundo. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/covid19/historico-da-pandemia-covid-19>. Acesso em: 03 fev. 2022.

7 Google Classroom é o lugar tudo-em-um para ensinar e aprender. Essa ferramenta fácil de usar e segura ajuda os educadores a gerenciar, medir e enriquecer as experiências de aprendizado. Disponível em: <https://edu.google.com/workspace-for-education/classroom/>. Acesso em: 28 nov. 2022.

dificuldades trazidas pela pandemia e como estava exausta com tantas reuniões on-line⁸ da escola e de cursos, eventos e encontros no *Google Meet*⁹ (plataforma de comunicação e conferência). Estava chateada por ter que estar presente em reuniões on-line, cheguei ao ponto de desligar sempre a câmera, não dizer nada. Queria estar como numa sala, sentada no fundo e de capuz para ninguém me reconhecer. Com isso, fiz uma série de fotos em que tento esconder meu corpo na sala do *Google Meet*.



⁸ Que está numa conexão ou na internet no exato momento em que acessa; conectado. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/on-line/>. Acesso em: 28 nov 2022.

⁹ Google Meet- Conecte sua comunidade escolar por vídeo e ofereça aulas, reuniões com as famílias, formação profissional e muito mais. O Meet está incluído no Google Workspace for

Figura 2 – Lara Melo, s/t, Fotografia, 2020



Fonte: arquivo pessoal.

Período em que junto com os/as colegas da Escola Parque fui aprendendo, além de estar me ressignificando como professora. Concomitante a esse processo, saiu o resultado do PROF-ARTES, em

Education e se integra perfeitamente a outros produtos, como o Sala de Aula, o Apresentações, o Documentos e o Gmail. Disponível em: <https://edu.google.com/workspace-for-education/meet/>. Acesso em: 28 nov. 2022.

que fui aprovada para entrevista e depois aprovada como estudante regular do Programa.

Como estímulo para planejar as minhas aulas durante a pandemia, busquei nas minhas memórias e vivências temas do meu cotidiano para estimular minha criação. Foi quando, revisitando minhas caixas de memórias, encontrei uma sandália de quando era criança (Figura 3). Estar em contato com esse objeto me deu a ideia de propor para os/as estudantes que procurassem em casa objetos que representassem sua identidade e que eles/as expressassem em palavras sobre essas sensações de vivenciar a casa com mais intensidade no momento da pandemia.



Figura 3 - S/t, Fotografia, 2020



Fonte: arquivo pessoal

Mas eu tinha também que pensar na elaboração do material impresso adaptado com o que era proposto na plataforma e isso foi um desafio. Promover os encontros pelo *Google Meet* foi muito difícil, pois, por ser uma Escola Parque, os/as estudantes que a frequentavam em um turno, no outro turno iam para a escola regular,

chamada escola classe. Por isso, essa se tornou uma realidade que com o tempo o grupo de professores/as foi percebendo que precisaria ser adaptada e não era viável propor muitas coisas de uma vez. Era preciso levar em consideração que havia falta de tempo e ainda dificuldade de acesso, pois além da demanda das duas escolas, muitos/as estudantes necessitavam do acompanhamento dos pais por causa da faixa etária e esses também tinham dificuldade em assessorar o/a filho/a. Outra questão foi a diminuição de vídeos, pois muitos/as estudantes não tinham dados móveis suficientes.

Nesse processo me vi numa escola com um grupo de professores/as de arte em que cada um/a se organizava dentro de suas metodologias pedagógicas. As turmas em que eu era a professora recebiam o material impresso geral, com isso precisávamos focar em temáticas gerais para o andamento das aulas. O material impresso acabou sendo elaborado por duplas e por bimestre para facilitar o processo. O grupo da manhã ficava responsável pelas turmas de 4º (quartos) e de 5º (quintos) ano e o grupo da tarde pelas turmas do Bloco Inicial de Alfabetização (BIA), que são os 1º (primeiros), 2º (segundos) e 3º (terceiros) anos. Eu fiquei no grupo de 5º (quintos) anos para produzir material impresso.

A Figura 3 apresenta o momento em que fui a responsável por elaborar o material impresso e estava organizando aqueles que seriam utilizados. Esse material impresso apresentava a temática sobre elementos visuais, eram mini apostilas, com conteúdos simplificados e organizados com muitas instruções de realização, por isso, precisei fotografar passo-a-passo. Criei um espaço em casa com tecidos pretos e realizava a organização do material, utilizando o que tinha disponível. Solicitava para realização da atividade materiais mais comuns, como cola, tesoura, folha branca, revistas velhas, mas muitas vezes os/as estudantes relataram não terem folha branca, revistas velhas, tesoura e cola.



Figura 4 - S/t, registro fotográfico, 2020



Fonte: arquivo pessoal.

Sentia que a elaboração das atividades impressas era cansativa e que isso me desestimulava, pois me sentia distante dos/as estudantes e me via apenas como uma desenvolvedora de apostilas com passo-a-passo, sendo que os conteúdos eram focados em uma

sequência de cores, pontos, linhas e formas. Com isso, passei a me reinventar e a me recriar como professora de arte dentro das vivências com o material impresso. E venho percebendo, através das minhas experiências hoje, a potência no trabalho com *palavras-imagens-palavras* e como ele se fortifica em diversas intensidades nessas atividades com os/as estudantes.

Para construção das propostas impressas utilizei como referência um livro de arte contemporânea denominado “Arte Brasileira para Crianças” (2016), que propunha fazeres dentro de um contexto que se distanciava de uma arte eurocêntrica e vinculada à história da arte cheia de certezas e verdades.

Por volta do meio de agosto de 2020, eu já havia elaborado o material impresso e comecei a desenvolver as temáticas do material que os outros grupos estavam elaborando de acordo com as solicitações da escola. As temáticas estavam vinculadas às temáticas: folclore, diferenças e inclusão, primavera, natureza, Dia das Crianças, brincadeiras, semana do livro, aniversário da escola, consciência negra, autorretratos, natureza morta, bichos, sonhos e desenhos. Mas não mais como um passo-a-passo, pois apresentava outras abordagens, além da apresentação dos temas, os conteúdos buscavam

envolver os/as estudantes e se objetivava ouvir suas falas e contribuições.

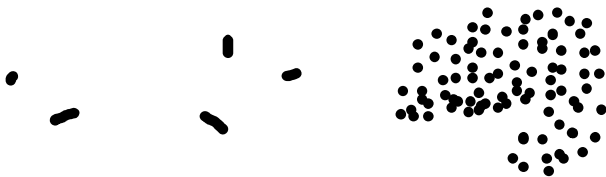
A Figura 5 é o momento em que propus trabalharmos com questões do meio ambiente e utilizo uma planta de minha casa. Com isso, pedi que escolhessem uma planta de suas casas e comesçassem a relatar em um caderno palavras advindas da percepção do contato com as percepções da planta escolhida ao longo de uma semana. Esse mesmo exercício eu realizei também. Por fim, fotografaram a planta escolhida e observada e compartilharam as observações.

Figura 5 - S/t, registro fotográfico, 2020



Fonte: arquivo pessoal.

Comecei a trabalhar também com o tema da primavera, que era um tema proposto pela escola e estava na elaboração do material impresso realizado pelos outros grupos de professores/as. Propus um



trabalho para fomentar um diálogo a partir das flores (Figura 6), pois estávamos na primavera, e que observassem o que elas contam, ou seja, que falassem sobre uma flor que gostassem muito e sobre as sensações que ocorrem quando estão perto dessa flor. Como artista referência utilizei Claude Monet¹⁰ e apresentei a imagem “O jardim Íris em Giverny” (1899-1900). Comentei sobre o jardim da casa de Monet e como ele tinha prazer em observar suas flores e pintá-las.

Como exemplo, apresentei uma fotografia de uma flor do jardim da casa de minha mãe, e que tem um valor sentimental, pois me lembra o meu pai. Essa planta estava plantada em nossa antiga casa quando meu pai ainda estava vivo. Com nossas mudanças, levamos uma muda de agapanto azul¹¹ conosco e hoje está na casa da minha mãe, planta que todo ano floresce lindamente. Compartilhei minhas lembranças com eles/as, explicando que: "escolhi contar para vocês sobre uma flor que significa muito para mim. É um lírio – agapantos azul celeste. Eles floresceram semana passada, junto com a chegada da primavera. Esses Lírios foram plantados pelo meu pai e

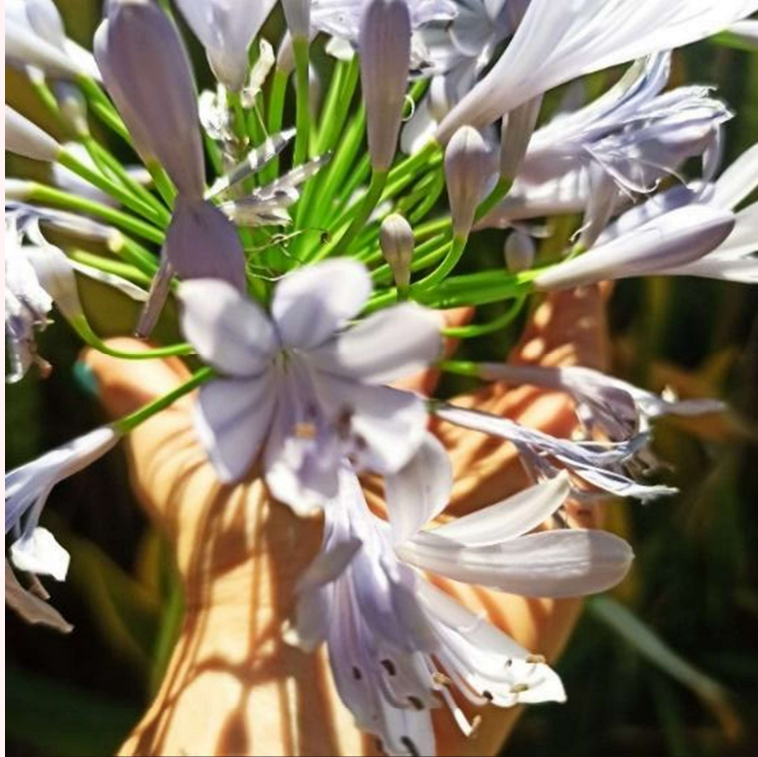
por isso toda primavera quando florescem me causam saudades e me acalmam”. Através da palavra *acalma* propus que fotografassem uma flor, compartilhassem uma palavra que indicasse as suas sensações e lembranças em contato com ela.

epia

¹⁰ Claude Monet (1840-1926) foi um pintor francês considerado um dos mais importantes pintores da Escola Impressionista. Disponível em: https://www.ebiografia.com/claude_monet/. Acesso em: 13 dezembro 2021.

¹¹ Lírio africano (*Agapanthus africanus*), também chamado de lírio do Nilo, perene herbácea planta da família amaryllis (Amaryllidaceae), nativa da África. Disponível em: <https://www.mundoecologia.com.br/plantas/historia-da-flor-agapanto-significado-e-origem-da-flor/>. Acesso em: 13 dez. 2021.

Figura 6 - S/t, registro fotográfico, 2020



Fonte: arquivo pessoal.

Em outubro, no mês das crianças, a escola programou um projeto do Dia das Crianças, e foi preparado um material impresso produzido por um grupo de professores/as. Eu criei uma produção específica com essa temática, e continuei compartilhando as minhas memórias através da foto de um brinquedo produzido pelo meu avô,

que é intitulado *João Teimoso*. Esse brinquedo (Figura 7), tradicional na localidade onde nasci, é antigo, muito produzido pelo artesanato local da época de meu avô, e guarda memórias de tempos e vivências.

Guardo na lembrança como o meu avô me contou que esse brinquedo foi feito, por exemplo, o chapéu a partir de uma xícara de plástico de meus brinquedos, e como ele brincava com ele, pois era muito comum em sua infância e de meu pai. Então, a partir dessa imagem, propus que buscassem histórias de brinquedos de seus parentes mais velhos, e se possível anotassem e brincassem também.



Figura 7 - S/t, registro fotográfico, 2020



Fonte: arquivo pessoal.

Ao me acercar da minha trajetória percebo o caráter nutritivo das palavras na minha atuação como professora, e como essas se alimentam e se espalham no ensino de arte nos diversos espaços/lugares¹² em que estou. Vejo que as minhas consultas no dicionário me levam a pensar que cada palavra pode sair de um lugar e ocupar outros lugares, ou melhor, sair de alguém e nutrir um receptor disponível para compartilhar experiências. São as *palavras-imagens-palavras* que me ajudam na compreensão da minha trajetória, dos lugares que vivenciei e vivencio como estudante e professora.

O autor Yi-Fu Tuan (1983) compreende que a experiência é capaz de definir as relações com os espaços e lugares. Eu coaduno com Tuan (1983) quando ele diz que esses espaços e lugares não são apenas circundantes de fatores geopolíticos e compartilho a ideia de um viver social, histórico e cultural com as subjetividades de cada indivíduo, em que lugares surgem em espaços diante de experiências, por meio das emoções em vários momentos do nosso cotidiano, no

¹² **espaço**

01. distância entre dois pontos, ou a área ou o volume entre limites determinados;

território

01. Extensão considerável de terra; torrão; solo sobre o qual se anda;

lugar

01. Espaço ocupado; sítio;

Minidicionário Aurélio. Disponível em:

<http://aurelioservidor.educacional.com.br/download>. Acesso em: 28 fev.2022.

trânsito contínuo, o que leva também a uma transformação e a uma nova ressignificação dos lugares.

Dessa forma, “as ideias de espaço e lugar não podem ser definidas uma sem a outra” (TUAN, 1983, p. 6), o lugar é inserido em um espaço, e ao longo de nossas vidas desenvolvemos maneiras de significar e transitar por entre os espaços que experienciamos, transformamos e ressignificamos. O autor cita elementos que influenciam as relações com o espaço e o lugar explicando que: “Na experiência o significado de espaço frequentemente se funde com o de lugar, “espaço” é mais abstrato do que “lugar”. O que começa como espaço indiferenciado transforma-se em lugar à medida que o conhecemos melhor e o dotamos de valor.” (TUAN, 1983, p. 6, grifos do autor)

Permito assim relacionar os espaços vividos enquanto professora com lugares experimentados, transformados e ressignificados de forma constante, em que parto de uma escola para outra em vários momentos. Um movimento que se repete várias vezes e acontece nesse momento em que estou cursando o mestrado. Estou em constante mudança, as transformações nem sempre são vontades, mas necessidades. E junto levo as memórias de lugares

experimentados anteriormente que não podem ser esquecidas, pois o esquecimento das memórias de docência inviabiliza meu mudar.

A “experiência está voltada para o mundo exterior. Ver e pensar claramente vão além do eu” (TUAN, 1983, p.10), uma vez que: “[...] a experiência implica a capacidade de aprender a partir da própria vivência. Experienciar e aprender, significa atuar sobre o dado e criar a partir dele” (TUAN, 1983, p.10).

Assim, utilizo a minha memória de estudante na educação básica para pensar a docência. De tal forma, lembro, nesse momento, da escrita sobre as experimentações iniciais com as palavras na infância e verifico que sou tomada por memórias de espaços e lugares passados e presentes. Para Tuan, “um retorno introspectivo à nossa própria infância é frequentemente decepcionante, porque tendem a desaparecer as paisagens luminosas e sombrias de nossos primeiros anos, e perduram apenas alguns acontecimentos importantes como aniversários e o primeiro dia de escola” (1983, p. 22-23).

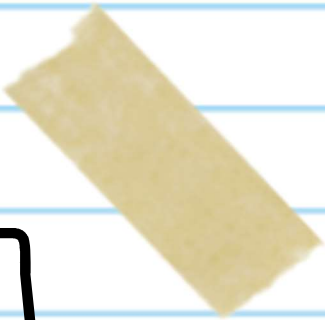
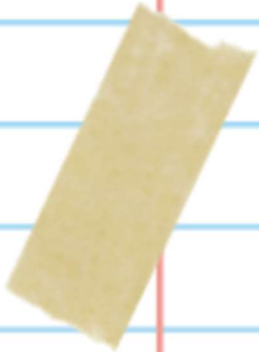
*\ Infância O prefácio da
pessoa. (FALCÃO, 2013, p. 45)*

Aos quarenta e dois anos e alguns meses penso o meu corpo que transita pelas cidades, espaços da infância e da vida adulta. Mas espaços carregados de lugares afetivos que hoje vivem por uma linha imaginária que os separa. Se para Tuan “a experiência é constituída de sentimento e pensamento” (TUAN, 1983, p.11), esse meu modo de sentir e pensar é onde me encontro nessa proposta de experienciar *palavras-imagens-palavras*, tentando me relacionar de forma metafórica com *terras-paisagens-terras* pela memória das experiências da educação básica à docente. De forma que: “[...] a memória e a intuição são capazes de produzir impactos sensoriais no cambiante fluxo da experiência, de modo que poderíamos falar de uma vida do sentimento como falamos de uma vida do pensamento” (TUAN, 1983, p.11).

Mas esse esvaziamento é acompanhado das vivências nas disciplinas do mestrado, tanto no 1º (primeiro) semestre na disciplina de “Metodologia de pesquisa” e na disciplina de “História do ensino da arte no Brasil”, como também no 2º (segundo) semestre nas disciplinas de “Experiência em arte e seminários de Artes Visuais” e “Seminário em Artes Visuais”, que estão apresentadas na Figura 12.



hístória



M Letra um pouco difícil

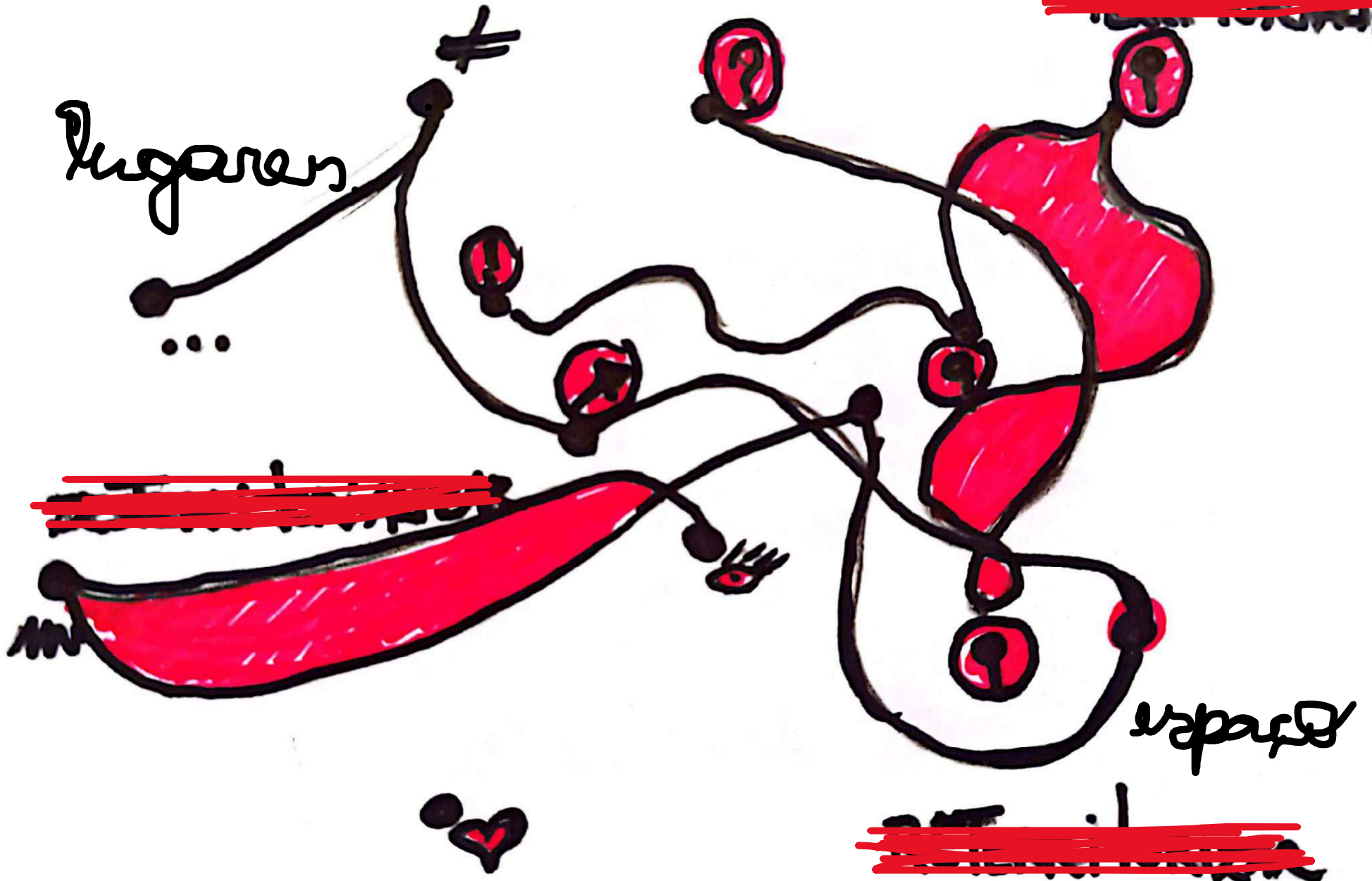
para quem está gripado
(FALCÃO, 2013, p. 55)



ESTRATÉGIAS **M**ETODOLÓGICAS DA PESQUISA

...registrar em palavras, sempre foi
umas das minhas alternativas para não
esquecer...

2/2.1



2 ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS DA PESQUISA

2.1 Existe algum ponto de chegada já determinado?

Registrar em palavras sempre foi umas das minhas alternativas para não esquecer, para rememorar, para guardar, para compartilhar e me alimentar. Nesse processo de escrita no mestrado me veio uma imagem da qual não recordava há tempos, um diário que ganhei de meu pai quando era criança. Era um caderno pequeno dentro de uma capa, como uma caixa que abria com a cor azul, isso foi ótimo, pois ele não optou pelas cores indicadas normalmente para meninas. E acrescento que o ato de me presentear com diário me induz a pensar no seu incentivo para que eu desenvolvesse a escrita.

Quando me recordo desse momento da minha vida, um sentimento de felicidade me invade por ter ganhado esse diário, pois estava nas séries iniciais da educação básica e escrever era uma dificuldade. Estava em uma fase de descobrir palavras, consultar dicionários e pedir ajuda para meus pais e minha irmã. Guardei esse diário por muito tempo, mas hoje já não me recordo qual foi o seu destino.

[...] para o adulto ativo, vida prática é vida prática, e memória é fuga, arte, lazer, contemplação. E o momento em que as águas se separam com maior nitidez. (BOSI, 1979, p.23)

Escrever um diário na fase inicial do ensino fundamental era um modo de fazer um relato da minha vida na escola. Contar sobre os meus dias em casa, minhas brincadeiras, as dúvidas e todo um percurso de minha formação diária, mas tudo de forma bem resumida. Escrevia sobre minha vida, minhas vontades, desejos, os incentivos de meu pai e da minha mãe. Diferente da escrita que desenvolvo neste projeto, em que apresento a escrita da minha formação, autoformação, vivências, experiências como professora, e que carrega falas autorreflexivas e questionadoras.

Considero importante recordar sobre o meu diário, pois é nesse processo de vivenciar o mestrado que vou me reconectando com várias memórias que me formaram, de espaços e lugares que habitei e ressignifiquei. E são lembranças que estão vindo à tona quando estou escrevendo o meu diário atualmente, a escrita sobre momentos que vivenciei e vivencio no mestrado PROF-ARTES.

A partir das angústias de encontrar um caminho, de organizar a escrita, de me constituir como professora, de expor dúvidas sobre a minha pesquisa, comecei a escrever em forma de diário, como um

alento as minhas indecisões. Essa escrita do diário começou a partir do dia 5 (cinco) de julho de 2021, momento em que as aulas do mestrado já haviam começado e em que anteriormente havia realizado algumas escritas iniciais relacionadas à pesquisa.

Ao escrever em meu diário, que se tornou um instrumento de pesquisa, percebi que posso recorrer a escritas anteriores sobre questões que me ajudam a me observar como estudante e professora em um trajeto de experiências, resistências e existência. Comecei a incluir espaços com anotações, mapas conceituais, registros fotográficos, gráficos e esquemas que criei para pensar a pesquisa, momento em que percebi que estava construindo um mapa rizomático.

Assim, o que apresento nas minhas escritas do diário demarca meu caminho enquanto professora e estudante. Falo dos momentos de estar na docência nesse período, de criação em arte e como pesquisadora, que me levaram para pontos autorreflexivos, descritivos, questionadores e investigadores.

São escritas que não têm uma disciplina, como por exemplo, escrever todas as segundas-feiras, ou mesmo escrever durante todos os dias da semana. Chamo de diário, pois crio procedimentos internos para anotar em dias aleatórios, sem realizar rigidamente a escrita.

Escrevo quando tenho vontade de escrever, em dias de angústia, de dúvidas, inquietações e felicidades. Às vezes não tenho vontade de escrever, às vezes apenas cito algo daquele dia para não perder detalhes na memória. Um diário que não segue um modelo pré-estabelecido de formatação, pois simplesmente acontece, no devir cartográfico pelos mapas e nos mapas dos devires do diário.

A partir de registros, anotações e lembretes advindos do meu diário, do que vivo enquanto professora, descubro-me em uma pesquisa autobiográfica, construindo um relato autobiográfico, pois “nas pesquisas na área de educação adota-se a história de vida, mais especificamente o método autobiográfico e as narrativas de formação [...]” (SOUZA, 2004, p.140).

Como professora, ao escrever o meu diário, relato as vivências, falo de mim, da minha prática de professora que cria e imagina, do que vivo e aspiro. Nesse sentido, a minha escrita nessa pesquisa, em alguns momentos, evidencia as anotações que fiz e faço no meu diário, em arquivo digital, em diferentes formatos, que inicio sempre com a frase: *Para hoje e a data 00/00/0000*, que são escritas onde conto o meu fazer, como penso, como me organizo para escolher as leituras, minha compreensão dos pensamentos das autoras e dos autores, as reflexões e os momentos de orientações. Uma vez que

considero esses registros escritos como fontes autobiográficas na pesquisa, é possível perceber, com a citação abaixo, que essas fontes são parte das tradições individuais e coletivas de discurso de quem as faz, o social e o histórico não se distanciam nesse processo, pois:

[...] considera as narrativas autobiográficas como método de investigação e compreende, por sua vez, dois direcionamentos: o estudo da constituição e da análise de fontes (auto)biográficas e o estudo das tradições discursivas referentes aos diferentes modos de autobiografar. (PASSEGGI.; SOUZA; VICENTINI, 2011, p. 375)

Pelo exercício autobiográfico no meu diário trago relatos que me ajudam a organizar a minha escrita e o processo de construção dos meus percursos metodológicos de pesquisa quando elaboro um mapa que criei na parede de minha casa na sala. E que indica o meu modo de agir com a palavra e se conecta com a imagem ao aparecer em textos, recortes, imagens e palavras na construção do mapa, ou seja, um texto (palavras) que forma um mapa (imagem).

Portanto, concomitante à escrita do diário, fui construindo um mapa no decorrer da pesquisa para refletir sobre meu processo de escrita e sobre o período do mestrado, os caminhos que escolhi, o que já foi feito, quais podem ser os próximos passos. Como a construção

do mapa acontece na parede da minha sala, há momentos de deslocamento, como por exemplo, quando o levo na mala em uma viagem até ser recolocado na parede. Desta forma, esse mapa se apresenta como uma estratégia metodológica para me ajudar a pensar em uma metodologia para a pesquisa em ensino de arte que compreende como autobiográfica em um viés cartográfico.

O mapa é uma construção que não possui uma linha cronológica pré-estabelecida com meses, datas e possíveis entregas. Essa não é uma viagem programada com roteiros, locais de visita, pontos de descanso e fotografias. Esse caminho vai se constituindo na busca por percursos desenhados pela minha autobiografia, experiências, vivências, desejos, memórias, pois assim o caminhar se faz ao caminhar. O poeta espanhol Antonio Machado (1875-1939), em um de seus escritos, diz: “caminhante, não há caminho, se faz

\Registro *Papel que pensa*
que é pessoa, casamento, morte,
imóvel, divórcio, mas é só papel,
coitado. (FALCÃO, 2013, p. 84)

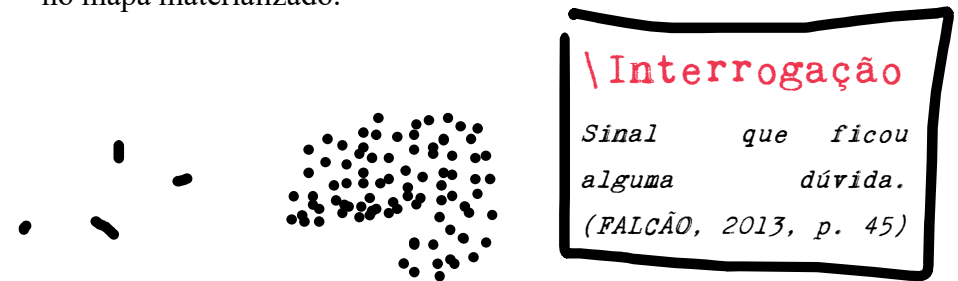


caminho ao andar”¹³. É nesse percurso que encontro as trilhas, as estradas, os atalhos e os becos, e tenho a clareza de que a paisagem se modifica quando mudo a terra em que piso. Encontro nessas modificações a leveza do percurso, a beleza, embora ande por limites, trilhas escuras, paisagem onde não avisto o chão.

Assim, o mapa nasceu a partir do encontro de dúvidas e angústias que se materializam em uns papéis A4 jogados pelo chão, com *posts* coloridos e as palavras escritas com canetas. Colei os papéis na parede e comecei a criar o meu mapa (Figura 8), levando em consideração que “[...] pode-se desenhá-lo numa parede e concebê-lo como obra de arte, construí-lo como uma ação política ou como uma meditação” (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 22). Nesse início, desenvolvi um procedimento de indicar os momentos do que vou realizando, e isso se segue ao longo da construção do mapa, como organização de lugares no mesmo. Na Figura 8, escrevi sobre a busca por descritor apropriação, descritor palavra e imagem e escrita do meu conceito de apropriação

Esse mapa esteve enrolado, e fui anotando em papéis e guardando em uma caixa, pois estou em processo de mudança de casa, e nesse processo, não consigo mais utilizar a parede como vinha fazendo. Ansiava por uma nova parede, o mais rápido possível. E nesse período fui construído também em outro aplicativo do *Google*, o *Jamboard*¹⁴, a montagem de frames de momentos que entram no mapa da parede, com fotografias e recortes de momentos importantes.

Nessas imagens é possível observar como organizei esse mapa, partindo de etapas, ou seja, cada etapa da pesquisa é um semestre em que adicionei momentos importantes de inserções feitas no mapa materializado.

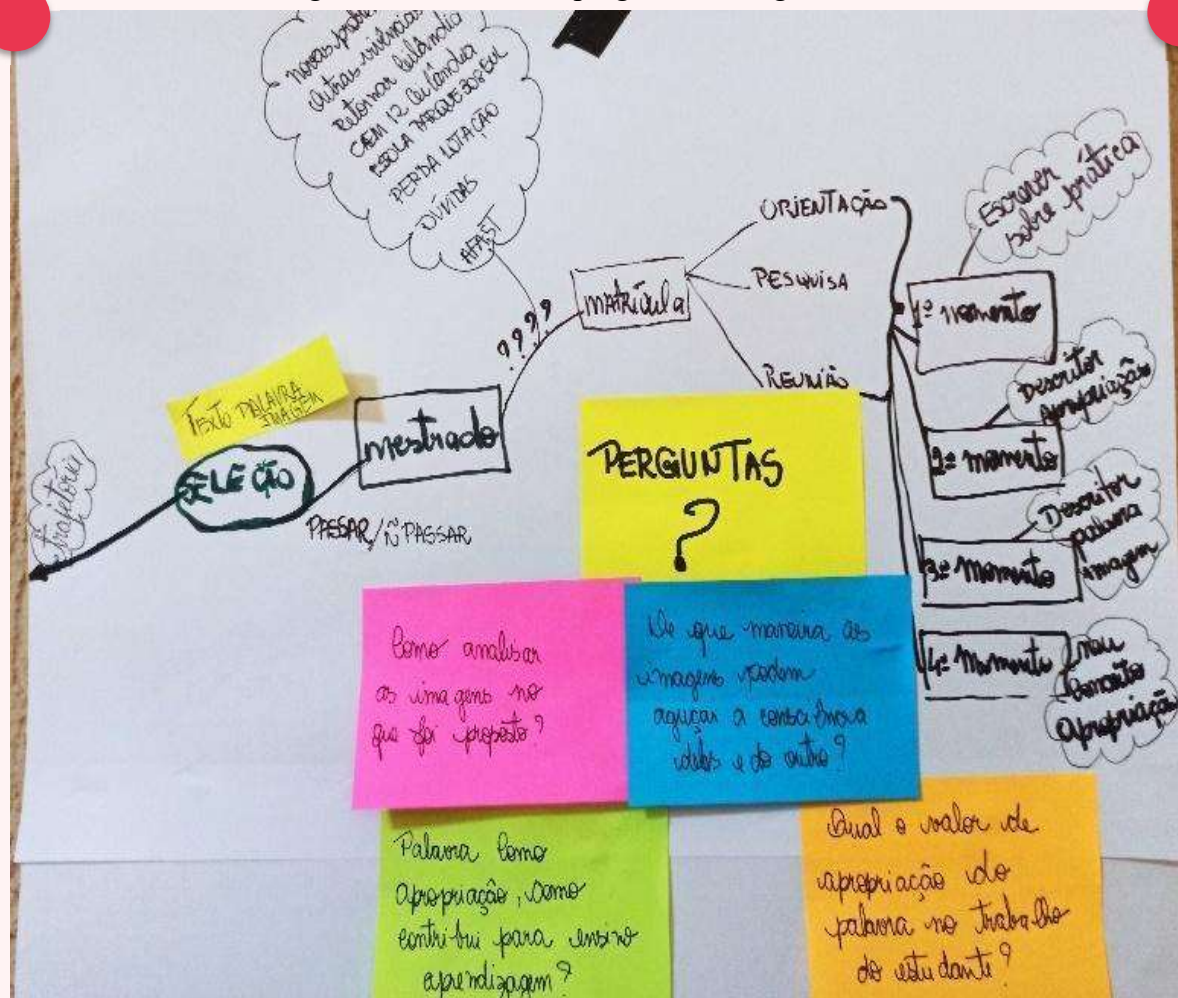


¹³ Fonte: <http://cultura.fm.cmais.com.br/radiometropolis/lavra/don-antonio-machado-epigrama-xxix-do-livro-proverbios-e-cantares>. Acesso em: 10 jun. 2022.

¹⁴ Jamboard é o quadro digital do G Suite, que oferece uma rica experiência de colaboração para equipes e salas de aula. Assista a sua criatividade se desdobrar: você pode criar um Jam,

editá-lo a partir do seu dispositivo e compartilhá-lo com outras pessoas. Disponível em: https://play.google.com/store/apps/details?id=com.google.android.apps.jam&hl=pt_BR&gl=US. Acesso em: 28 nov. 2022.

Figura 8- Construindo perguntas, Fotografia, 2021



Fonte: arquivo pessoal.

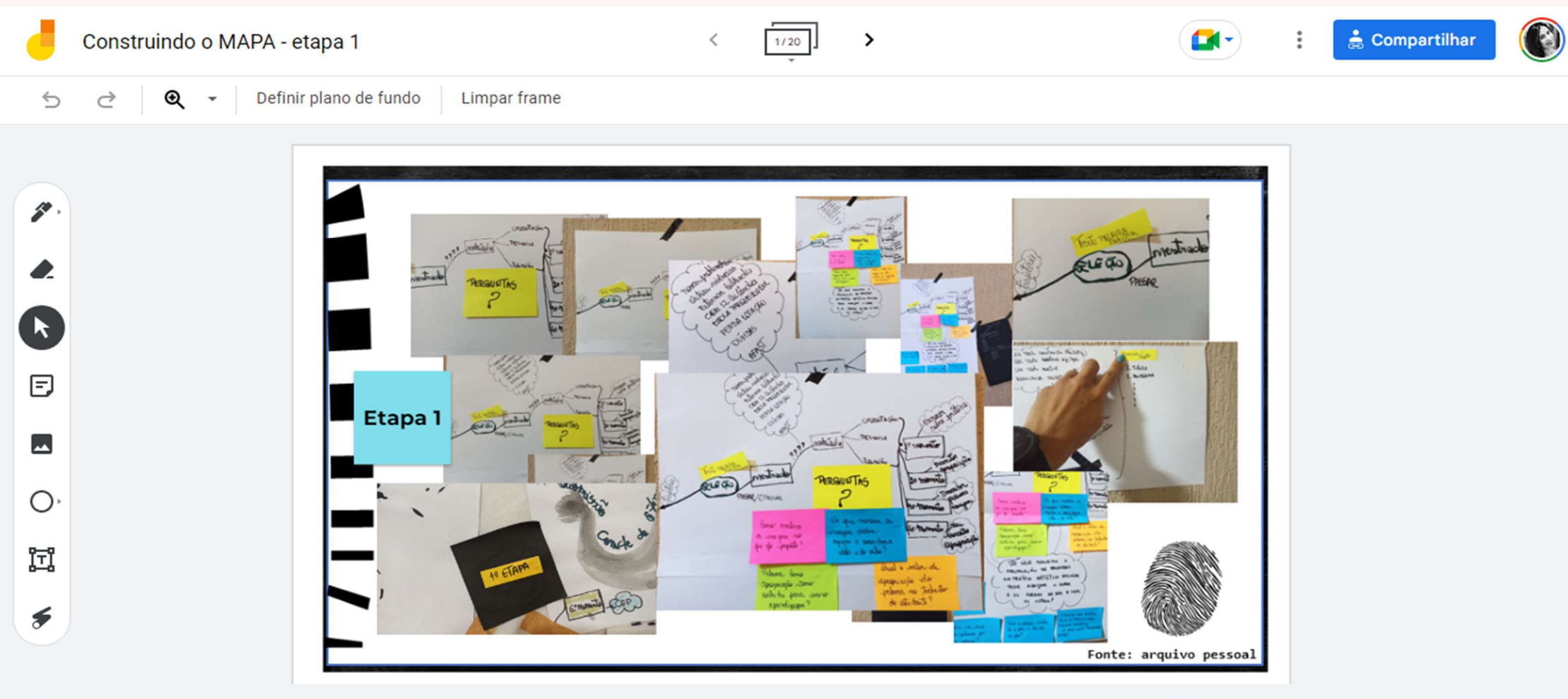
A Figura 9 se refere à etapa 1 - 1º (primeiro) semestre cursado no mestrado, com um mosaico de fotos do início da construção do mapa.

A Figura 10 também diz respeito ao 1º (primeiro) semestre, e na fotografia, é possível visualizar minha mão indicando o que coloco nessa parte nesse momento da pesquisa. É uma fase de reescrita do projeto, pensando o problema, os objetivos gerais e específicos, as justificativas, as metodologias e as referências bibliográficas, além do formato da pesquisa.

Atualmente, o mapa está em uma parede em que realizei a ampliação, sempre registrando fotograficamente. Nas ocasiões de distanciamento desta parede, refleti a partir da organização no *Jamboard*, que me ajudou a compreender os momentos e os percursos da pesquisa e as aprendizagens pelas disciplinas do mestrado. (Figura 11 e 12)

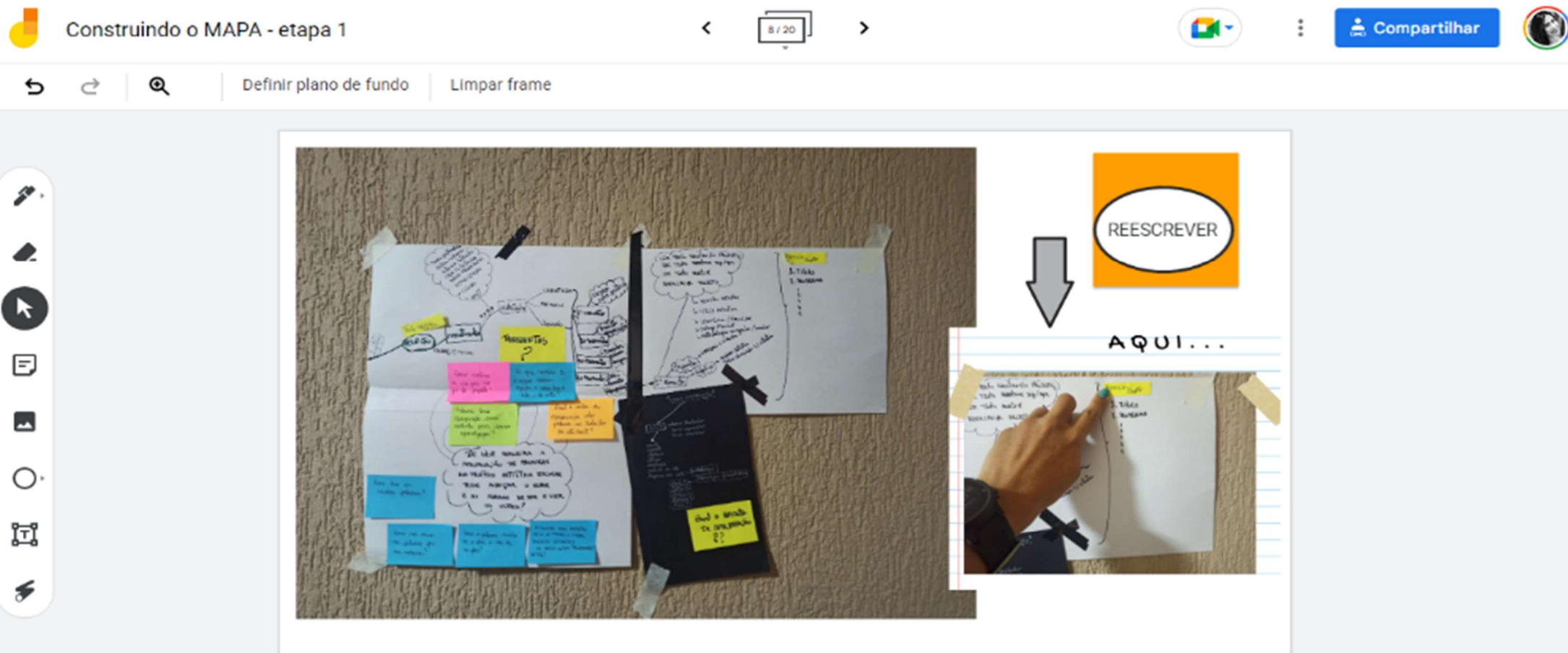


Figura 9-Etapa 1, Print, 2021



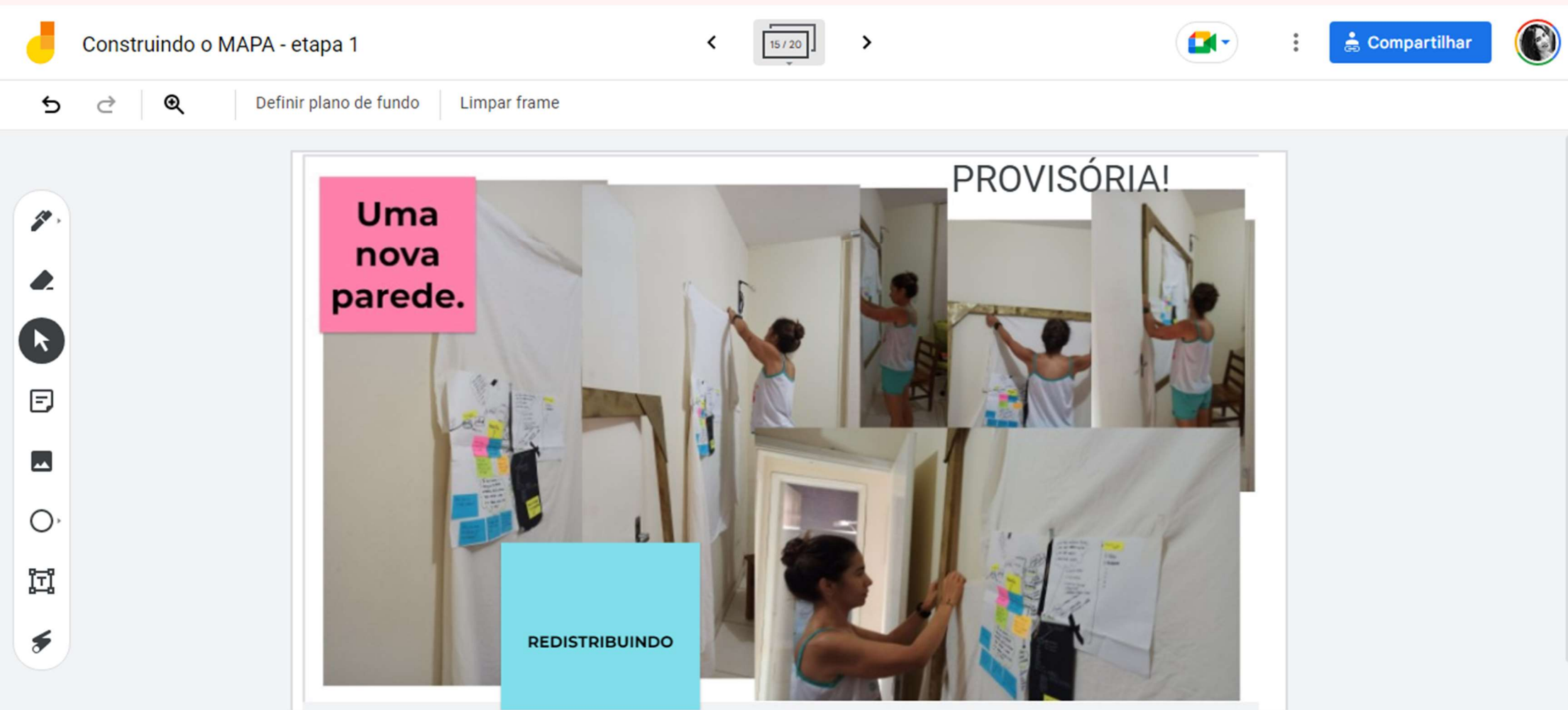
Fonte: arquivo pessoal.

Figura 10-Reescrita do projeto, *Print*, 2021



Fonte: arquivo pessoal.

Figura 11- Uma nova parede, *Print*, 2022



Fonte: arquivo pessoal.



1 / 20

Prossigo inserindo dados de acordo com o espaço e minha movimentação por ele. Entendo que “o prestígio do centro está bem determinado. As pessoas em todos os lugares, tendem a considerar sua terra natal com o “lugar central”, ou o centro do mundo” (TUAN, 1983, p. 44, grifos do autor), do lugar do centro, no espaço da parede para o lugar dessa parede no espaço da casa de minha mãe, no lugar da casa no espaço da minha terra natal. Não deixo de me conectar com essa experiência de sentir e pensar sobre uma construção identitária da parede configurada como um lugar confortável e seguro.

Meu corpo se conecta nesse espaço encontrando lugares por onde consegue se mover por essa parede. O ““espaço” é um termo abstrato para um conjunto complexo de ideias” (TUAN, 1983, p. 39, grifo do autor), e para algumas pessoas a relação com um espaço se difere de outras pessoas, a maneira como irá dividi-lo, o ponto de partida, o alcance das partes do corpo e do olhar, ou seja, “[...] os princípios fundamentais da organização espacial encontram-se em dois tipos de fatos: a postura e a estrutura do corpo e as relações (quer próximas ou distantes) entre as pessoas” (TUAN, 1983, p. 39). Dessa forma, começo a compreender como o meu corpo efetua um papel importante na construção desse mapa na parede, a minha relação com ela não deixa de ser influenciada pela minha altura, pela

disponibilidade de movimentar, do que consigo alcançar pelo olhar, do centro como início e sem dúvida da distância do alcance de outras pessoas com esse mapa sem linearidade estabelecida, mas que surge de acordo com o corpo sobre o espaço e o lugar.

2.1.1 Encontro com Deleuze e Guattari

Entendo o caráter metodológico dessa pesquisa para o ensino em artes visuais, que encontra aportes na investigação autobiográfica com um viés cartográfico em consonância com o pensamento de Deleuze e Guattari (1995). Esses autores explicitam que “escrever nada tem a ver com significar, mas com agrimensar, cartografar, mesmo que sejam regiões ainda por vir” (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 12-13). Segundo os autores, em cada cartografia há relações subjetivas que proporcionam um processo de sair dos lugares seguros para transformar, uma oportunidade de abandonar alguns modelos, normas, formas, conceitos. Um processo que contém memórias, experiências, novos conhecimentos, como uma necessidade humana para se modificar.

Nos relatos autobiográficos percebo uma relação com a minha prática docente, em que as palavras são terras que nutrem as paisagens

e as imagens são paisagens, que estão nos caminhos para que ocorra o ensino de arte. As paisagens/imagens carregam nutrientes vindos da terra/palavras que me possibilitam transformar o meu lugar. Posso expandi-las quando cavo e as retiro para serem levadas para outros espaços e assim, preencho outras crateras e nutrir a criação com terra.

São metáforas que crio com a terra, para explicar a utilização de palavras na minha criação artística e docente. Pensar a partir de metáforas é como perceber como a palavra possibilita criar imageticamente pelas experiências nas produções e processos artísticos dos/as professores/as. De certo, *palavras-imagens-palavras*, partem para mim, de uma construção imagética com apropriação de palavras que não se distanciam dos lugares individuais, mas provocam experiências nas vivências que acometem o processo de docência.

Nesse sentido, encontro conexão com os processos educacionais já que na minha trajetória docente percebo que “o território pode ser relativo tanto a um espaço vivido, quanto a um sistema percebido no seio da qual um sujeito se sente em casa” (GUATTARI; ROLNIK, 1986, p. 323). Além disto, pode haver um processo de rompimento com esse lugar vigente, em um movimento concomitante que gere transformação e ressignificação através do pensamento que permite a criação.

Busco com Deleuze e Guattari (1995) compreender que minhas escritas no mestrado não partem de tentar significar tudo que passa pela vivência, como estabelecer um significado ao que ocorreu em determinados lugares, mas é a cada cartografia, a cada medir terras, medir palavras, ou seja, a cada lugar perceber os valores das relações subjetivas sobre as relações com as *terras-paisagens-terras*, pois surgem outras escritas, outras possibilidades, que se conectam com outras.

A construção do mapa parte das minhas vivências das relações nesse medir terras e palavras, espaço, ou seja, verifico, a partir das minhas experiências, as diversas relações e conexões possíveis, crio lugares, e observo paisagens e imagens, lugares, ou melhor, busco uma linha que se ramifica em outra, corto, reitero e acrescento em outro rizoma.

Entendo que o rizoma se ramifica e se expande em diversas direções, como as raízes de uma árvore, e que existe todo um outro contexto embaixo da terra e em outros momentos essa ramificação se expande para cima. Há momentos em que sua raiz é arrancada e fora da terra se rizomatiza em direções diversas de acordo com as luzes e a alimentação necessária. Na ruptura de uma raiz, ela buscará outros lugares alcançar e se instalar como uma linha de fuga.

Dessa forma, o conceito de rizoma apresentado pelos autores, conforme mencionado acima, não se baseia em uma raiz organizada de linhas que saem sempre nas mesmas direções e se ramificam, em uma ordem perfeita e fixa; pelo contrário, essas raízes são orgânicas e se tensionam, lutam, transformam-se e buscam novos trajetos.

Sobre o lugar e sua transformação, percebo que as raízes pertencentes a um lugar se rizomatizam em uma organização até a ruptura, o arrancar, o tirar, ou o cortar, e esse ato ocasiona a mudança dessa raiz. Para compreensão dos principais caracteres de um rizoma, Deleuze e Guattari (1995) expõem que:

Resumamos os principais caracteres de um rizoma: diferentemente das árvores ou de suas raízes, o rizoma conecta um ponto qualquer com outro ponto qualquer e cada um de seus traços não remete necessariamente a traços de mesma natureza; ele põe em jogo regimes de signos muito diferentes, inclusive estados de não-signos. O rizoma não se deixa reconduzir nem ao Uno nem ao múltiplo. Ele não é o Uno que se torna dois, nem mesmo que se tornaria diretamente três, quatro ou cinco etc. Ele não é um múltiplo que deriva do Uno, nem ao qual o Uno se acrescentaria ($n+1$). Ele não é feito de unidades, mas de dimensões, ou antes de direções movediças. Ele não tem começo nem fim, mas sempre um meio pelo qual ele cresce e transborda. Ele constitui multiplicidades lineares a n dimensões, sem sujeito nem objeto, exibíveis num plano de consistência e do qual o Uno é sempre subtraído ($n-1$).

Uma tal multiplicidade não varia suas dimensões sem mudar de natureza nela mesma e se metamorfosear. Oposto a uma estrutura, que se define por um conjunto de pontos e posições, por correlações binárias entre estes pontos e relações biunívocas entre estas posições, o rizoma é feito somente de linhas: linhas de segmentaridade, de estratificação, como dimensões, mas também linha de fuga ou de desterritorialização como dimensão máxima segundo a qual, em seguindo-a, a multiplicidade se metamorfoseia, mudando de natureza. Não se deve confundir tais linhas ou lineamentos com linhagens de tipo arborescente, que são somente ligações localizáveis entre pontos e posições. Oposto à árvore, o rizoma não é objeto de reprodução: nem reprodução externa como árvore imagem, nem reprodução interna como a estrutura-árvore. O rizoma é uma antogenealogia. É uma memória curta ou uma antimemória. O rizoma procede por variação, expansão, conquista, captura, picada. ((DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 33-34)

De acordo com as ideias dos autores, reconheço que o rizoma proposto por eles como uma cartografia parte de linhas, não se baseia em uma única, ou em várias, mas são as que existem para aquele momento de emoção e criação, pois as linhas se transformam, e logo não carregam ordenamento, nem os mesmos conceitos de antes, pois se metamorfoseiam. Essas linhas não significam apenas uma multiplicação, mas uma modificação, transformar-se em outro, algo que não acontece com as árvores, suas ramas e raízes.

Buscando compreender o que é um rizoma e para descobrir como construir um mapa rizomático, reflito, a partir de alguns excertos dos dois autores, sobre o que eles colocam como princípio para diferenciar o rizoma da raiz, sendo o “1º (primeiro) e 2º (segundo) - Princípios de conexão e de heterogeneidade: qualquer ponto de um rizoma pode ser conectado a qualquer outro e deve sê-lo” (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 14).

A partir desses dois princípios, percebo que não há uma homogeneidade. Ao criar o mapa nessa pesquisa não existe uma pureza da organização das linhas, estilos e ordem. Esses são encontrados muito mais nos pré-mapas mentais que se desdobram no mapa. Talvez os mapas mentais tenham seguido muito mais essa ordem e ramificação embrenhada na ramificação da árvore, com as condições de genealogias e linhagens.

Um outro princípio, o 3º (terceiro), é o “Princípio de multiplicidade: é somente quando o múltiplo é efetivamente tratado como substantivo, multiplicidade, que ele não tem mais nenhuma relação com o uno como sujeito ou como objeto” (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 15). Nele, o múltiplo não significa multiplicar muitos do mesmo, significa ter múltiplas linhas de diferentes significados. O mapa em questão parte de linhas de anexos que se

transformam. São as linhas de experiências, de dúvidas e de angústias que se juntam com a prática, voltam no hoje, no pessoal, no profissional, retornam e se modificam em uma outra experiência, como um sistema de interconexão.

No quarto princípio é exposto:

4º (quarto) - Princípio de ruptura a-significante: contra os cortes demasiado significantes que separam as estruturas, ou que atravessam uma estrutura. Um rizoma pode ser rompido, quebrado em um lugar qualquer, e também retoma segundo uma ou outra de suas linhas e segundo outras linhas. (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 17).

Isso indica que a ruptura não é para levar a raiz igualmente para outro ponto, em um sistema de linhagem que se ramifica sempre da mesma forma e com a mesma genética, mas para acrescentar e transformar. Cabe o demudar, nesse processo, ressignificar-se em outro lugar transformando, e não apenas mantendo a genealogia. Observo esse aspecto novamente reconectado ao mapa da pesquisa, e vejo como em alguns momentos, ao construí-lo, fui descolando partes dele, transferindo para outros lugares, jogando fora outras partes, conectando-o a outro ponto para conseguir outros significados.

O 5º (quinto) e 6º (sexto) são “Princípio de cartografia e de decalcomania: um rizoma não pode ser justificado por nenhum modelo estrutural ou gerativo. Ele é estranho a qualquer ideia de eixo genético ou de estrutura profunda” (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 20). Retornando à questão genética, da linhagem, ou mesmo de uma estrutura linear e contínua, observo que a linha de construção do rizoma no mapa que crio de forma física vai e volta, conecta, desconecta, invade, ocupa, joga fora, reelabora, a cada dia se metamorfoseia, reciclando-se em um outro novo. Não se baseia na representação de uma mesma imagem em decalque, mas é uma cartografia inédita.

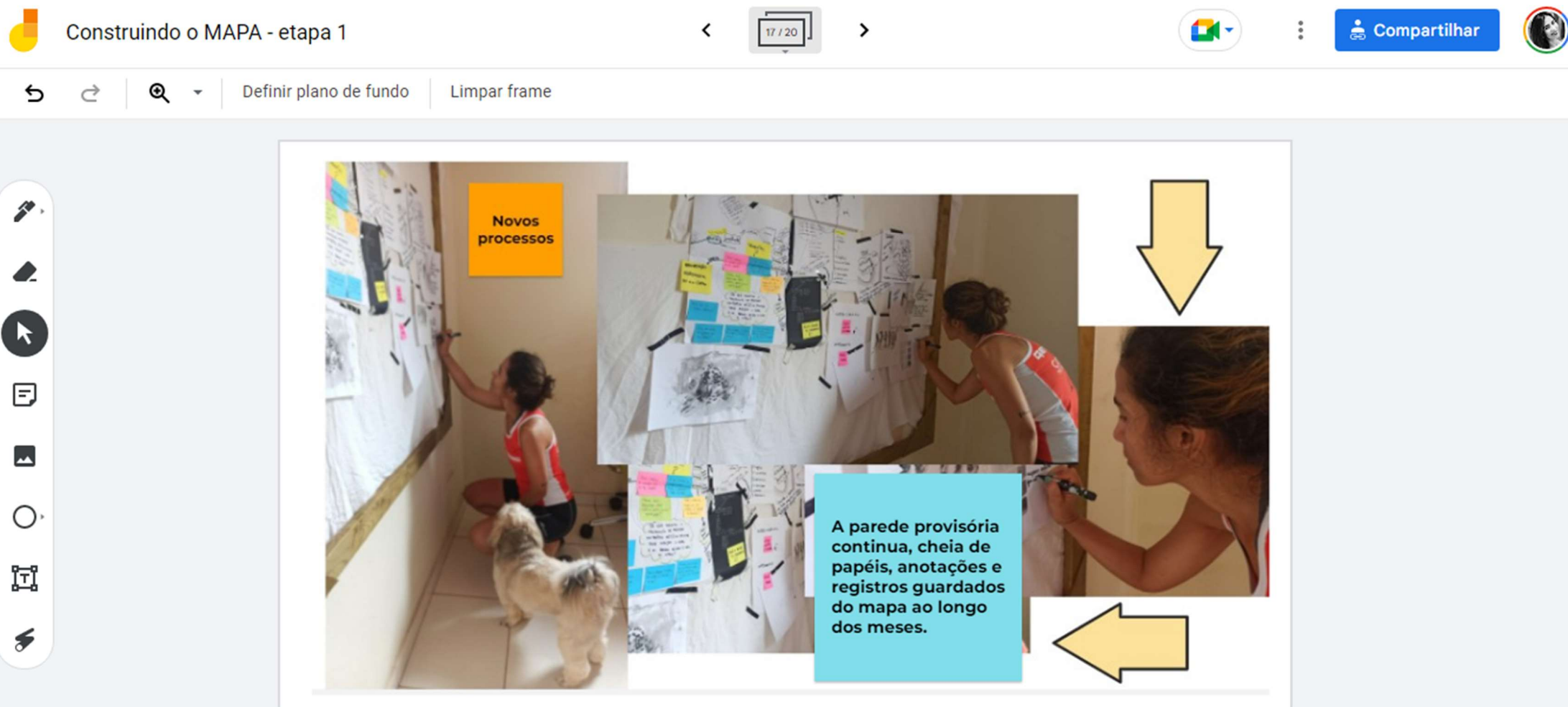
Após essas reflexões sobre rizoma, compreendo que o mapa que construo no processo de investigação pode criar outros desdobramentos, utilizei vários caminhos para sua construção, uma vez que ele se dá pelas minhas necessidades do momento. E assim o mapa (Figura 13) é criado de acordo com os meus momentos vivenciados, quando realizo anotações e utilizo também textos, papéis, fotos, linhas, canetas, tecidos, objetos, tinta, linha, agulha, esquemas e mapas conceituais, todavia tudo se transforma na construção do mapa.

Nesse processo do corpo com o espaço da parede me vejo na construção do mapa, parto da posição vertical, com meu corpo em pé, em frente à parede, posso observá-la e transitar movimentos, alcançando lugares, tanto que o mapa se desdobra fortemente na parte que alcanço com facilidade, pois,

Na posição ereta, o homem está pronto para agir. O espaço se abre diante dele e imediatamente pode diferenciá-lo nos eixos frente-atrás e direita-esquerda de acordo com a abertura de seu corpo. Vertical-horizontal, em cima-embaixo, frente-atrás e direita-esquerda são posições e coordenadas do corpo que são extrapoladas para o espaço. (TUAN, 1983, p.40)



Figura 13-Parede provisória contínua, *Print*, 2022



Fonte: arquivo pessoal.

Assim, com base nessa fala de Tuan (1983), compreendo que meu corpo se conecta profundamente com esse espaço do mapa, não indicando apenas um espaço em um território político, geográfico e social, mas em frente ao espaço de uma parede busco alcançá-la pelas partes do meu corpo e tamanho. Fixo um centro com base em meu olhar em posição ereta, que sigo num sentido horário e aumento partindo da direita para a esquerda, de baixo para cima. “Além das polaridades vertical-horizontal e alto-baixo, a forma e a postura do corpo humano definem o seu ambiente espacial como frente-atrás e direita-esquerda” (TUAN, 1983, p.44), sendo que, “direita e esquerda são diferenças que tenho que reconhecer. São meios, para atingir meu objetivo que fica sempre à frente” (TUAN, 1983, p.48).

Assim são as metáforas com a terra, uma movimentação que, de infinitas direções, deixa o momento anterior e sempre leva adiante um prosseguimento. Nessa investigação, reflito também sobre a transformação da terra com as palavras, ao sair de um lugar e alcançar outro, ao se misturar, virar outra terra, outras formas nas infinitas direções. Penso na terra que germina as árvores, como as raízes que se ramificam e são essas terras/palavras que transformam as árvores com sua nutrição, e ao estarem cada vez mais enraizadas, também se transformam. Nesse caso, as árvores são os seres humanos que vivem

num lugar formado de paisagens/imagens e são alimentados por terras/palavras.

Deste modo, evidencio que terras/palavras podem ser códigos completos de experiências, que ao mudarem de espaço e lugar se transformam em uma descodificação. Logo, o descodificar os ressignifica em novas paisagens/imagens. Pensando assim, apresento no próximo tópico – “Mapeando incertezas” - os desdobramentos dos percursos metodológicos pelos diários e mapas que levam à configuração de caminhos incertos.

2.1.2 Mapeando incertezas

Vejo a cartografia sem uma fórmula e caminhos exatos a serem seguidos, pois “diferente de outras metodologias de pesquisa, a cartografia apresentada pelos autores não possui etapas formuladas ou procedimentos específicos a serem seguidos” (LEMONS; OLIVEIRA, 2017, p. 46), mas uma maneira individual de cada pesquisador se descobrir diante de seu objeto de pesquisa, dentro do lugar de afetos e emoções que vivencia, ou seja, “não é necessariamente a obra finalizada o objetivo da pesquisa, e sim o percurso, o processo de instauração e investigação que acontece durante esse caminho,

gerando diferentes conexões, significados, questionamentos” (LEMOS; OLIVEIRA, 2017, p. 41). Mesmo que haja objetivos, a cartografia não se baseia em fixar o olhar para o ponto final, mas simplesmente dar o primeiro passo e vivenciar cada passo nesse trajeto, até mesmo se permitindo rasurar o mapa.

Lemos e Oliveira acrescentam que “o mapa é a materialização, a representação de imagens, e a cartografia é responsável pela criação dessas imagens, ou seja, o processo” (LEMOS; OLIVEIRA, 2017, p. 47). Assim, quero compreender durante a construção deste mapa físico como se dá um processo de cartografar o ensinar, criar e investigar sobre o ensino de arte. São os caminhos que estabeleço incluindo meu corpo, emoções, afetos e experiências que envolvem a minha prática artística e docente. Experimentações que faço no processo de construção do mapa e na realização desta pesquisa em que visio compreender meus espaços e lugares que indico nas leituras e no pensamento de Deleuze e Guatarri (1995) e Tuan (1983) durante o período do mestrado.

É também, “um processo que se reinventa enquanto se pesquisa” (LEMOS; OLIVEIRA, 2017, p. 47). E as ramificações me modificam e me transformam em outra. Nesse sentido, início uma experimentação artística, em que busco expressar “nas questões

subjettivas de um ambiente de pensamento” (LEMOS; OLIVEIRA, 2017, p. 47), as relações com o que é por mim vivenciando na docência e com o que vivenciarei com os/as professores/as.

Construir um mapa é uma criação lenta, um processo que se ramifica de acordo com os caminhos que faço na pesquisa. Para criar esse mapa, consultava anotações de cadernos, registros do diário em arquivos digitais e alguns manuscritos que passo para o digital, agendas que eu estou construindo. Passo horas olhando para o mapa para me conectar com ele, e durante esse tempo de imersão tenho sonhado, pensado e me percebido nas propostas cotidianas da minha prática docente. Venho refletindo durante essa construção, com ideias que vêm e vão, perdem-se em pensamento quando não me lembro de anotar, vão ao vento, mas meus sonhos indicam caminhos, minhas memórias dão pistas. Por isso, anotei..., anoto o que lembro, não esquecendo que as leituras também indicam caminhos.

Logo, construo o meu mapa rizomático, levando em consideração que “o rizoma se refere a um mapa que deve ser produzido, construído, sempre desmontável, conectável, reversível, modificável, com múltiplas entradas e saídas, com usos linhas de fuga” (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 32). Ou melhor, é um mapa zigomático, que está sendo criado em minha parede e que me leva a

desenvolver uma pesquisa de caráter metodológico, que compreende a autobiografia com um viés cartográfico, um processo em criação, sem linearidade, que irá possibilitar a criação desse mapa.

Assim sendo, no processo de imersão com a construção do mapa consegui visualizar caminhos que denomino de percursos, em que me inspiro nos meus textos escritos em 2006, 2008, 2018 e em outras experiências. Nesse sentido, as reflexões geradas indicam percursos formados inicialmente, que são: a) sinalizadores, b) contextualizadores, c) referenciais e d) experienciais. Esses caminhos surgiram no percurso da construção do mapa e estão sendo trilhados para dar continuidade a esta construção, não de forma sequencial, mas em convergência.

Os percursos experienciais indicam a finalização dos percursos traçados para essa pesquisa, e após os encontros experienciais proponho refletir sobre as falas dos/as participantes para compreender a pergunta norteadora que está me movendo nesta pesquisa sobre as aprendizagens de pensar as *palavras-imagens-palavras*.

\Sonho *Um outro você que fica acordado enquanto você dorme. (FALCÃO, 2013, p. 90)*

\Pergunta *Frase escura à espera de uma frase luz. (FALCÃO, 2013, p. 75)*

S *Letra que vira dinheiro*
quando um traço cai e cima
dela. (FALCÃO, 2013, p. 87)

Percursos **S**inalizadores

...apropriação da palavra na
construção da imagem...

2.2

SEM EXPLICAR

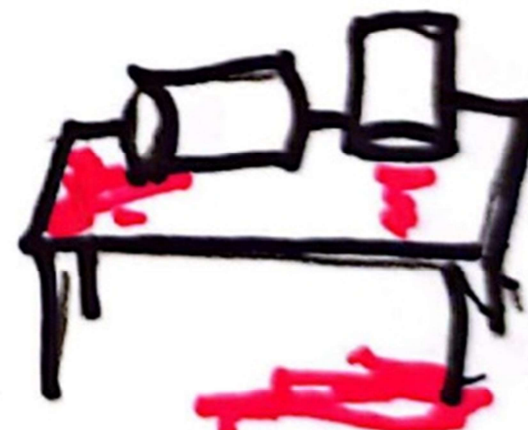
DUVIDE

INCERTEZA

OLHAR

SE VER

SER Visto



2.2 Percursos sinalizadores

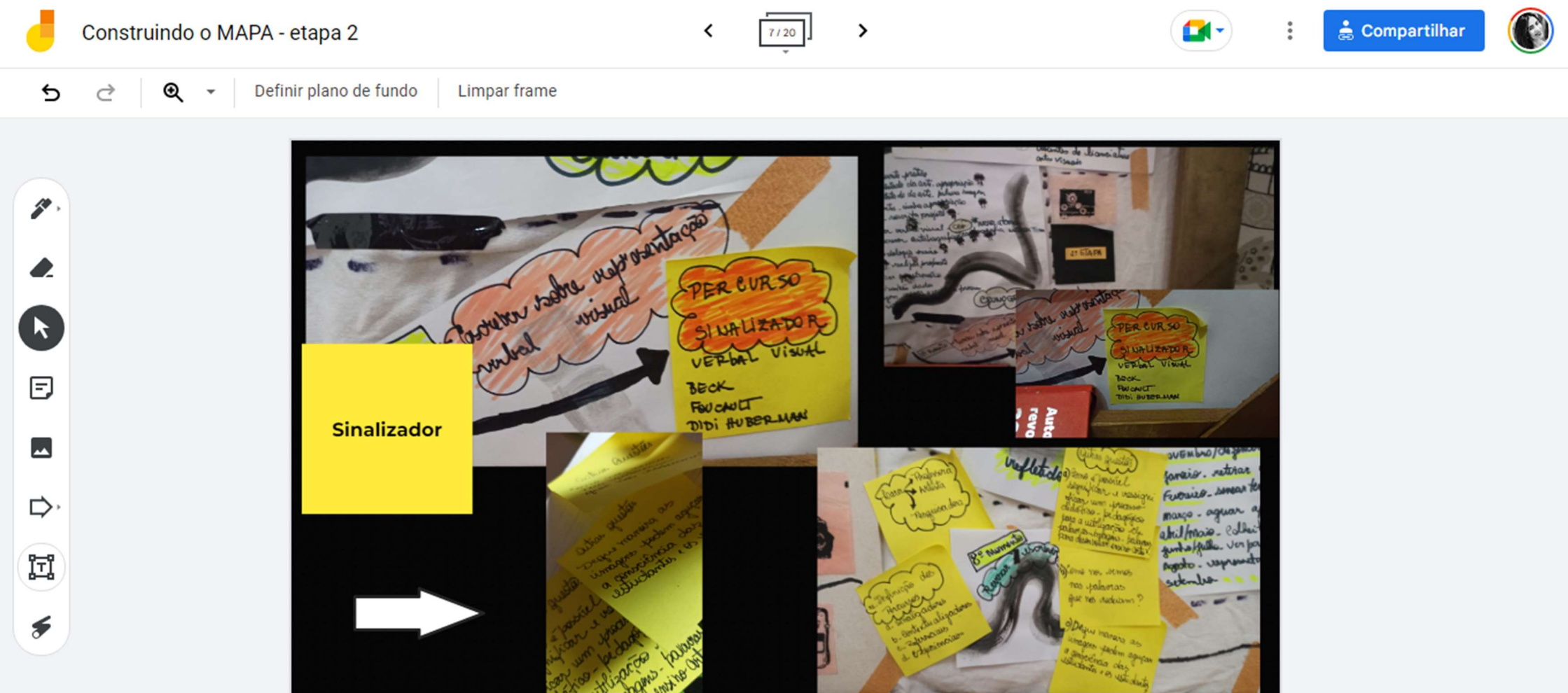
A respeito dos percursos sinalizadores, refiro-me a uma direção para a pesquisa, em que observo e me encontro com textos que me indicam horizontes do sentir e do pensar como professora que cria e se apropria das palavras a partir das *palavras-imagens-palavras* numa perspectiva contemporânea de ensino, tendo como foco a pergunta: *Como a apropriação de palavras pode aguçar as memórias através da produção em Artes Visuais?*

Começo esse percurso realizando um estado da arte para buscar descritores como apropriação, palavra e imagem em dissertações e teses que abordam arte num recorte de 2017 a 2020. Esse início ocorreu através do termo apropriação, em bases de dados referentes a teses e dissertações, em que verifiquei que a apropriação acontece em vários contextos e possibilita um diálogo com temas diversos, como: gênero, corpo, afetos, medos, memórias, *selfie*, casamento, artesanato, fotografias, representações, discursos e outros. Em contato com essas teses e dissertações pude perceber que a representação imagética da caligrafia, da tipografia, da grafia e da escrita aparece nesses trabalhos como apropriação para construções imagéticas.

A Figura 14 mostra essa organização inserida no mapa e aparece logo abaixo nas inserções da reescrita do projeto. Esse é o momento em que faço leituras dos materiais organizados e escrevo sobre esse percurso sinalizador.



Figura 14- Inserção no mapa do percurso sinalizador, *Print*, 2022



Fonte: arquivo pessoal.

Nesse estado da arte que realizei sobre a pesquisa de artistas que trabalham com a apropriação de palavras nas suas representações visuais, encontrei pesquisas em que descobri o percurso poético dos artistas José Leonilson (1957 - 1993) e Elida Tessler (1961-). Um encontro que me ajudou a perceber como esses artistas brasileiros trabalham com suas produções, e como é possível extrair muitos significados em seus trabalhos. Como são artistas que utilizam a linguagem verbal e a linguagem visual na perspectiva da arte contemporânea, identifiquei-me com suas produções, e por isso os convidei para seguirem comigo nessa pesquisa para tentar compreender meu modo de trabalhar com *palavras-imagens-palavras*.

Nesse caminhar descobri várias pesquisas sobre José Leonilson (1957 - 1993) e uma de modo especial chamou minha atenção, a dissertação de mestrado intitulada “Palavras fora de lugar – Leonilson e a inserção de palavras nas artes visuais”, de Ana Lúcia Beck de 2004. Nesta pesquisa, a autora explicita as relações da obra de José Leonilson com o uso das palavras que ela define como uma imensa possibilidade de interpretações, pois ele “subverte a referencialidade da linguagem e possibilita aquilo que ele mesmo define como um leque de interpretações” (BECK, 2004, p. 87).

Caminhei também com a artista Elida Tessler (1961-), e para compreender o seu modo de produzir, recorri a algumas pesquisas, e destaco uma intitulada “Continuidade Visual: presenças de James Joyce, Orhan Pamuk e Marcel Proust na obra de Elida Tessler”, de Leila de Souza Teixeira (2018). Essa autora considera que as obras de Elida Tessler são palavras “[...] capturados das narrativas nas quais aparecem, e transpostos para a visualidade como palavras-imagem. Nesse processo de extrair o vocábulo do livro e realocá-lo em outro meio” (TEIXEIRA, 2018, p. 11). Um processo em que observo, em Elida Tessler, um apropriar de palavras retiradas do contexto usual.

Ao ler esses trabalhos citados, e a partir das produções de José Leonilson e Elida Tessler, percebi que venho trabalhando no ensino de artes visuais com a apropriação de palavras, e essa apropriação desencadeia as minhas práticas de docência. Por isso, refleti sobre o termo apropriação e diálogo com dissertações e teses encontradas na (Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) e no Banco de Teses e Dissertações da CAPES para compreender o descritor “apropriação” em arte num recorte de 2017 a 2020.

Um exemplo, dentre vários que selecionei, nessa pesquisa do estado da arte é a dissertação a “Fotografia de Casamento: Crítica de

Gênero e Sexualidade a partir do Trabalho de Rosângela Rennó”, de Suzana da Costa Borges Longo (2017). A autora investiga o processo da artista Rosângela Rennó e como a apropriação de imagens se dá pelo uso de fotografias de casamentos, “e das redes de significações que essas fotografias possuíam antes de sua apropriação” (LONGO, 2017, p.32), que me conecta com a rede de significações também existentes nas palavras apropriadas.

Ainda inquieta neste processo de pesquisa, busquei por referências, através de uma revisão do estado da arte, o descritor “palavra e imagem”, busca realizada no mesmo formato, utilizado anteriormente para o descritor apropriação, em que consultei a Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) e no Banco de Teses e Dissertações (CAPES) num recorte de 2017 a 2020. E me deparei com várias pesquisas como, por exemplo, a dissertação “A dissolução da paisagem: imagem, espaço e tempo na vídeo-instalação”, de Muriel Paraboni (2017). Nessa dissertação, a autora explica a sua trajetória artística relatando sobre a presença de textos-palavras-poemas em suas imagens e vídeos instalações. Nesse contexto que apresenta, ela trata da representação visual ao soltar a palavra do seu local habitual, com o objetivo de “desamarrar a palavra do conceito, torná-la irredutível à razão, tomar a palavra em sua

máxima autonomia, a palavra como palavra”. (PARABONI, 2017, p. 95)

O estado da arte contribuiu para que eu pudesse perceber como considero a apropriação da palavra na construção da imagem nesse caminhar com *palavras-imagens-palavras*. Através do meu modo de trabalhar com *palavras-imagens-palavras*, busquei entender como a apropriação de palavras é capaz de fomentar um sentir e um pensar espaços e lugares através de produções em artes visuais que utilizam o verbal e o visual.

Foucault reflete sobre o conceito de semelhança até o século XVI, esclarecendo que as semelhanças permanecem em:

Todo o volume do mundo, todas as vizinhanças da conveniência, todos os ecos da emulação, todos os encadeamentos da analogia são suportados, mantidos e duplicados por esse espaço da simpatia e da antipatia que não cessa de aproximar as coisas de mantê-las a distância. Através desse jogo, o mundo permanece idêntico; as semelhanças continuam a ser o que são e a se assemelharem. O mesmo persiste o mesmo, trancafiado sobre si. (FOUCAULT, 2016, p. 35)

Nessa perspectiva de que as coisas ou as palavras se conectam ou se distanciam por semelhanças, as palavras aparecem sem deixar maiores possibilidades de conexões. Foucault vai

explicando sobre o modo de um, talvez, engavetamento de semelhanças das coisas, pois no século XVI as representações seriam a base das possíveis semelhanças. Ou seja, entre a simpatia e a antipatia para desvendar as semelhanças das coisas. Se *palavras-imagens-palavras* possibilitam encontrar uma informação, essa informação busca em nós as semelhanças pelas nossas conexões vividas em espaços e lugares.

Foucault explica que toda semelhança possui uma assinalação, e isso carrega em si oscilações já que não vivemos em uma organização imutável, pois pelo próprio viver orgânico transformamos as coisas. Para pensar o conceito de semelhança percebo em Foucault que é pela assinalação que existe um ponto, um “zigue-zague indefinido, do semelhante ao que é semelhante” (FOUCAULT, 2016, p. 41). Seguindo o pensamento do autor, é possível perceber que não encontramos uma definição mais clara das semelhanças e representações, mas nos encontramos perante um universo de possibilidades. São possibilidades para interpretar, refletir, ler, ver um texto único.

Nesse sentido, parto do entendimento de que um texto não indica uma coisa apenas, uma única semelhança e representação, mas dialoga e se ramifica em diversas semelhanças e assinalações. É um

pensamento que conecto para criar a minha concepção do termo *palavras-imagens-palavras*, já que acredito que as palavras não se encontram prontas, considero que dependem do meu modo de ensinar, pesquisar, observar, construir e produzir.

Buscando compreender o conceito de semelhança a partir de Foucault, observei que quando estou criando/ensinando/compartilhando uma imagem, estou produzindo algo, estou passando por momentos de criação e esse criar passa por um processo de experiências, de um antes e um após que atravessam imagens, palavras, conversas, frases, textos e outros signos no sujeito. Assim a palavra vai aparecer como grafia e como não grafia, que é como compreendo as palavras no meu trabalho docente.

No livro “Isso não é cachimbo”, Foucault (1988) traz a reflexão da imagem “*La Trahison des images (Ceci n’est pas une pipe)*” de 1929 do artista René Magritte. Nessa imagem o artista faz uma reflexão acerca do que vemos e buscamos, do interpretar com a presença de um texto, mas a “forma desenhada do cachimbo expulsa todo texto explicativo ou designativo, tanto é reconhecível” (FOUCAULT, 1988, p. 27).

O texto nega a imagem que vemos, pois “Magritte, separa o texto e a figura, é preciso ver um vazio” (FOUCAULT, 1988, p. 33),

mas acrescenta Foucault “ainda seria demais dizer que há um vazio ou uma lacuna: é antes uma ausência de espaço, um apagar do “lugar-comum” entre os signos da escrita e as linhas da imagem” (FOUCAULT, 1988, p. 33). Interessante suscitar esse vazio, como se ele nos mostrasse a incapacidade de ler e ver ao mesmo tempo. Se fosse apenas a pintura simples do cachimbo não teria suscitado tantas inquietações, mas as palavras apresentadas pelo artista trazem uma contradição. Ao ler as palavras buscamos a definição rápida do que vemos de acordo com as semelhanças e as similitudes, porém as palavras negam a imagem. A forma representada de um cachimbo como conhecemos vem com a negação do mesmo ser visto, por isso, confundimo-nos e nos inquietamos na

[...] exterioridade, tão visível em Magritte, do grafismo e da plástica, está simbolizada pela não-relação — ou em todo caso pela relação muito complexa e muito aleatória entre o quadro e seu título. Essa distância tão longa — que impede que possamos ser ao mesmo tempo e dedo uma só vez leitor e espectador [...]. (FOUCAULT, 1988, p. 47)

Nesse caminho fui construindo um pensamento, em que, nas *palavras-imagens-palavras*, observei uma junção dos papéis de observadora, observador, leitor, leitora, criador e criadora de imagem.

Magritte esclarece sobre esses papéis, citados anteriormente, e que o ato de fazer essa pintura inquietante conduz a um modo de representação de suas memórias e imaginações que induz a reflexões diversas. O artista não se priva pelo engano, uma vez que a palavra não desconsidera a forma de cachimbo, pois é algo pensado na imagem e no texto, mas conduz o/a observador/a a duvidar do que está vendo.

Temos uma diversidade de produções de arte que partem do uso de palavras em suas produções, e seguindo as definições de semelhanças e distanciamentos provocadas por Foucault (2016), é melhor não acreditar de primeira no que se vê, e ao ler é preciso duvidar. Duvidar para mim faz parte de um processo para produzir outros desdobramentos na imagem ou mesmo para conduzir a outras experiências.

Busquei na dissertação de Ana Lúcia Beck (2004) entendimentos sobre representação verbal e visual para estabelecer algumas conexões juntamente com o pensamento de Foucault. Em sua escrita, a autora desenvolve um pensamento entre o verbal e o visual na imagem, salientando que a linguagem verbal é uma construção que utilizamos para nomear coisas, convenções sociais. “O sistema de representação verbal utiliza-se do signo palavras; enquanto o sistema

de representação visual utiliza-se do signo imagem da coisa” (BECK, 2004, p. 22). Esse pensamento me ajuda a trilhar um percurso de definição quando me aproprio da palavra para construir meu modo de trabalhar na docência com *palavras-imagens-palavras*.

A autora explicita que o que “Foucault percebe em Magritte faz com que desconfiemos das palavras escritas na obra” (BECK, 2004, p. 26). Nesse sentido, esclarece que não estamos presos à linguagem verbal de palavras e à linguagem visual de imagens, e que ambas são distintas, mas não estão separadas apesar da distância dos vazios. Segundo a autora, há um sistema de significação que se difere dos sistemas tradicionais de representação verbal ou visual, já que há uma busca por um pensamento sobre o que se lê e se vê, e o que provoca o/a espectador/a, mesmo com os vazios e ausências.

As considerações de Beck (2004) sinalizam a respeito da elaboração de um pensamento que a construção verbal e visual possibilita. Esse pensamento ao encontro do que coloco como processo de criação para o ensino, pois quando proponho a criação de uma imagem, torna-se uma elaboração do pensamento, com a busca de arquivos de memórias, vivenciais e experienciais que se diferenciam de apenas imitar ou representar um texto.

Beck (2004) explica que é no sistema de significação que Foucault tenta pensar a obra de Magritte, não ignorando o verbal, uma vez que o principal seria a pintura. Segundo a autora, Foucault tenta a todo o tempo essa investigação entre a linguagem verbal e visual em uma proposta de sistema de significação, que consiste na busca pela “elaboração do pensamento possível” (BECK, 2004, p. 26). Elaborar esse pensamento possível, investigar sobre a relação verbal e visual, encaixa-se no que compreendo sobre os vazios, pois nos papéis que exerço como estudante, professora, espectadora e criadora, as *palavras-imagens-palavras* atravessam os vazios, aquilo que nem sempre está claro e visível. Mas necessita de uma elaboração de pensamento, uma reflexão sobre o que se vê e o que se cria.

Uma obra quando apresenta um título, um texto, uma frase, ou palavras, indica ao/à observador/a um caminho a seguir. Beck (2004) descobre no diálogo com Foucault que o texto não vira imagem e a imagem não vira texto, pois fazem parte de códigos de construção da linguagem. Não existe uma verdade na imagem que representa o texto, e uma verdade no que representa a imagem, tudo é possível de ser confundido e se transformar numa imensa mentira ou verdade, tudo seria o modo de interpretação.

Com Foucault refleti sobre *palavras-imagens-palavras*, que é o que busquei compreender e explicar nessa pesquisa. Pensei sobre a relação de sistemas de representação verbal e sistema de representação visual para um sistema de significação. Refleti sobre a dinamicidade entre *palavras-imagens-palavras*, no caminho subjetivo, na busca das emoções individuais de quem observa. Entrar em contato com *palavras-imagens-palavras* é um processo de aprendizagem, gerando reflexões sobre as palavras presentes na imagem que não se sobrepõem, mas se justapõem.

A imagem não é apenas forma, cores, detalhes, mas todo um texto interno, que suscita buracos, lugares vazios e ausências de superfícies, o que possibilita enxergar para além das barreiras em texto e imagem. Não importa dizer que o texto é imagem e a imagem é texto, mas não deixar se enganar e desconfiar sempre do que se vê, pois as desconfianças e as dúvidas conduzem o olhar pelos buracos.

Em “As Palavras e as coisas”, de Foucault (2016), no capítulo “Las Meninas”, é possível perceber que existe um olhar sobre a pintura, e nesse olhar o/a observador/a experimentam como se estivessem na tela sendo observado/a pela imagem “ele vê sua invisibilidade tornada visível ao pintor e transporta em uma imagem definitivamente invisível a ele próprio” (FOUCAULT, 2016, p. 6).

Quando penso em *palavras-imagens-palavras* percebo que é o que permite que cada um/a se veja na imagem e a imagem torna-se seu espaço e lugar. Esse processo de sentir e pensar sobre espaços e lugares possibilita perceber as produções de artes visuais com os sistemas de significações.

Sendo assim, sentir e pensar sobre palavras nas imagens contemporâneas que carregam textos é substância para extrapolar a leitura direta e inflexível, pois proporciona chegar perto, encontrar as lacunas. Esse encontro parte então desse diálogo iniciado com o olhar e a imagem, sentir-se nela e pensar conexões diversas, “[...] jamais no que se diz, e por mais que se faça ver o que se está dizendo por imagens, metáforas, comparações, o lugar onde estas resplandecem não é aquele que os olhos descortinam, mas aquele que as sucessões da sintaxe definem” (FOUCAULT, 2016, p.12).

O uso de palavras nas artes visuais emana nas obras contemporâneas de um hibridismo de linguagem em que o textual se une ao visual. A palavra que se apresenta como forma dentro da imagem, impregnada, arranhada, escrita, fixada, colada, costurada, recortada, pregada, montada, entre outras formas, não é apenas imagem sem texto, nem texto sem imagem. Compreendo como *palavras-imagens-palavra*, representação verbal e visual, visual e

verbal de um contexto imagético singular e que não pode ser desconsiderado como parte importante, e assim é sobretudo imagem.

Sentir e pensar palavras na/para/com imagem ou uma imagem na/para/com palavras seria no meu entendimento, depois desses caminhos percebidos percorridos, um exercício de não acreditar no texto primeiramente como um signo convencional ou mesmo como um modo de decifrar o que vejo, mas utilizar o texto como um enigma que poderá seguir por outros lugares.

Durante esse percurso em que tento explicar como compreendo a concepção de *palavras-imagens-palavras*, converso com Didi-Huberman (2010), e concordo quando ele diz que “a experiência familiar do que vemos parece na maioria das vezes dar ensejo a um *ter*: ao ver alguma coisa, temos em geral a impressão de ganhar alguma coisa” (DIDI-HUBERMAN, 2010, p. 34). Quando olhamos para uma produção visual com palavras, podemos ter a impressão de ganhar, esse ganhar se encontra na qualidade de uma visualização de rápida percepção do apresentado, ou seja, ao codificar rapidamente o visual e o verbal. Isso pode ser um engano, pois *palavras-imagens-palavras* conduzem ao que o autor chama de inelutável, e o que é compreendido e realmente visto está voltado “para a questão de ser – quando ver é sentir que algo inelutavelmente

nos escapa, isto é: quando ver é perder. Tudo está aí.” (DIDI-HUBERMAN, 2010, p. 34). De certa forma, perder-se pela percepção primeira na experiência pode ser o caminho para ganhar em pensamento.

Palavras-imagens-palavras nos abrangem pelo que vemos. E o que nós olhamos que nos permite sentir ao enxergar vazios, falhas, aberturas, dúvidas e perdas. Esclarece Didi Huberman que “o que vemos só vale – só vive – em nossos olhos pelo que nos olha” (DIDI-HUBERMAN, 2010, p. 29), ou seja, um olhar sobre uma imagem não se baseia em uma direção, mas consiste no entendimento de que “o ato de ver só se manifesta ao abrir-se em dois” (DIDI-HUBERMAN, 2010, p. 29). Existe um diálogo entre imagem e espectador/a, e nesse diálogo se acentua ainda mais o valor das *palavras-imagens-palavras*, pois entendo que primeiro acontece o diálogo de si, e assim a imagem vem e surge.

Em diálogo com Foucault e Beck, venho desenvolvendo minhas concepções para pensar em *palavras-imagens-palavras* como um modo de construir estratégias metodológicas para o ensino de artes visuais, pois percebo as possibilidades de criação no ato de sentir e pensar espaços e lugares ao ensinar arte. Observo que *palavras-imagens-palavras* envolvem o observador/a, o/a artista, o/a

professor/a, o/a estudante. Esse modo de construir estratégias não invalida outros, mas investiga possibilidades de escutar, ver, falar com as palavras através da subjetividade do/a artista, do artista, da observadora e do observador e que se não é possível apenas nas produções visuais que carregam palavras, mas todo processo de construção imagética.

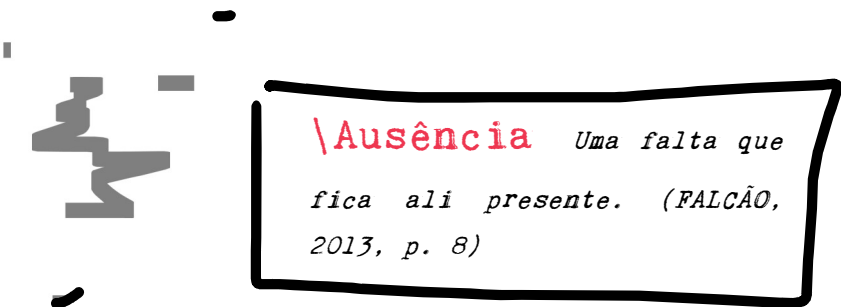
Contudo, essa foi uma forma de começar a inventariar como surgem as palavras que utilizo em minhas produções, em que reflito sobre o ser professora, um amontoado de palavras que compõem meu pensar em *palavras-imagens-palavras*. Elas interrelacionam com o olhar para além da imagem, buscando semelhanças, mas reconhecendo que os sistemas verbais e visuais, em uma imagem, não são separados ou dominantes, mas são instigadores para criação de um pensamento indagador e reflexivo.

Ainda saliento que essa proposta apresentada nessa pesquisa traz um novo caminho metodológico para pensar o uso das imagens na esfera educacional, além de que o material corrobora com a possibilidade de diálogo entre imagem e texto, sem sobreposição de importância.

Assim, para continuar essa pesquisa a partir do meu pensamento sobre *palavras-imagens-palavras*, oriento-me pelos

percursos contextualizadores, quando apresento uma prática que vivenciei com os/as estudantes em que as palavras aparecem na construção da imagem, influenciada pelas minhas vivências de professora.

Chego assim, na Figura 15 apresentada abaixo. Esse momento de inserção no mapa se dá na transição para o percurso contextualizador, com uma revisão de texto e escrita. Pensamentos sobre os caminhos que se apresentam no mapa em busca de definições como professora, artista e pesquisadora, mas que sem dúvida nessa pesquisa apresenta a ênfase no ser professora.





<

8 / 20

>



 Compartilhar



Transição

Na ausência de uma parede, muitas anotações são juntadas e depois coladas na parede provisória!

Fonte: arquivo pessoal.

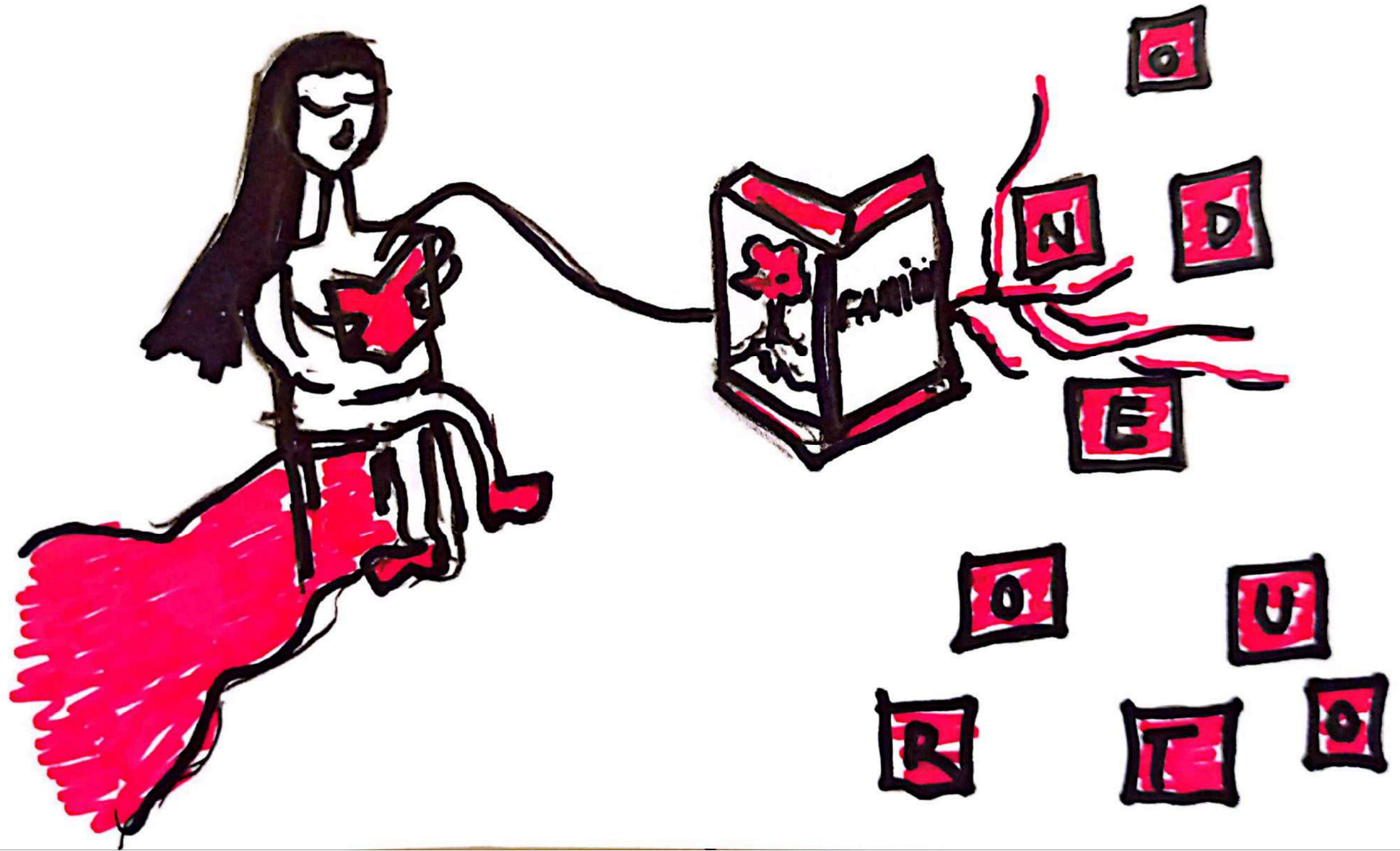
C Letra que em matemática é.

símbolo de "contém", mas quando se olha no espelho vira símbolo de "está contido". (FALCÃO, 2013, p. 15)

Percursos Contextualizadores

Durante minha experiência docente...

2.3



2.3 Percursos contextualizadores

Em toda minha trajetória de professora sempre me vi envolvida em perceber o caráter nutritivo das palavras. Na minha atuação profissional, essas palavras se alimentam e se espalham no ensino de arte nos diversos espaços e lugares, que não são os espaços físicos da escola, mas um lugar político e de afeto. O que me leva a pensar que cada palavra sai de um lugar e ocupa outros, ou melhor, sai de alguém para nutrir e compartilhar a experiência. *Palavras-imagens-palavras* se caracterizam aqui nos caminhos de paisagens diversas, são palavras que se transmutam, transgridem-se, transformam-se, conectam-se, reconfiguram-se, unem-se, dissipam-se e se modificam nas interrelações no espaço e no lugar criando, modificando e transformando as imagens.

Assim, na Figura 16 apresento a inserção no mapa do momento de escrita dos percursos contextualizadores, de pensar minha prática, que na parede se encontra no canto esquerdo inferior do quadrado de madeira, iniciando a ultrapassagem desse espaço.



<

9 / 20

>



Prática

Fonte: arquivo pessoal.

Conectar-me com os/as estudantes através de suas produções durante as aulas na modalidade presencial, no início do ano letivo de 2020, era mais “fácil”. Observando suas produções, percebia em algumas propostas o uso de palavras e imagens. Nas aulas presenciais, conseguia verificar a extrema importância que davam às suas produções e nelas as imagens surgiam com palavras, inscrições que externavam seus significados através da fala e apareciam com a escrita nas imagens.

Durante minha experiência docente com o ensino remoto, percebi que várias propostas que planejei para os/as estudantes do 1º ao 5º ano foram conduzidas seguindo as temáticas desenvolvidas na escola. Mas eu usava imagens de artistas que tinham como marca em suas produções as palavras e outros não. E novamente apareciam as palavras nas produções solicitadas dos/as discentes. Por esse motivo, comecei a ter algumas dúvidas sobre essas inserções das palavras, uma vez que devido ao distanciamento social e ao ensino remoto parecia ser mais difícil para o/a estudante explicar uma imagem produzida. Seria uma necessidade gráfica natural da escrita nas

imagens como forma de comunicação no ensino remoto? Ou poderia ser a influência das imagens, do trabalho das artistas e dos artistas nos momentos de observação durante a aula?

Nesse contexto, com as aulas no ambiente digital em 2020, cito uma proposta realizada no ensino remoto, mas que poderia ser desenvolvida também na modalidade presencial. Quando percebi as palavras nas produções dos/as estudantes, sugeri nessa proposta que a escrita estivesse vinculada às questões de identidades, memória e histórias da família. Essa proposta foi intitulada *de* “Parede da Memória” e aconteceu no mês de novembro de 2020, em culminância com várias propostas da escola com relação à Lei nº 11.645(2008)¹⁵, que no Brasil vincula-se à obrigatoriedade de tornar o ensino de “história e cultura afro-brasileira e indígena” uma necessidade nas escolas e nos ensinos fundamental e médio.

Na escola em que exercia a docência, quando realizei essa proposta da parede da memória, eu trabalhava com quatro turmas que tinham um/a professor/a para atuar em cada um dos quatro conteúdos (artes visuais, teatro, música e educação física). Esse grupo era

¹⁵ Art. 26-A, parágrafo § 1º e § 2º. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394compilado.htm. Acesso em: 10 mar. 2022.

chamado de quarteto e nele discutíamos propostas e soluções a serem enviadas para a coordenação sobre a temática de cada proposta de cada linguagem que seria realizada na sala de aula.

Com o ensino remoto nossas conversas para planejamento se davam pelo *Google Meet*. Dessa forma, com relação à proposta referente à Cultura afro-brasileira, para ser realizada no ensino remoto, decidimos que adotaríamos um formato de encontro em que não solicitaríamos apenas a criação de adereços e reproduções estereotipadas sobre a temática para aquela proposta, e que também não iríamos apenas gravar um passo-a-passo para os/as estudantes executarem atividades padronizadas, ou seja, sem reflexões sobre a temática.

Além disso, na fala de todos/as do quarteto o objetivo era a individualidade, buscar a identidade de cada um/a para fomentar um modo de olhar crítico, valorizando suas matrizes. Ademais, não desejávamos apresentar para os/as estudantes as padronizações estereotipadas e decorativas que muito se repetem nas festividades escolares referentes a esse dia.

Desenvolvemos uma proposta em que não seria necessário o uso de diversos materiais plásticos e que estabelecia uma alinhada atitude com nossos pensamentos e identidade docente sobre a

temática, levando em consideração que no ensino remoto, por meio digital via *Google Meet*, há o envolvimento das famílias, abrangendo uma diversidade de experiências, vivências e necessidade diferenciadas. A proposta deveria ser compreendida facilmente e não deveria ocupar muito o tempo dos/as estudantes. Como é uma temática cheia de tensionamentos, a mediação síncrona seria necessária, mas consideramos que seria inviável todos estarem juntos ao mesmo tempo. Assim, optamos pelo ensino remoto com instruções assíncronas bem detalhadas. Nossa intenção era que a proposta para cada linguagem incluísse a mesma temática e se distanciasse de estereótipos, valorizando a reflexão e a percepção da identidade étnica de cada um/uma.

Desta forma, apresentei para os/as estudantes o que eu havia planejado. Como referências imagéticas, trabalhei com obras da artista Rosana Paulino (1967-). da série “Atlântico Vermelho (2016), Ciência é a Luz da Verdade?” e “Parede da Memória (1994)”, pois tenho uma profunda admiração pelas obras dessa artista. Em muitas obras dela pode-se observar o uso de formas, cores, cheiros, percepções, registros fotográficos e apropriação de fragmentos do passado utilizando palavras (Figura 17), embora eu compreenda que suas obras são densas e necessitam de um tempo maior para as

discussões que as imagens suscitam. Um exercício que considerei difícil em uma aula síncrona.

Figura 17- Rosana Paulino, A Ciência é a Luz da Verdade?
Impressão sobre tecido e costura. 29 x 58 cm, 2016



Fonte: <http://www.galeriasuperficie.com.br/exposicoes/rosana-paulino-atlantico-vermelho>. Acesso em: 28 fev. 2022.

Conheci as obras de Rosana Paulino em 2017, juntamente com os/as estudantes de uma turma de 6º (sexto) ano. Pode parecer

estranho eu, como professora de arte, desconhecer essa artista, mas sim, desconhecia, como desconheço vários outros que estão transitando por todos os lados. Esse modo de pensar que como professora de Artes Visuais devo saber da existência de todos/as os/as artistas, vejo como uma herança da história da arte que determina uma catalogação de artistas em determinado momento da história, uma vez que, apesar da Lei 10. 639 de 2003 que foi alterada para Lei 11.645 de 2008, ainda ocorre nas instituições de ensino superior a sobreposição no currículo o ensino da arte europeia.

Aproximo-me das obras dessa artista através do livro didático de arte com o título “Por toda Parte”, de Santos e Ferrari (2015), que eu estava utilizando com a turma, e trazia uma obra da artista falando sobre identidades. Até hoje me lembro do dia dessa vivência, das nossas reflexões e conversas. Os/as estudantes participaram bastante, falaram de suas insatisfações e suas curiosidades.

Uma imagem sobre a qual ficamos discutindo durante muito tempo foi a intitulada de “Assentamento” (Figura 18), que faz referência à identidade, aos povos africanos e afro-brasileiros, questões ligadas à mulher, à ciência e outras questões importantes para pensar preconceitos e intolerância racial. Buscar a compreensão dessa imagem contribuiu para que o debate fosse aguçado.



Figura 18- Rosana Paulino, “Assentamento. Litografia a cores sobre papel. 76,0 x 57,0 cm. 2012



Fonte: file:///C:/Users/Laram/Downloads/22538-Texto%20do%20Artigo-54202-1-10-20190109.pdf. Acesso em: 28 fevereiro 2022.

¹⁶ Amuleto que é colocado num saquitel e é pendurado no pescoço ou se prende na roupa de uso (PINTO, 2007, p. 141).

2.3.1 Motivo da parede da memória

Em contato com o trabalho de Rosana Paulino tive a ideia de me apropriar do pensamento da artista para elaborar o meu planejamento em 2020 e escolhi a obra “Parede da Memória” (Figura 19) como título de minha proposta. A artista, nessa obra fixada em uma parede, apresenta várias almofadas de tecido semelhantes a pequenos patuás¹⁶ em referências à matriz africana e religiosa e nessas almofadas ela imprimiu as imagens de seus familiares, multiplicadas várias vezes, que contribuíram para a sua formação.

\História Quando todas as palavras do dicionário ficam à disposição de quem quiser para contar qualquer coisa que tenha acontecido ou sido inventada. (FALCÃO, 2013, p. 39)



Figura 19- Rosana Paulino, 'Parede da memória', instalação. Microfibra, tecidos, imagem digital sobre papel, linha e aquarela. Aproximadamente 8 x 8 x 3 cm cada elemento, dimensão variável, 1994/2015.



Fonte: <https://www.revistacontinente.com.br/edicoes/234/rosana-paulino>. Acesso em: 28 fev. 2022.

Obra que me levou a propor a criação de uma parede da memória de todas as turmas. Estava trabalhando com as turmas de 1º,

2º, 4º e 5º ano em 2020, no ensino remoto. Para realização dessa proposta, que se constituía na formação de uma parede da memória, cada estudante contribuiria com seu autorretrato íntimo e poético em que a produção aconteceria por meio do uso de palavras nas imagens. Para construção da parede da memória juntamos nossas fotografias e os autorretratos foram feitos em desenho e colagem para que pudéssemos observar as infinitudes de etnias, cores, formas, desejos, similaridades e distanciamentos em cada autorretrato que estava formando essa parede. Nessa proposta, consigo visualizar como é possível trabalhar com *palavras-imagens-palavras*. Termo que utilizei pela primeira vez na escrita do pré-projeto para o mestrado a partir de março de 2020.

Nessa proposta não houve uma discussão para definição prévia com os/as estudantes, algo que procuro fazer nas minhas práticas, pois estávamos em ensino remoto e nas aulas no *Google Meet* eu não conseguia juntar os/as estudantes. Além disso, eu tinha um curto espaço de tempo e necessitava combinar anteriormente com recados na plataforma. Para essa proposta não tivemos encontros síncronos e sim um direcionamento assíncrono em que propus que nessa construção, da nossa parede da memória, estaríamos todos/as representados em nossos autorretratos onde poderíamos observar as

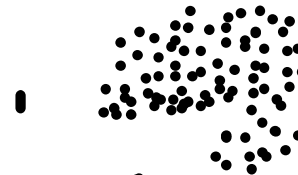
infinidades de etnias, cores, formas, desejos, similaridades de localidades e distanciamentos. E até a finalização da proposta seria possível perceber que somos todos seres humanos de formações étnicas diversas e passíveis de viver e conviver em harmonia e com respeito cultural.

2.3.2 Onde está a minha parede da memória?

Influenciada por essa proposta, encontrei os álbuns de minha família paterna, na busca de me apropriar da minha árvore genealógica e de pensar como poderia construir a parede da memória com os/as estudantes, juntamente com a artista Rosana Paulino. Encontrei várias fotografias com palavras, mensagens, desejos e votos em um álbum de meu pai, que representava sua família materna. Nesse álbum percebi várias fotos com palavras e frases em cima da imagem, eram dedicatórias, mensagens de felicitações, saudades, lembranças. As fotografias eram enviadas e entregues para os parentes como forma de apresentação da família, o que tornava essas fotografias não apenas imagem, mas palavra também.

Tive a impressão de que a escrita mudava o caráter da foto, pois não era apenas a imagem de um momento, mas de textos escritos

sobre cada imagem e não no verso da fotografia. Eu desconhecia aquelas pessoas, lia as mensagens e não compreendia através da imagem, mas percebia os afetos contidos através da escrita. Selecionei algumas fotografias deste álbum para indicar e apresentar os momentos mais representativos para mim ao observar essas escritas sobre as imagens.



\Recordação Quando um pedacinho do passado volta ainda mais enfeitado. (FALCÃO, 2013, p. 83)

Figura 20 - Página do álbum de fotografias, registro fotográfico, 2022



Fonte: acervo pessoal.

Na Figura 20, não reconheço ninguém, apesar de ser um álbum de meu pai, mas sei que são fotos enviadas para uma madrinha

guardar de recordação, pois a madrinha está citada na foto, e sei que não era a madrinha de meu pai. Penso que essa foto registra uma fase da vida desses jovens e que, por isso, necessitava ser compartilhada com os familiares, nesse caso, a madrinha desses jovens que também era a avó. Esse tipo de fotografia mostra um momento da vida deles, e que estavam já crescidos. Entendo que representa uma época em que os jovens eram apresentados à sociedade. Os escritos dizem: “A querida Madrinha Uma recordação de suas netas e futuro neto, Maria, Elidio e Aparecida 24,2,50.”

Na Figura 21, também não conheço quem são essas pessoas, mas se trata também de um momento muito compartilhado: as lembranças do casamento. E observo que as palavras atravessam as fotos, o que me faz concluir que inexistia o medo da escrita sobre a foto, pois parece um gesto de desejo, livre e bem reconfortante. Não há a preocupação se a escrita estava em cima, embaixo ou do lado, ou mesmo se as cores de tinta estragariam a foto, apenas escreviam. Percebo que essa foto possui seu valor de afeto que está carregado de palavras, pois além de presentear alguém com a foto do casamento, poderia ser um elemento fundamental para a sociedade daquela época. Nos escritos sobre a foto encontra-se: “A vovó uma simples recordação; de seus netos [...] R. M. e José R.M. Este sem data.”

Figura 21- Página do álbum de fotografias, registro fotográfico, 2022



Fonte: acervo pessoal.

Além de encontrar neste álbum uma rede de imagens com palavras, vi na última página (Figura 22) uma folha organizada com vários retratos de pessoas, entre as quais reconheço: meu pai, minha avó e meu avô. Essa última página do álbum me conectou com a parede da memória de Rosana Paulino, pois reconheci nessas fotos as identidades de meu pai. Embora eu não conhecesse aquelas pessoas, percebi que seria talvez a hora de começar a pensar em minhas identidades.

\Fotografia *Um pedaço de papel que guarda um pedaço de vida nele. (FALCÃO, 2013, p. 32)*

Figura 22- Página do álbum de fotografias, registro fotográfico, 2022



Fonte: acervo pessoal da autora.

Após ver a última folha toda preenchida com as fotografias dessas pessoas, questionei se ele tinha encerrado esse álbum, porque ainda havia páginas em branco nas páginas anteriores. Nesse processo

de construção do projeto da parede da memória dos/as estudantes e na minha busca por referências eu estava frente a uma folha do álbum incompleta. Perguntei a mim mesma se aquela feitura naquela página poderia ser a parede da memória de meu pai, formada por pessoas que o constituíam. E queria compreender qual o valor desse álbum para ele. São perguntas para as quais não terei respostas, pois sua vida se findou antes que eu tivesse interesse por essas memórias.

Sabia da existência desse álbum desde criança, sempre via meu pai mexendo e organizando as fotos. Observava que ele o escondia de parentes que queriam ter acesso, pois sei que esse álbum é uma herança da mãe que ele guardou. Lembro-me que muitos parentes queriam ter acesso a essas fotos, até que com o tempo esse álbum foi esquecido, e com sua morte ninguém mais perguntou por ele. Mas vejo no álbum o ato de meu pai se apropriar de sua família. Em várias páginas ele foi colocando fotos, reorganizando, mas a última página estava fechada para novas entradas, pois não tinha mais espaço.

Nesse contato com o álbum de minha família, observando as fotografias com palavras, compreendi que não era a minha parede, mas a dele. Eu, minha irmã e minha mãe não aparecemos neste álbum, apenas parentes ligados à sua família, e na maioria materna. Assim,

eu precisaria buscar outras formas para me conectar com minha origem e identidades. Isso me fortificou ainda mais ao pensar nessa proposta. Com isso, comecei a indagar sobre o que é a memória nos álbuns de famílias se não sabemos das histórias, vivências, experiências e momentos. São imagens para reconhecer o cotidiano de uma época e ler os textos conectando com as pessoas, e onde estariam as *palavras-imagens-palavras* nessa vivência?

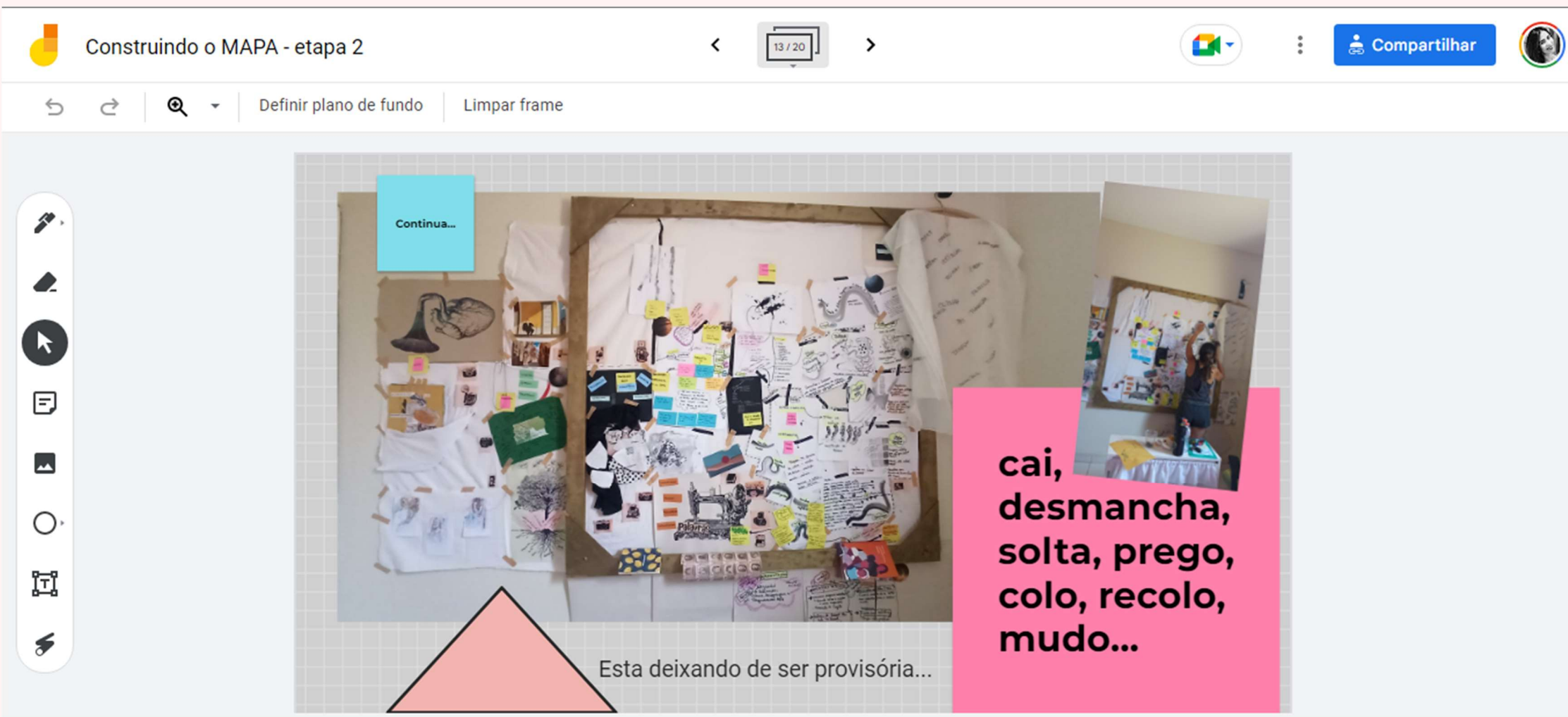
Esse contato com o álbum do meu pai me fez pensar sobre a necessidade de buscarmos informações nas falas de nossos familiares que possam ajudar na compreensão de quem somos. Hoje preciso da ajuda da minha mãe para me apropriar dessas memórias.

Pensando na pergunta inicial desse tópico, “Onde está a minha parede da memória?”, reconecto-me com essa busca pela parede da memória de minha identidade e com a parede da memória da minha pesquisa. Na Figura 23, é o momento em que percebo que o mapa construído deixa de ter provisória a parede de sua construção, porque necessito fixar usando pregos e cada vez mais ele ganha linhas, cores, formas, texturas e movimento nesse espaço da parede, onde crio lugares de pensamentos.

\Mãe *Aquilo que dá vontade de gritar quando a gente não sabe o que fazer. (FALCÃO, 2013, p. 56)*



Figura 23- Inserção no mapa de pregos para fixar, *Print*, 2022



Fonte: arquivo pessoal.

Essa parede é um espaço, esse é “um recurso que produz riqueza e poder quando adequadamente explorado” (TUAN, 1983, p. 66). Isso percebo ao verificar a exploração pelo meu corpo, que se insere como parte dessa construção, em um movimento que se amplia nas direções, posições de sentido e de dentro ou fora.

Nesse momento, compreendo que me conectar com os álbuns de família e buscar minha parede da memória me incita a sentir e a pensar sobre a memória de espaços e lugares experienciados por mim atualmente. Essa parede são inserções de momentos diversos, com contribuições de outras pessoas, pedaços de vários lugares, lembranças de estudos, anotações, falas, ajudas, tempos diversos, e entendo a minha identidade nessa pesquisa múltipla e diversa.

De certo, a prática docente que apresentarei se aproxima da prática da pesquisa que desenvolvo, em que busco conectar meu corpo pelo espaço e lugar, sentindo e pensando sobre o que sou. Para pensar a parede da memória, seja de quem for, seja pela identidade ou outro aspecto, precisamos definir o espaço, e, nesse, o lugar, e depois captar pelo sentir e pelo pensar as *palavras-imagens-palavras*.

Na Figura 23, essa parede da memória da pesquisa envolve a minha identidade de docente, inicialmente cercada nesse quadrado de madeira em que, “o espaço fechado e humanizado é lugar, comparado

com o espaço, o lugar é um centro calmo de valores estabelecidos” (TUAN, 1983, p. 61), mas percebo que nessa construção os lugares da docência, como mostrado na Figura 16, escapam desse espaço e se expandem para o lado de fora, o espaço aberto, que “[...] não tem caminhos trilhados nem sinalização. Não tem padrões estabelecidos que revelam algo, é como uma folha em branco na qual se pode imprimir qualquer significado” (TUAN, 1983, p. 61). Nesse momento, conecto-me com o mapa visualizando o romper para a espaciosidade e “[...] está intimamente associada com a sensação de estar livre. Liberdade implica espaço” [...] (TUAN, 1983, p. 59).

2.3.3 Criando uma parede da memória coletiva

Minha busca pela minha parede da memória me ajudou a definir o que solicitei para os/as estudantes. E foi assim que propus que cada estudante deveria se fotografar, pintar-se, desenhar-se, colar-se, hibridar-se, esculpir-se, entre outros. Para completar a imagem criada, seria preciso, a partir de uma pesquisa com familiares, escrever os nomes das pessoas que o/a formaram, os mais próximos, como por exemplo, seus/suas bisavôs/ós, avôs/ós, mães e pais, tios/as, irmãos/ãs e até seus/suas amigos/as. Desta forma, poderiam refletir sobre as

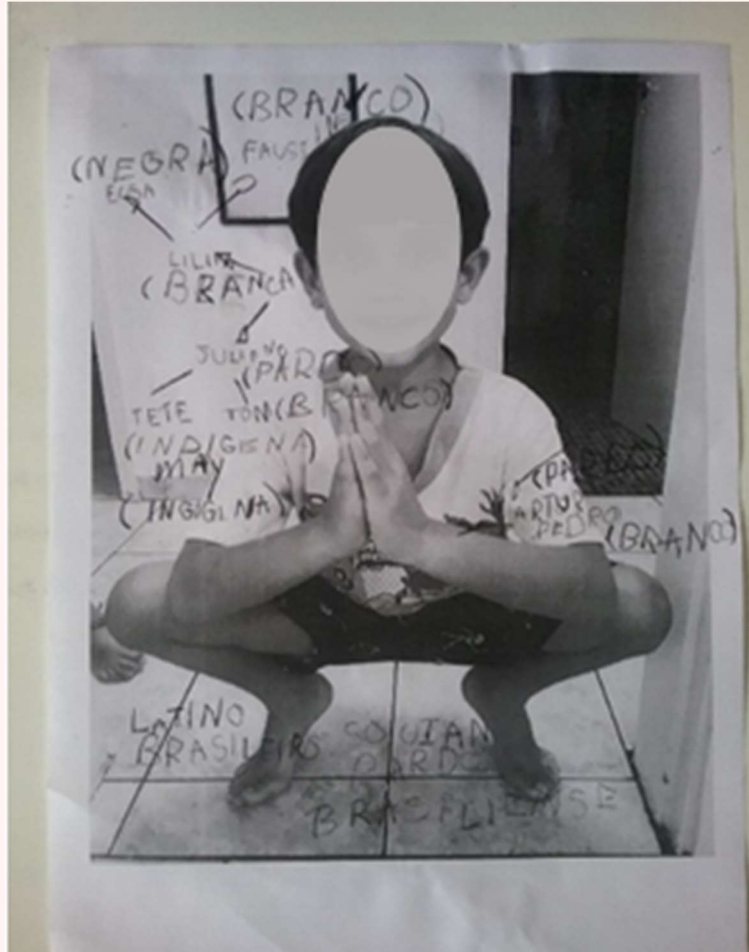
etnias de cada um/a. E deixei claro que se fossem realizar uma entrevista, deveriam inserir uma declaração da pessoa que foi entrevistada.

Diferente das fotografias que vejo no álbum que foram fruto dos olhares de fotógrafos, solicitei que cada estudante fizesse uma autorrepresentação, evidencie que se autorrepresentar envolvia o seu olhar. Mesmo que o registro fotográfico fosse feito por outra pessoa, seria a sua escolha sobre como gostaria de aparecer na foto, posição, lugar e adereços e que nessa elaboração houvesse a inserção de palavras que os/as representassem. Queria que experimentassem a ousadia das pessoas que escreveram em algumas das fotografias do álbum do meu pai, o atrevimento de escrever sobre uma autorrepresentação e se reconhecer e respeitar a si e aos outros.

Os objetivos dessa proposta visavam oportunizar a cada estudante se reconhecer e se valorizar, partindo de suas matrizes étnicas e percepções de quem cada um/a é para depois buscar compreender o outro. Essa produção permitiu que cada estudante colocasse em diálogo a sua imagem e as palavras. Palavras que representam sua voz, as declarações étnicas, para alimentar e conectar o respeito, para apresentar nessa parede da memória suas raízes

profundas nessa terra que é sua identidade em transformação e sua diversidade étnica.

No trabalho apresentado na Figura 24, por exemplo, o/a aluno/a apresenta grafismos íntimos, utiliza o espaço do papel para encaixar, trazer palavras que não descrevem sua imagem, mas instigam o outro a buscar reflexões. As palavras nessa conexão formaram a imagem.



Fonte: arquivo pessoal.

Uma proposta para o ensino de artes visuais como essa que relatei, que promove a apropriação de palavras, vem desencadeando minhas práticas como professora. No decorrer da pesquisa observei que o uso de *palavras-imagens-palavras* nas construções artísticas se desdobra em diversos caminhos sugeridos para os/as estudantes e em aprendizagens de criação. Não significa apenas trazer a palavra enquanto forma gráfica na imagem, mas são pensamentos que se desencadeiam nas imagens, na palavra que não pode ser dita, mas escrita. Na palavra anônima, que cria desenhos, que se transforma em outros mundos, na percepção sensível do mundo, na possibilidade de aparecer nas palavras diárias e em uma escuta ativa de mim, do outro, interrelacionando-se com a percepção do mundo.

Assim, reflito sobre o que venho desenvolvendo hoje com os/as estudantes, e vejo que, por muitas vezes, realizei uma prática em que no meu modo de mediação estavam presentes orientações para que os/as estudantes pudessem desenvolver um pensamento em palavras e imagens. Só que percebi durante meu caminhar nessa pesquisa que a terra era sempre a minha, com meus adubos, cores, cheiros e desconsiderava a terra do outro. Mas reconheço que a terra não pode ser apenas a minha, como afirmei anteriormente, ela se une a outras e se misturam, levando em consideração que uma não

substitui a outra, mas se mistura, fortifica e acrescenta as emoções e as relações com os outros. Anteriormente, minha explicação privilegiava somente a minha indicação do modo fazer. Percebo que o que fazia se distanciava da experiência individual para criação de alternativas para pensar outros modos de fazer.

Acredito que numa proposta em que as palavras são capazes de traduzir as sensações e as emoções, elas aparecem suavemente e imageticamente, sem medo das marcas e padrões, que é o que o sistema de significação é capaz de fazer, como esclarece Beck (2004). Nessa paisagem, as terras são possibilidades para novas criações e percepções, não se findam apenas no que podemos ler e ver.

Deixar uma marca escrita na imagem é a terra na paisagem, é ocupar o seu lugar, é se aprofundar na capacidade de expor sentimentos. Imagino portas de banheiro escritas anonimamente (lugares), como um desejo de dizer algo e que por hora se transforma em uma instalação imagética no cotidiano. Ou mesmo deixar o registro em uma árvore (lugares), em um concreto molhado, escrever na areia ou em um vidro embaçado (espaços). Essas formas de registro criam um diálogo com as *palavras-imagens-palavras* através da utilização de marcas permanentes e imóveis para marcas efêmeras e transitórias do cotidiano.

Cada vez que penso na palavra, ela me encanta. A palavra germina imensidões, como se fosse de um poço para o outro, de um espaço para outro, de uma vida para outra. São poemas diários e carregados de individualidades e que desencadeiam emoções, sejam em oralidades, língua de sinais, gestos, movimentos ou imagens.

Souza (2004) explicita que, na educação, faz-se muito presente em pesquisas o uso do método autobiográfico para formação inicial e continuada, que se trata da escrita de si no processo de docência. A autobiografia da docência se funde com a autobiografia de formação, “como movimento de investigação-formação, seja na formação inicial ou continuada de professores/professoras” (SOUZA, 2004, p. 140).

Ao selecionar uma proposta para escrever esse relato, que foi estimulado pelo exercício da memória, tive a intenção de expor um momento vivenciado na docência. Para Souza, “tomar a escrita de si como um caminho para o conhecimento” (2007, p. 68). Ele indica que para a prática docente cabe se aproximar e colocar suas percepções diárias sobre o processo, uma vez que o ato de ensinar não se desvincula do ser indivíduo de professor/a e tão pouco se traduz em propostas técnicas e mecânicas.

No percurso que denominei contextualizador, eu falo e reflito sobre uma prática específica realizada no ano de 2020. Souza me ajuda a compreender que mesmo num momento de distanciamento presencial dos/as, eu buscava não me distanciar de minhas vivências e experiências com o uso da *palavras-imagens-palavras*. Enfatizo que apesar da pandemia, ainda buscava em minhas memórias lembrar de práticas que eram planejadas através do meu modo de pensar as *palavras-imagens-palavras* e como esse sustenta as minhas ações como professora na criação de estratégias metodológicas com os/as estudantes em 2020.

Hoje tenho consciência de que:

A lembrança remete o sujeito a observar-se numa dimensão genealógica, como um processo de recuperação do eu, e, a memória narrativa, como virada significativa, marca um olhar sobre si em diferentes tempos e espaços, os quais se articulam com as lembranças e possibilidade de narrar experiências. (SOUZA, 2007, p. 63)

E dentre várias escritas em meu diário sobre momentos anteriores, são essas lembranças que quero enfatizar para fazer um recorte de minha trajetória de docência. Lembranças que considero como “referências pelas quais passaram, dotando a própria trajetória profissional de sentido.” (PASSEGGI; SOUZA; VICENTINI, 2011,

p. 378). Percebo que meu relato é ação autorreflexiva, e não apenas uma escrita do processo em um passo a passo. Concordo com o pensamento de García (2013) quando ele expõe o caráter questionador que podemos assumir na autobiografia.

Essa questão é interessante, pois o disparador, para García (2013), parte de um ensaio que ela realiza utilizando as narrativas de um professor da educação básica, e na escuta deste professor, ele se reconhece na fala do outro, e existe uma troca. Assim surgem seus relatos, pois, conforme confirma Clandinin e Connelly (2011), são as escutas dos outros que permeiam a possibilidade de se recriar, compartilhar e se transformar, sendo que “[...] as pessoas vivem histórias e no contar dessas histórias se reafirmam. Modificam-se e criam novas histórias. As histórias vividas e contadas educam a nós mesmos e aos outros, incluindo os jovens e os recém pesquisadores em suas comunidades.” (CLANDININ; CONNELLY, 2011, p. 27)

Compreendi na leitura desse texto de García (2013) que mesmo em uma perspectiva autoetnográfica e utilizando de relatos autobiográficos, esses relatos carregam questionamentos críticos sobre seu tempo, “pois as experiências do pesquisador se convertem em evidência que dão sentido à vida emocional e a experiência socialmente construída” (GARCÍA, 2013, p. 286). Dessa forma, um

relato autobiográfico não se constitui apenas em uma escrita individualista, embora seja uma escrita das experiências de si, mas se configura em um contexto social e histórico permeado pelas memórias do ontem e pelas reflexões do presente.

Para uma reflexão mais questionadora sobre como há a configuração de um contexto social e histórico, encontro as ideias do autor Goodson (2013), que acredita que os relatos de professores/as “em um contexto social mais abrangente consiste em desenvolver, de forma colaborativa, reflexões sobre a construção social do ensino” (GOODSON, 2013, p. 265). Quando penso na minha prática vejo que é impossível distanciá-la de uma vertente social, política, histórica e cultural, pois não se baseia em uma proposta individual, mas em um acordo de discussões, de leis, de decisões, vontades e trocas.

Goodson (2013) acrescenta que “o estudo da vida e do trabalho do professor como construção social fornece um olhar valioso sobre as novas medidas de reestruturação e reforma escolar” (GOODSON, 2013, p. 265). Enquanto escrevo, reflito sobre a minha proposta com a parede da memória e sobre as diversas dificuldades que enfrentei. Como por exemplo, o distanciamento social, a falta de conexão com a internet para os/as estudantes, a falta de recursos digitais, lidar com o cotidiano da casa tanto para professores/as como

para os/as estudantes, precisarem do acompanhamento de algum responsável para desenvolver as atividades solicitadas nas aulas. E ainda lidar com as questões que a proposta envolvia, como preconceitos, vergonhas, organização para os estudos, cansaço, sobrecarga, intolerância, desrespeito, não aceitação de si e do outro.

Registrar, escrever sobre a prática é algo difícil muitas vezes, mas, segundo Motta (2019), é “sim, narrado por aqueles que, de fato, o sentem e o percebem, em sua subjetividade.” (MOTTA, 2019, p. 1037). Sendo que essa narração possibilita um olhar diferenciado sobre si e sobre os outros dentro de contextos que podem ser impositores, sufocantes, delimitadores, invasivos, dominantes e racionalistas. E instiga a autorreflexão e a crítica de minha prática e do tempo e do espaço em que me encontro, pois: “A escrita da narrativa abre espaços e oportuniza, às professoras e professores em processo de formação, falar-ouvir e ler-escrever sobre suas experiências formadoras, descortinar possibilidades sobre a formação através do vivido.” (SOUZA, 2007, p. 69)

Souza fala de um descortinar, e eu entendo, juntamente com Motta, que descortinar é abrir a janela, sair da escuridão, olhar para um todo politicamente colonizado e perceber outros caminhos. É como se fosse o palco de um teatro que abre uma cortina, mas no

fundo existem outras que precisam ser abertas, de profundas vivências e necessidades pulsantes que foram por tempos pautadas na limpeza hegemônica da colonização.

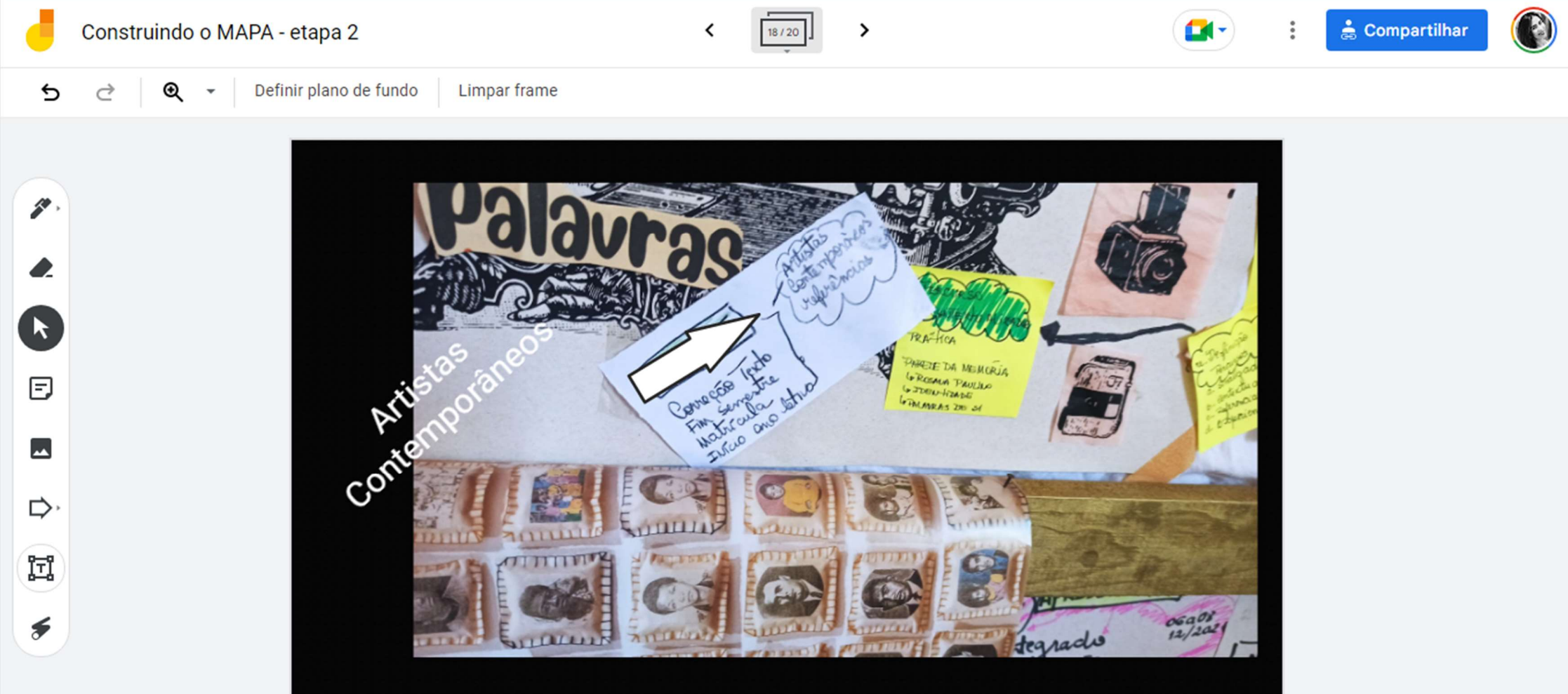
Sigo para os percursos referenciais, que ganham lugar também no mapa (Figura 25), e busco iniciar a organização para a escrita juntamente com o fim do semestre, matrícula e revisões de texto. Seguindo com a pergunta norteadora da pesquisa: *Como a apropriação de palavras pode aguçar as memórias através da produção em Artes Visuais?* Escrevo sobre artistas contemporâneos que possam embasar ainda mais a pesquisa no que diz respeito à produção visual com palavras e imagens com os artistas José Leonilson e Elida Tessler.

\Lembrança Outros olhos
que a gente tem que, ao invés
de enxergarem o que está ali na
frente, conseguem enxergar o
que já ficou para trás.
(FALCÃO, 2013, p. 53)

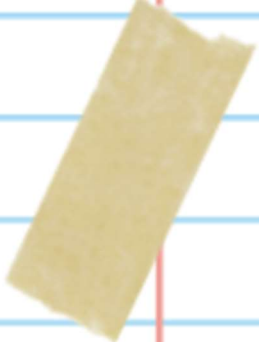
tempo



Figura 25- Inserção no mapa do início da escrita dos artistas, *Print*, 2022



Fonte: arquivo pessoal.



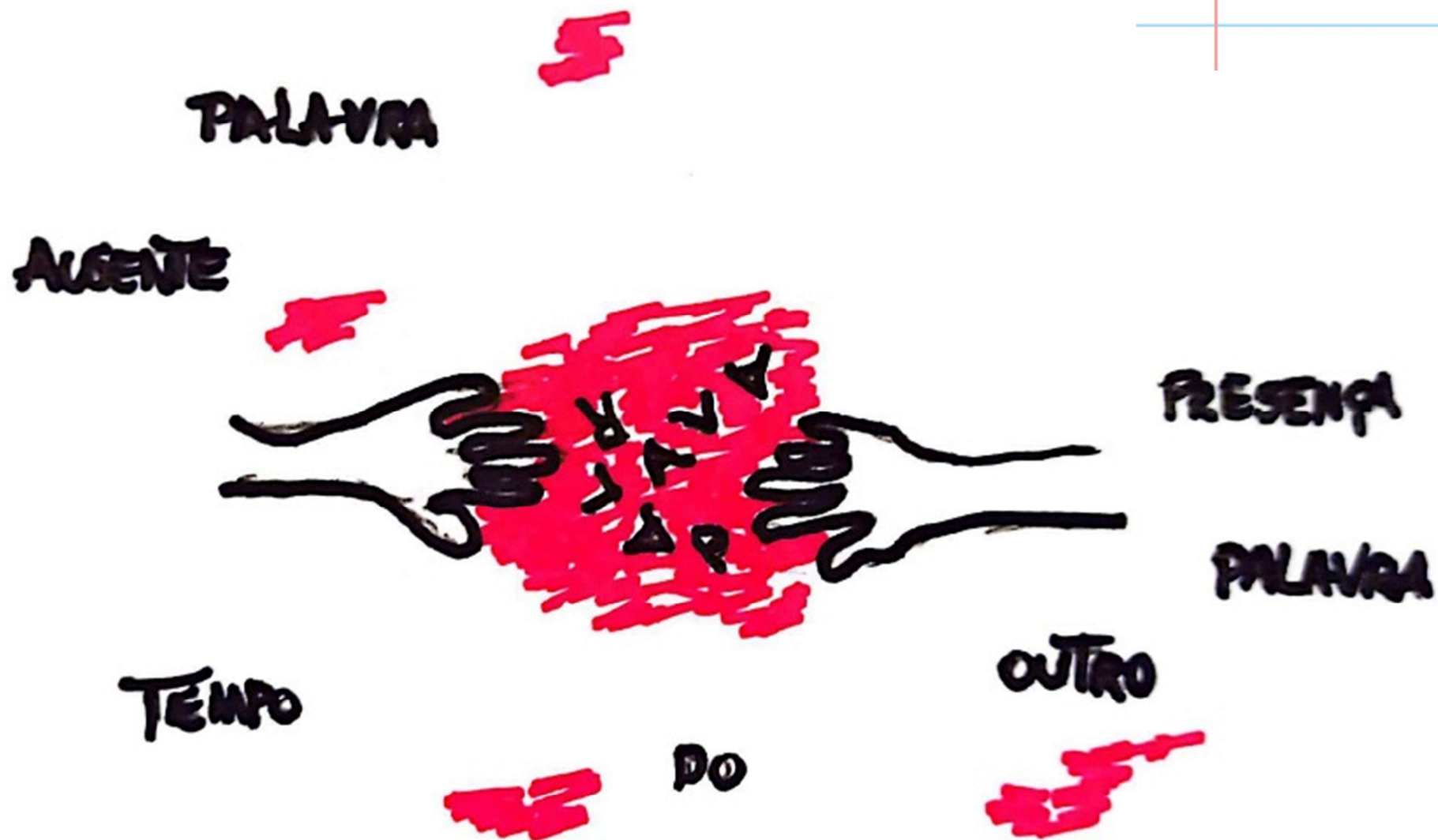
\r Letra que é quase sempre
substituída pelo "L", caso o
emissor ainda não tenha
completado dois anos. (FALCÃO,
2013, p. 81)



Percursos **r**eferenciais

...sobre a arte contemporânea e o uso de
palavras nas produções de arte

2.4



2.4 Percursos referenciais

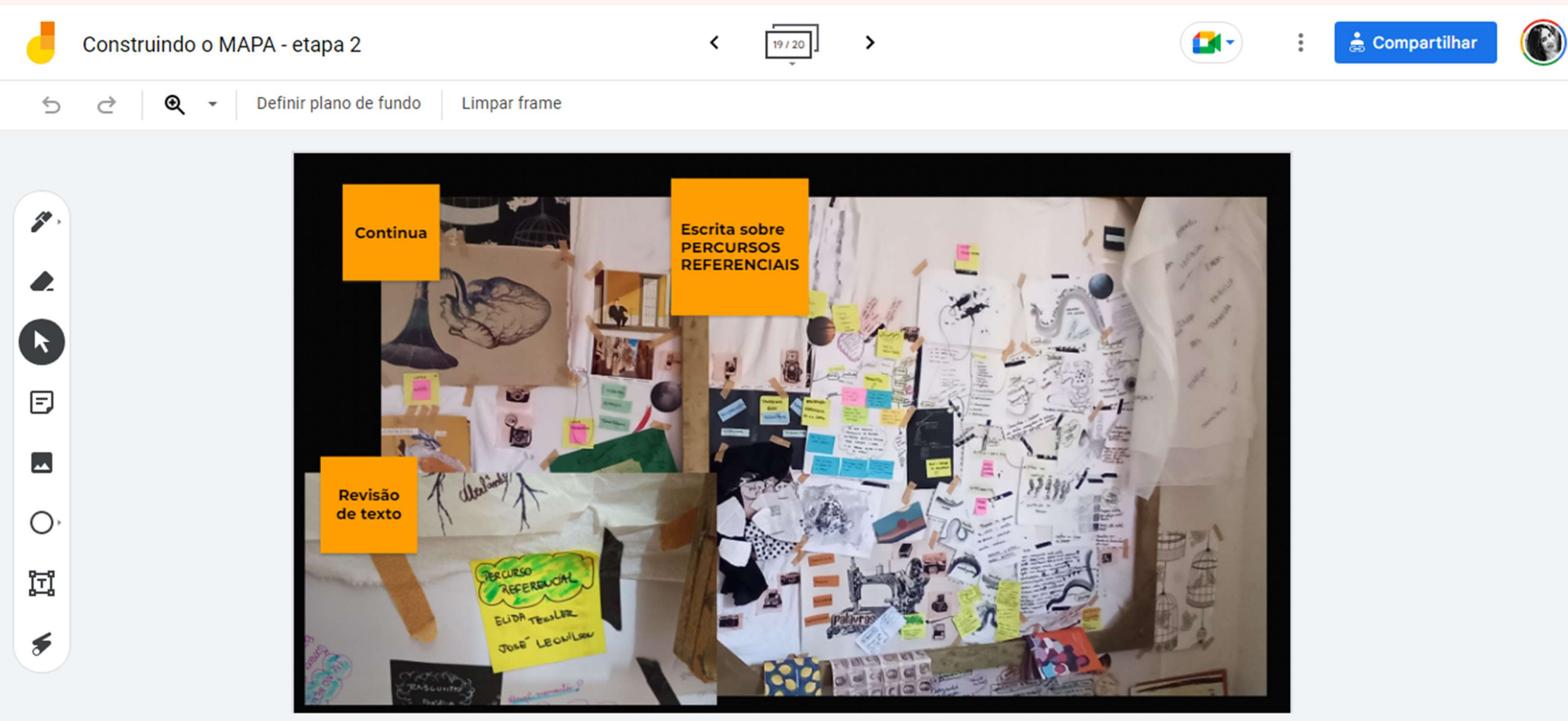
Utilizei como referenciais imagéticos as obras da artista Rosana Paulino, que foi o pontapé para eu iniciar uma contextualização da proposta da “Parede da Memória” em 2020 e que me levou a perceber como trabalhar com *palavras-imagens-palavras*. Mas a artista não tem como fator principal a utilização de palavras em sua obra, e por isso, para me ajudar a construir um pensamento sobre a arte contemporânea e o uso de palavras nas produções de arte, encontrei os artistas José Leonilson (1957-1993) e Elida Tessler (1961-), que reverenciam a palavra em suas produções contemporâneas.

Na Figura 26 apresento o momento da pesquisa em que, após realizar o estado da arte para buscar compreender como acontece a apropriação da palavra nesses percursos com as *palavras-imagens-palavras*, descobri que a palavra na arte contemporânea traz uma vasta possibilidade de apropriação. Essa pesquisa me ajudou a pensar como as palavras surgem nas redes de contatos e das memórias. São palavras afetivas, que chegam pelas mídias cotidianas, que se desdobram das reflexões sobre gênero, filmes, fotos, tecnologias e artesanato. São esses os modos de apropriação que trago para pensar

a apropriação das palavras nesse caminho com José Leonilson e Elida Tessler.

\Artista *Espécie de gente
que nunca vai deixar de ser
criança. (FALCÃO, 2013, p. 8)*

Figura 26- Inserção no mapa dos percursos referenciais, Print, 2022



Fonte: arquivo pessoal.

Momento em que a inserção no mapa não está mais dentro do quadrado, o espaço fora do quadrado se torna habitado pelo meu corpo, saiu do que Tuan (1983) coloca como lugar de valores estabelecido e considera seguro, pois poderia pensar estar em um lugar definido, já conhecido e com poucas interferências externas, uma vez que “A sós nossos pensamentos vagam livremente no espaço. Na presença de outros, os pensamentos recuam devido ao fato de que outras pessoas projetam seus próprios mundos na mesma área. O medo do espaço muitas vezes vai junto com o medo da solidão.” (TUAN, 1983, p.67)

E nesse espaço avançado é que me conecto com os artistas referências, possibilito aprender com outras pessoas, e a partir desse momento me rizomatizo fora desse quadrado, buscando compartilhar, aprender e escutar. Artistas que me fazem compreender que bordar os sonhos e sentimentos, colecionar palavras do tempo e espaço, gramaticar e cultivar palavras em plantas e discursos diários sinalizam como desenvolver um modo de pensar em *palavra-imagens-palavras* através da arte contemporânea na escola.

Assim, sigo na busca de como as *palavras-imagens-palavras* se conectam nesse processo de *terras-paisagens-terras* em José Leonilson e Elida Tessler. As paisagens se apropriam das terras, as

imagens se apropriam das palavras, ou seria vice-versa. Penso nessa relação de imagem para descrever a paisagem, palavra para descrever a terra. Olhar a paisagem e se voltar apenas para terra, olhar para imagem e se voltar para as palavras, articulando uma construção, o uso das *palavras-imagens-palavras* no produzir imageticamente.

2.4.1 Elida Tessler e o tempo como presença/ausência da palavra

Dentre as revisões bibliográficas sobre a artista levantei as dissertações em que pude perceber que cada pesquisadora apresentou um ponto específico do trabalho dela, não destrinchado apenas um percurso criativo, mas as várias ramificações, ou seja, os caminhos de pesquisa da artista sobre palavras e imagens que permeiam sua obra.

Teixeira (2018), em sua dissertação com o título “Continuidade Visual: presenças de James Joyce, Orhan Pamuk e Marcel Proust na obra de Elida Tessler”, evidencia a obra de Elida Tessler na tentativa de descrever como aparece a palavra escrita na obra da artista, esclarecendo sobre os termos que ela apresenta como fronteiras fictícias entre as artes visuais e a literatura. Além disso, a

autora apresenta em seu texto o que ela denomina de uma proposta da continuidade visual entre o ver e o ler de Elida Tessler.

A obra de Elida Tessler “não possui uma conexão direta com um texto literário específico, mas já envolve a relação da obra visual com a palavra escrita” (TEIXEIRA, 2018, p. 24), isso quando o texto apropriado para seu processo de criação é usado no aspecto de reflexão e imaginação, e não somente como comentário, cópia e transcrição direta na imagem descritiva. Na imagem proposta, o título não aponta uma explicação e uma ilustração, mas propõe um caminho para diversas interpretações e desdobramentos. Como por exemplo, na obra “*Dubling*”, na Figura 27, as palavras no gerúndio são retiradas do romance “*Ulisses*”, de James Joyce. Todas as palavras separadas estão impressas nas rolhas de garrafa. Nessa proposta, ela faz reflexões com elementos que indicam garrafas de vinho no texto e traz para dentro dessas garrafas as rolhas com palavras no gerúndio. Num olhar primeiro, não se conecta com uma ilustração do texto, mas induz a pensar mais sobre o texto e a construção visual.

palavra

Figura 27- Elida Tessler, *Dubling*, 4311 garrafas, 4311 rolhas com palavras impressas e 4311 cartões-postais com imagens, 2010



Fonte: <https://www.elidatessler.site/dubling> . Acesso em: 12 abr. 2022.

Quando a autora fala sobre a palavra e o posicionamento na obra de Elida Tessler afirma que para a artista “interessa a palavra como posicionamento” (TEIXEIRA, 2018, p. 24), o que possibilita uma autonomia da escrita. A palavra não se apresenta apenas como explicação e informação, e tão pouco como um grafismo solto, mas como representação verbal, e pode ser entendida numa continuidade interpretativa. Além disso, a autora afirma que as palavras que chegam à artista por doações e participações de outras pessoas possuem um caráter significativo. Desta forma, compreendo que aparece a palavra como posicionamento quando acontecem os estados de trocas e doações que são recebidas pelas palavras que estão em circulação, que se encontram prontas e mesmo as que são modificadas no cotidiano. São apropriações das palavras pelos lugares habitados pela artista.

É no cotidiano da artista Tessler que Teixeira (2018) percebe como ela relaciona a apropriação de textos literários para compor sua obra. Não significa ilustrar o texto pelo cotidiano, ou criar uma explicação pelo texto literário. Elida Tessler utiliza textos literários como um caminho para instigar sua criação, envolvendo-se em temáticas de seu cotidiano e até mesmo de forma autobiográfica, referindo-se a elementos textuais da sua própria vida.

Com Teixeira (2018), percebi que as apropriações realizadas por Tessler se conectam com sua vida, as experiências ao se unirem à literatura se transmutam numa nova obra, tornando-se verbal e visual. Sendo que para além de sua leitura, conduz o/a observador/a a infinitas interpretações pela continuidade visual. Nesse sentido, a construção da obra de Elida Tessler se desenvolve através também do pensamento recreacional sobre o texto, e o que sobra de uma leitura se pode guardar, pois se conecta como o cotidiano, fragmenta-se, junta-se a outros textos, utiliza-se as sobras e surge a imagem.

Para acrescentar reflexões sobre a artista Elida Tessler, li também a dissertação de Araújo (2018) com o título “Tramas da Criação Participativa: A experiência comunicativa nas obras de Elida Tessler e Beth Moysés”. No capítulo 1, intitulado “O Processo Criativo da Obra “Você me dá a sua palavra? de Elida Tessler”, a autora levanta tópicos importantes na produção da artista como o

objeto

*Work in progress*¹⁷, que é uma característica das obras de Tessler e está representado na obra “Você me dá a sua palavra?” (Figura 28).



Figura 28- Elida Tessler. Você me dá a sua palavra? Prendedores de roupas, 2004



Fonte: <https://www.elidatessler.site/vocmedasuapalavra>. Acesso em: 15 abr. 2022.

¹⁷ *Work in process* (do inglês, respectivamente, Trabalho em progresso, Trabalho em processo ou "Material em processamento". Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Work_in_Progress. Acesso em: 15 de abr. 2022. Parte superior do formulário

Essa proposta de Elida Tessler, além de ser um trabalho coletivo e participativo, é uma obra contínua, sem a pretensão de ter um fim, já que depende da participação voluntária. Uma obra que requer a participação de pessoas, amigos/as e/ou desconhecidos/as que queiram participar doando sua palavra, que são de vários locais. Outro fato importante é que essa obra é inacabada, pois sempre tem um prendedor a mais a ser inserido com as palavras de outras pessoas. Na Figura 28, podemos perceber uma mostra de prendedores, que indicam cada pessoa que em algum tempo e espaço doou sua palavra e deixou a sua marca nesse pedaço de madeira.

Na obra de Elida Tessler os textos utilizados se modificam, criam outra continuidade para além dos textos literários, que se conectam com o outro, com o objeto, com o cotidiano, com o mundo e com as subjetividades. Insere em seus processos criativos a escrita e a leitura de textos de autores/as, recebe doações de participantes e coleciona objetos de um tempo e espaço cheio de memórias.



2.4.2 José Leonilson pelas dúvidas das palavras como construção imagética

Para acrescentar sobre as possibilidades das palavras nas obras, busquei o artista Leonilson para incitar minhas reflexões sobre o eu. Para falar dele, pesquisei a dissertação “Palavras fora de lugar – Leonilson e a inserção de palavras nas artes visuais”, de Ana Lúcia Beck (2004), em que a autora exemplifica sobre a obra e a poética do artista com o uso de palavras na construção imagética. Um dos objetivos nessa investigação de Beck (2004) foi pensar a relação do verbal na obra de José Leonilson, considerando que sua obra, apesar do curto espaço de tempo, foi extremamente intensa de sentidos e possibilidades imaginativas advindas da percepção dos/as observadores/as.

A palavra e a imagem na obra do artista propiciam uma infinidade de possibilidades de interpretações para os/as observadores/as, pois ao disponibilizar uma “relação elaborada entre imagem e palavra que José Leonilson subverte a referencialidade da linguagem e possibilita aquilo que ele mesmo define como um leque de interpretações” (BECK, 2004, p. 87). Leonilson leva o/a

espectador/a a liberar a imaginação sem desconsiderar uma linguagem entre visual e verbal.

Para continuar refletindo sobre o trabalho do artista José Leonilson, recorri ao pensamento de alguns autores. Um dos pontos importantes que percebi com Colato (2017), pelas minhas leituras, é o que ela considera um corpo visível no trabalho de Leonilson. Um corpo artístico que possibilita ao/à observador/a ver a vida do artista presente na obra. Junto a esse corpo visível, encontra-se o corpo nos atos corriqueiros do dia a dia. Sua produção em alguns casos “expressa uma rapidez cotidiana, como a de quem escreve uma pequena lista antes de fazer compras” (COLATO, 2017, p. 56), representa aquilo que envolve o cotidiano, a experiência e o banal.

Percebi com Colato (2017) o recorte investigativo na poética do eu em Leonilson, um artista que expõe seu cotidiano, suas experiências e as banalidades da vida para propor reflexões para os/as observadores/as de suas obras. “O tom confessional, presente em meio aos desenhos e palavras, aproxima o observador da experiência de abrir um diário íntimo, onde seu dono – no caso, o autor – expressa suas aflições, medos, amores e confissões de forma aberta” (COLATO, 2017, p. 61).

Na Figura 29 é possível verificar esse cotidiano, a vida e a intimidade do artista. Não há imposições de verdades que nos contam acerca do mundo, mas instiga a curiosidade e cabe ao/à observador/a aceitar ou duvidar.



Figura 29- José Leonilson, SÃO Tantas as Verdades, tinta acrílica, lápis de cor, pedras semipreciosas e fio de cobre sobre lona, 213x106x2 cm, 1988



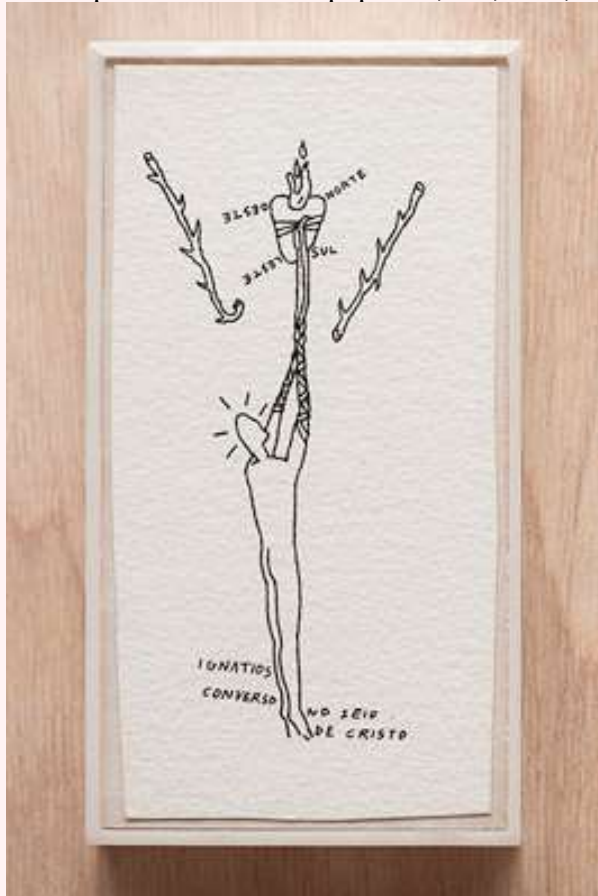
Fonte: In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2022. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra58444/sao-tantas-as-verdades>. Acesso em 20 de abr. de 2022.

A pesquisadora Gois (2015) explica a materialidade presente na obra de Leonilson como sensível e a atribui à cartografia, ao diário, às palavras e ao estrangeiro. Mas como essa materialidade sensível se apresenta em sua obra? Gois exhibe Leonilson como “fragmentos de si e do mundo” (GOIS, 2015, p. 85). As palavras presentes na obra de Leonilson são fragmentos de suas escritas e vivências corporais de lugares amorosos, familiares, infantis, de viagens e da doença. “Leonilson escreveu em suas obras palavras, poesias, frases e textos que se assemelham a acontecimentos da vida e a sensações, colaborando para que a obra do artista seja constantemente relacionada ao autobiográfico” (GOIS, 2015, p. 85).

Esses lugares são marcantes na obra de Leonilson, pois conferem diversas relações com a vida. Um exemplo é o corpo, que representa uma cartografia com seus órgãos, pois “os pontos de localização são marcados pela escrita de alguns dos órgãos” (GOIS, 2015, p. 117), (Figura 30).



Figura 30- José Leonilson, Ignatios, converso no seio de Cristo, tinta de caneta permanente sobre papel 14,7x7,6 cm, 1991



Fonte: In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2022. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra58524/converso-no-seio-de-cristo>. Acesso em 20 de abr. de 2022.

Leonilson caminha criando um dicionário de palavras e o diário íntimo, acrescentando textos, poemas e apropriação de objetos, formas e cores. Mas, além das materialidades, o texto criado por ele proporciona interpretações diversas. O artista transita em sua criação pelas palavras, pelos afetos e pelas subjetividades de um corpo interno e externo que é permeado por lugares habitados e percepções do cotidiano do artista.

Elida Tessler e José Leonilson apresentam as palavras em suas obras juntamente com a apropriação de fragmentos do mundo, uma maneira de se apropriar do outro. Com esses dois artistas pude observar uma relação subjetiva de como relacionam os seus cotidianos e como as palavras surgem, aparecem, evidenciam as relações com o coletivo, com a leitura, com a própria vida.

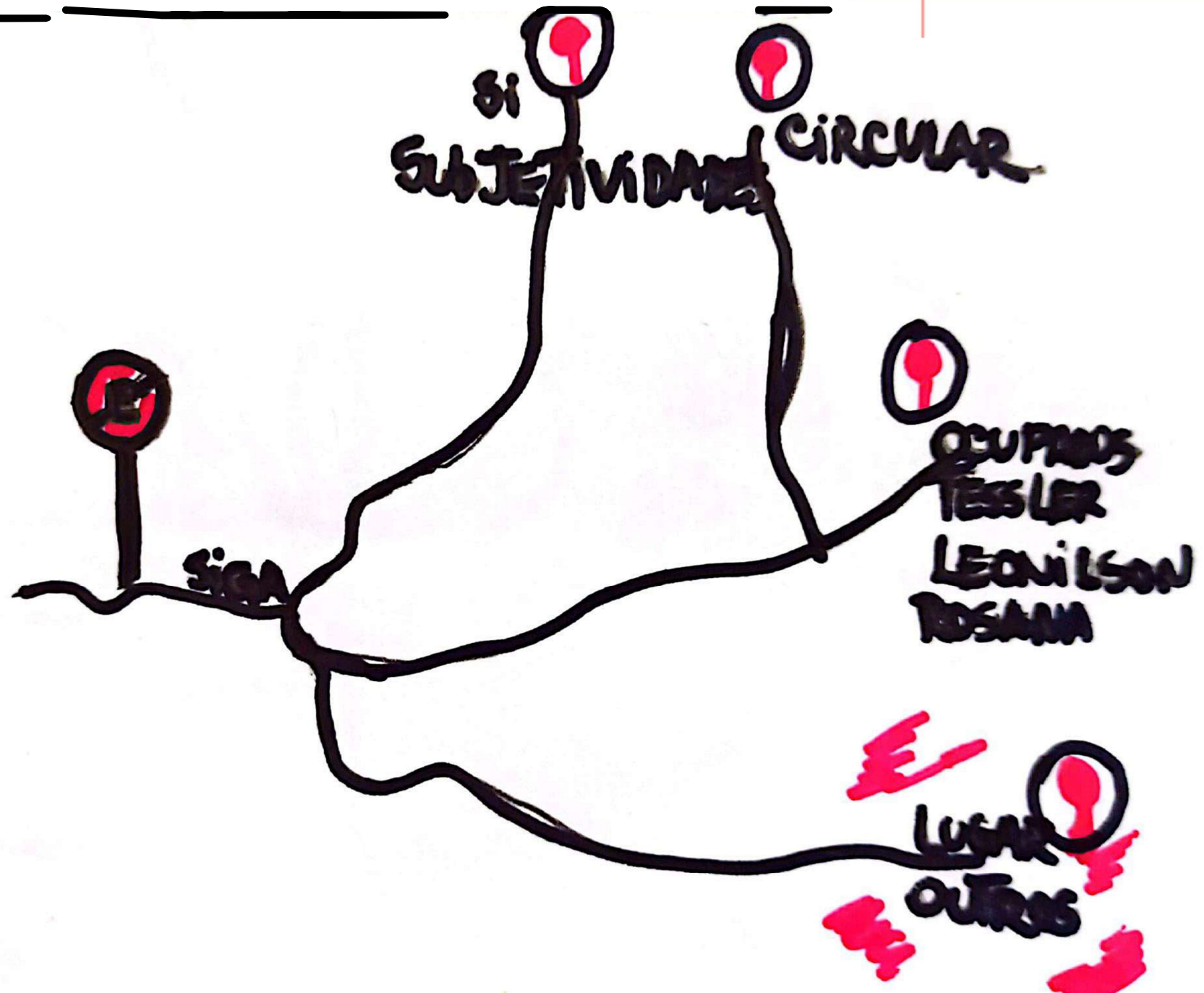
\Outro Tudo que não cabe no
espaço em que você ocupa.
(FALCÃO, 2013, p. 68)

*\e Quinta letra do alfabeto
que tem a honra de juntar
coisas ou pessoas, nas
frases. (FALCÃO, 2013, p. 24)*

● Em rota nos caminhos
experienciais

...um meio para aguçar as memórias
através de suas produções em artes
visuais...

2.5



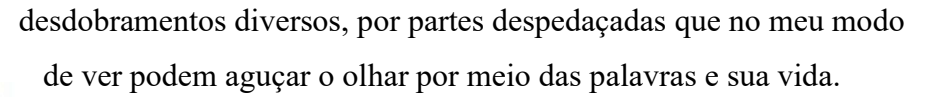
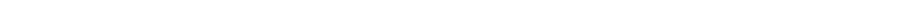
2.5 Em rota nos caminhos experienciais

Caminhando pelos percursos sinalizadores, contextualizadores e referenciais cheguei aos percursos experienciais. Rememorando o percurso sinalizador, minhas reflexões giraram em torno *de palavras-imagens-palavras*, em que a palavra surge como parte da imagem, que não se sobressai e/ou se minimiza, mas é uma imagem constituidora/construtora de pensamentos e interpretações. Nos percursos contextualizadores apresento uma prática que despertou momentos investigativos sobre a forma como trabalho com a obra “Parede da Memória” de Rosana Paulino. Momento em que apresento uma concepção de como eu compreendo *palavras-imagens-palavras* com o uso de palavras na construção imagética, e como esse modo de pensar me despertou para buscar minhas memórias. E caminhei também pelos percursos referenciais onde estou com os artistas contemporâneos que colaboram para reflexões sobre *palavras-imagens-palavras*, que são: Elida Tessler e José Leonilson.

2.5.1 Percursos Experienciais

De certo, a obra “Parede da memória”, de Rosana Paulino me induziu a encontrar emoções com Elida Tessler e José Leonilson em diálogo com as ideias de Didi Huberman (2016) e Tuan (1983). Percebi como as emoções são aguçadas pelos trabalhos do/a artista e são sustentadoras das memórias. E instigada por muitas dúvidas durante o meu caminhar, sigo em frente, perseguindo a pergunta norteadora desta pesquisa: *Como a apropriação de palavras pode aguçar as memórias através da produção em Artes Visuais?*

Na figura 31, após o contato com os trabalhos de Tessler, tentei buscar uma conexão com a “Parede da Memória” de Rosana Paulino. Descobri uma presença das memórias em suas produções quando ela busca nos objetos banais, nas leituras de diversos textos e livros e na contribuição do outro as suas próprias memórias. Nesse meu entendimento, essa parede imaginária é permeada pelas memórias e seus diversos fragmentos, o que possibilita aguçar o olhar, as formas de ser, de ver o mundo e perceber os outros através de suas produções.



\ Emoções *Um tango que
ainda não foi feito. (FALCÃO,
2013, p. 27)*

A crumpled piece of paper, likely representing a discarded idea or a rejected proposal.

Compreendi que a parede da memória em Tessler e Leonilson se vincula à apropriação de palavras através de fragmentos retirados das memórias que se tornam um meio para aguçar as memórias através de suas produções em artes visuais. Esses artistas, ao utilizarem palavras-imagens, ajudam-me a pensar em *palavras-imagens-palavras*.

Durante esse percurso, que denomino “momentos experienciais”, para pensar e refletir sobre os alguns lugares, sendo que em Tessler são lugares que se apresentam tomados por tempo de compartilhamentos e com Leonilson são lugares subjetivos do cotidiano, busquei compreender como construir estratégias didático-pedagógicas com o uso das *palavras-imagens-palavras*. E por isso planejei encontros utilizando as minhas vivências em sala de aula para propor reflexões com um grupo de estudantes, regulares e egressos, do curso de licenciatura em Artes Visuais da Faculdade de Artes Visuais (FAV) da Universidade Federal de Goiás (UFG).

A escolha do grupo de participantes convidados/as se deu pela parceria que o PROF-ARTES tem com a UFG, sendo que a orientadora dessa pesquisa é professora na UFG e fez contato com o grupo de estudantes e egressos para enviar o convite que eu elaborei. Nesse convite propus a participação voluntária na pesquisa sob o

embasamento do Comitê de Ética e Pesquisa do CEP/IFG e UFG. Foram convidados/as a participarem de quatro encontros on-line, de 1h30min no mês de agosto de 2022 nos dias 09, 17, 23 e 31. Os encontros de maneira remota indicaram um facilitador para que o/a participante pudesse participar, visto que os encontros foram sempre logo após o fim do horário letivo. Além disso, pude chamar para participação professores/as de localidades distintas e que pudessem participar com o grupo.

Apresento abaixo o planejamento dos quatro encontros realizados em agosto de 2022:

2.5.2 Encontro experiencial: 1º encontro - lugar de si e subjetividades com Lara

Data: 09/08/2022

Duração: 1h30

Tema: Lugar de si e subjetividades com Lara

Justificativa: A intenção desse encontro foi abordar o lugar de si e subjetividades partindo de reflexões construídas pelas memórias fragmentadas pelo tempo e espaço individual vivenciados. Uma apresentação de como as *palavras-imagens-palavras* surgem nas minhas experimentações de práticas artísticas de ensino, como me

aproprio de palavras e como essa apropriação conduz a minha atuação docente.

Objetivos Específicos: apresentar a proposta dos encontros experienciais; explicar como venho trabalhando com o termo *palavras-imagens-palavras* para *terras-paisagens-terras* em minhas produções; buscar palavras com disparadores dos lugares de si e subjetividades.

Primeiramente, realizei uma breve apresentação da proposta denominada encontros experienciais. Foi o início de um diálogo em que foi possível sugerir, discutir e levantar referências. Um momento para explicar que os quatro encontros foram pensados pelo que eu compreendo como *palavras-imagens-palavras*. Cada encontro experiencial foi guiado por um tema. Os temas foram: 1- Lugar de si e subjetividades com Lara, Tessler e Leonilson; 2 - Lugar ocupado com a obra Parede da Memória de Rosana Paulino fomentando a atuação docente; 3 - Lugar apropriado em um lugar com participantes; e 4 - Lugar circular de travessias compartilhadas.

Expliquei como venho trabalhando com o termo *palavras-imagens-palavras*, isso através de duas produções imagéticas produzidas por mim. A partir do trabalho “Fotografia de dentro de uma caixa” (Figura 33), apresentei um exemplo de uma produção

imagética que realizei a partir de um registro fotográfico dos meus lugares de subjetividade sobre uma caixa de guardados. No processo de criação busquei nas minhas memórias, do meu eu, fragmentos de um tempo e transformei esse olhar sobre a fotografia num momento de escrita. No diálogo com a caixa surgiu a frase: “O que vejo assombra em cores as ausências dos anos”.

Nesse exercício do olhar, enquanto a imagem estava sendo apresentada para os/as participantes (Figura 33), eu lia a frase com o objetivo de desvincular palavra e imagem. Etapa que exponho alguns pontos de reflexão, por meio de perguntas, que foram levantados nessa apresentação: a) Ao ouvir a frase que criei que diálogo você estabelece com a imagem?, b) Que frase você pode criar a partir dessa imagem?, C) Consegue estabelecer alguma relação de uma frase criada por um outro/a participante com a que você criou? e d) O que cada frase que foi criada acrescenta quando você olha a imagem?

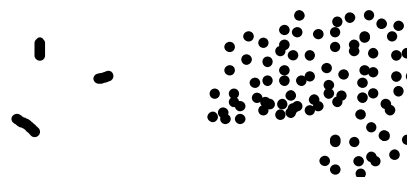


Figura 33- Fotografia de dentro de uma caixa, registro fotográfico, 2022



Fonte: arquivo pessoal.

Já no momento de observação da Figura 33, apresentei uma criação imagética que realizei a partir de uma série de momentos reflexivos que venho escrevendo pelas minhas observações e

vivências com a temática. Com isso, envolvi-me na criação dessa imagem, quando me apropriei de um objeto que me instigou a desenhar e a escrever palavras na imagem, em uma construção de representação verbal/visual ou visual/verbal.



Figura 34- Lara Melo, s/t, Montagem e desenho 2022



Fonte: arquivo pessoal.

Para criar esse trabalho sem título, parti das seguintes questões: a) Você tem um objeto que de tão esquecido se tornou banal?, b) Que objeto que mesmo você não dando importância para ele, não se desfaz? Seria possível você criar um outro sentido para esse objeto?

Após essas reflexões que me ajudaram a pensar sobre os meus trabalhos, propus um momento para que os/as participantes pudessem produzir. Aproveitando o diálogo com as imagens, pedi que selecionassem um objeto banal de uso pessoal que fosse sem importância para cada um/a. A orientação dada foi que deveriam selecionar esse objeto e desenhá-lo em uma folha. Logo após o desenho deveriam dar um novo nome para ele. O nome dado traria o sentido que cada um/a queria dar para esse objeto e faria parte da imagem. Quando finalizaram essa produção foi realizado um momento para apresentação do que produziram e para fala dos/as participantes.

Para terminar o primeiro encontro solicitei que trouxessem para o próximo encontro, para iniciar uma proposta prática, uma fotografia de si. Poderia ser um retrato ou um autorretrato impresso sobre alguma superfície, desde que admitisse interferências no mesmo. Solicitei também que trouxessem materiais riscantes de sua

preferência, como por exemplo: giz de cera, canetas hidrocor, lápis e grafites. Deveriam trazer cola, tesoura, figuras recortadas de revistas, jornais, dentre outros e qualquer elemento que representasse fragmentos da memória de si, suas identidades e que poderiam ser integrados em sua produção.

2.5.3 Encontro experiencial: 2º encontro - Lugar ocupado com Tessler, Leonilson e a obra "Parede da Memória", de Rosana Paulino fomentando atuação docente

Data: 17/08/2022

Duração: 1h30min

Tema: Lugar ocupado com Tessler, Leonilson e a obra "Parede da Memória", de Rosana Paulino, fomentando a atuação docente

Justificativa: Nesse encontro apresentei a artista Tessler e o artista Leonilson para gerar reflexões sobre seus lugares de si. Expliquei, por meio de um recorte, um momento vivenciado por mim durante a minha atuação docente, em que fui envolvida pelo ensino e a criação ao ser despertada para um modo de trabalhar através das *palavras-imagens-palavras*. Nesse sentido, apresentei aos/as

estudantes a obra "Parede da Memória", de Rosana Paulino, e trabalhando com essa proposta, eles criaram as suas produções. Proposta que em que me vi envolvida na busca de minhas identidades para criar a minha parede de memória. Explicitarei como esse envolvimento acontece nos percursos contextualizadores.

Objetivos Específicos: mostrar questões dialogadas que intentam outros artistas que trabalham com o uso de palavras nas suas representações visuais e citar algumas obras dos artistas Tessler Leonilson que, em minha compreensão, conseguem trabalhar com as *palavras-imagens-palavras*; exemplificar uma prática docente que vivenciei em 2021 a partir da obra "Parede da Memória".

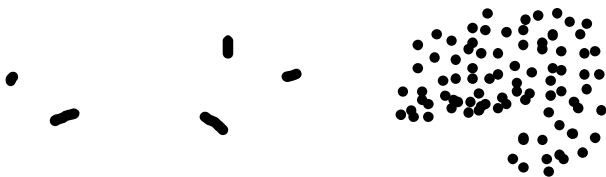
Após a etapa de iniciar a partir dos meus trabalhos, trouxe para o diálogo obras dos artistas Tessler e Leonilson. Incitar a observação de obras desses artistas foi um modo de gerar a percepção de como a apropriação de palavras acontece pelas memórias e forma fragmentos do cotidiano. Juntos/as observamos seis obras que fomentaram reflexões sobre como acontece a apropriação de palavras. Em cada obra, os/as participantes foram instigados a observar a utilização das palavras, sendo que essa observação foi conduzida por algumas perguntas.

A primeira obra apresentada foi “Você me dá a sua palavra?”, de Elida Tessler (Figura 35), e algumas perguntas conduziram as discussões sobre essa imagem: a) O que você pensa quando lê o título da obra? e b) E quando você lê a palavra imaginário na imagem?

Figura 35- Elida Tessler, Você me dá a sua palavra? Prendedores de roupas, 2004



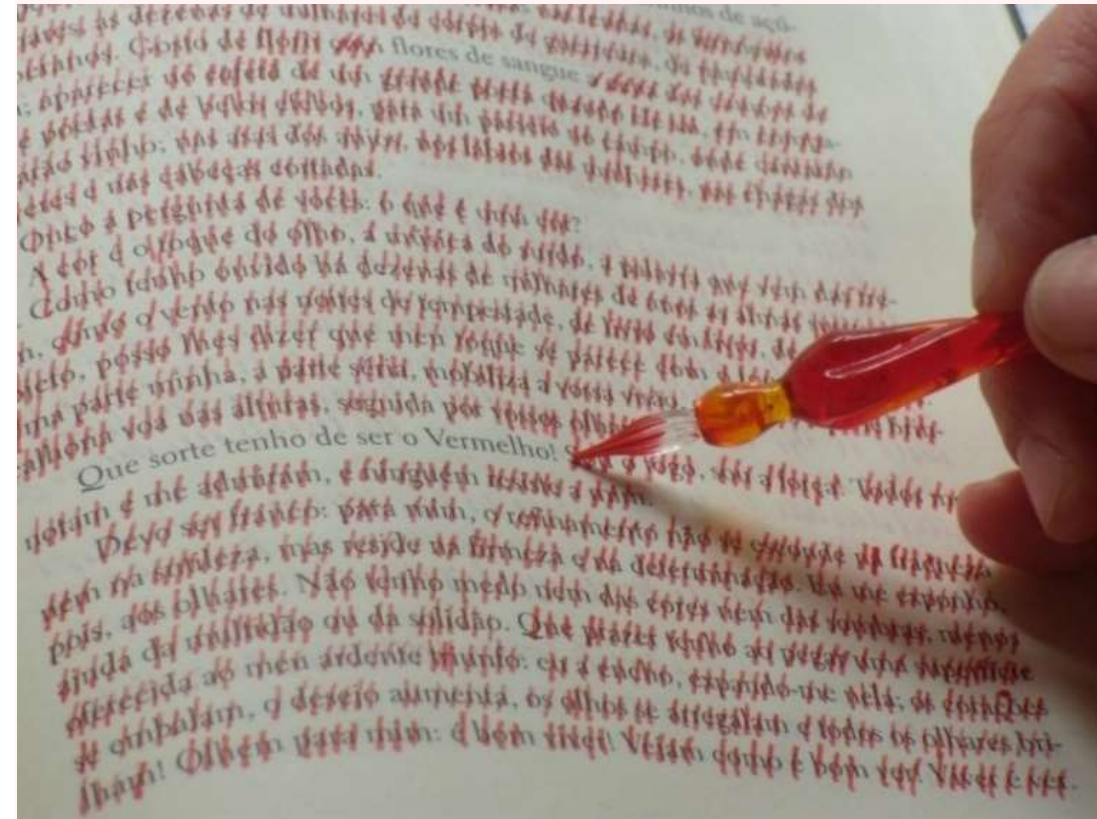
Fonte: <https://www.elidatessler.site/vocmedasuapalavra>. Acesso em: 02 maio 2022.



“Meu Nome Também é Vermelho” (Figura 36) foi a segunda obra apresentada. Durante o momento de observação, cada um/a foi convidado/a a responder às seguintes questões: a) O que você percebe das palavras na imagem?, b) O que significa para você a frase: Que sorte tenho de ser o vermelho! E c) Que outra frase elaboraria para essa imagem?

\Nome Toda palavra que já tem dono. (FALCÃO, 2013, p. 64)

Figura 36- Elida Tessler, Meu Nome Também é Vermelho, intervenção, 2019



Fonte: <https://www.elidatessler.site/meunometambemevermelho>. Acesso em: 02 maio 2022.

A terceira obra que eu trouxe para o nosso diálogo foi “Doador” (Figura 37). A partir desta obra pensamos sobre as palavras que carregam as memórias dos objetos por meio dos seguintes questionamentos: a) Que palavras ou frases você traria para incorporar nessa imagem? E b) Esses objetos provocam em você que recordações?

\Dor *Tudo que dá vontade de dizer
"ai" lá de dentro do peito, seja
topada, perda, cascudo ou abandono.
(FALCÃO, 2013, p. 24)*



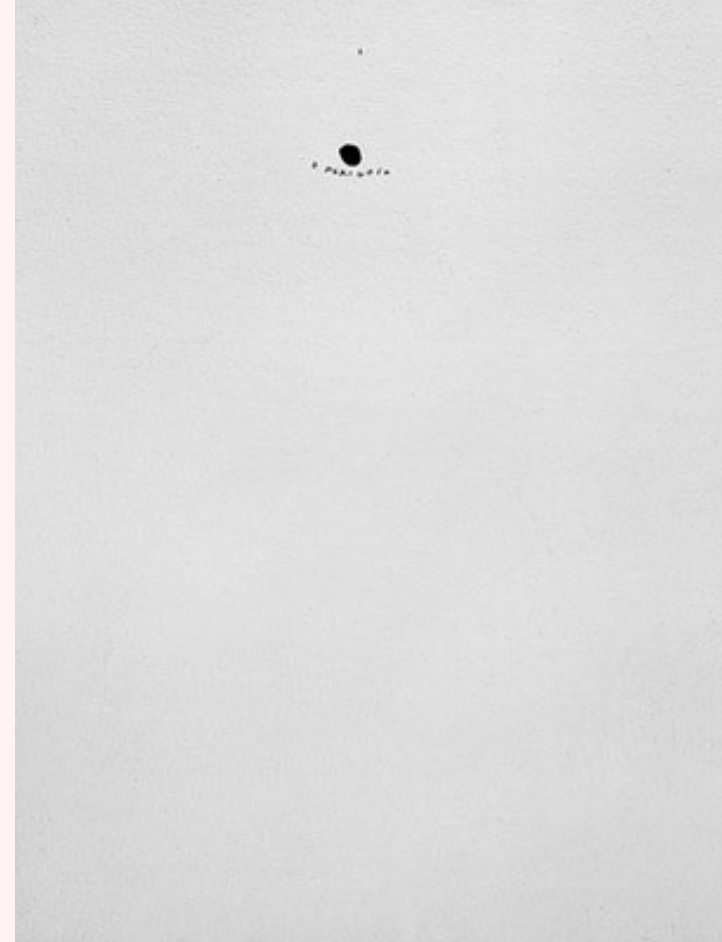
Figura 37- Elida Tessler, Doador, 270 objetos, 270 placas de latão com palavras gravadas em serigrafia, corredor, 970x150x270cm, 1999



Fonte: <https://www.elidatessler.site/doador>. Acesso em: 02 maio 2022.

Esse momento de diálogo com as obras foi conduzido também pelos trabalhos de Leonilson. Na obra “O perigoso” (Figura 38), as reflexões surgiram através das seguintes questões: a) Que palavra é essa que aparece na obra de Leonilson?, b) Para você tem o mesmo significado a obra sem a palavra? E c) O que a palavra ou título acrescenta nas suas reflexões?

Figura 38- José Leonilson, O Perigoso, série de sete desenhos, tinta de caneta permanente e sangue sobre papel 30,5x23 cm, 1992



Fonte: In: ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. São Paulo: Itaú Cultural, 2022. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/obra58553/o-perigoso>. Acesso em: 02 maio 2022

Com a obra “As ruas da Cidade” (Figura 39) foi o momento para pensarmos sobre as cartografias de nossos lugares vividos. O diálogo com Leonilson aconteceu através das perguntas: a) O que essas palavras te fazem perceber? E b) Quais palavras te ajudam a refletir sobre a obra?

lugar

Figura 39 - José Leonilson, As Ruas da Cidade, pintura, 1988

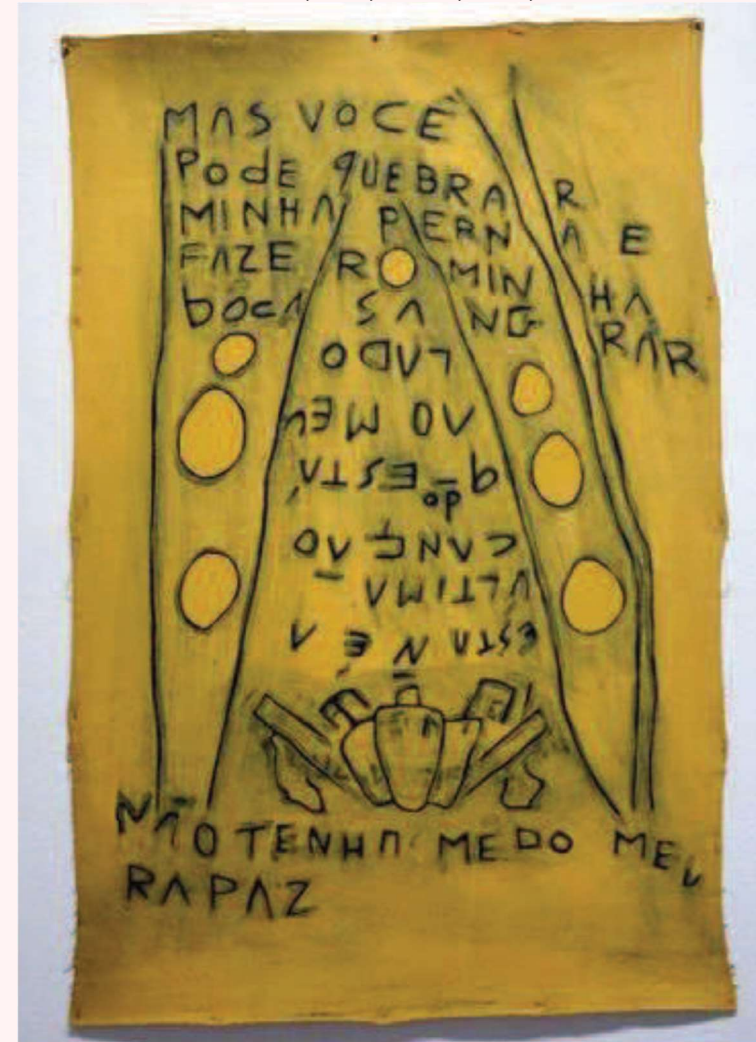


Fonte: <https://www.select.art.br/sob-o-peso-dos-amores-de-leonilson/>. Acesso em: 02 maio 2022.

A última obra para esse momento reflexivo foi “Não tenha medo meu rapaz” (Figura 40). Foram indagados/as sobre: a) Que reflexões essa obra gera para o mundo em que você vive?, b) Qual a colaboração dela se você levasse essa discussão para a escola? E c) As palavras te ajudam a olhar o quê?

afetos

Figura 40- José Leonilson, Não tenha medo meu rapaz, acrílica sobre lona, 103,0 x 68,0 cm, 1988



Fonte: GOIS, 2015.

Após o diálogo com as obras dos artistas Tessler e Leonilson, apresentei a obra “Parede da Memória”, de Rosana Paulino (Figura 19), que foi a obra que inspirou uma experiência docente com ao/as estudantes. Durante essa apresentação e observação do trabalho da artista explicitiei um pouco sobre meus estudos nos percursos contextualizadores.

Apresentei também as fotografias (Figura 20 e 21) para compartilhar com os/as estudantes como esse álbum me levou a pensar em construir uma parede da memória com eles/as. Mostrei os escritos inseridos sobre uma fotografia do álbum (Figura 20), explicando como essa escrita me inspirou a solicitar um autorretrato em que fosse possível trabalhar palavras sobre imagens. Expus também uma imagem (Figura 24) que me ajudou a perceber a parede da memória de meu pai, e que me levou a questionar: Qual é a minha parede da memória? Explicitarei que foi proposta que me ajudou a compreender que estou trabalhando com *palavras-imagens-palavras*.

Em seguida, apresentei uma produção que realizei (Figura 41) e refletimos sobre ela a partir da vivência como professora, juntamente com a busca pelas minhas identidades na minha parede da memória. Partilhei uma produção experiencial de professora, que realizei para me ajudar a pensar a proposta para os/as estudantes.

Figura 41- Lara Melo, s/t, Colagem, 2020



Fonte: arquivo pessoal.

Nesse exercício reflexivo com os/as participantes tentei desvendar minhas emoções pela minha escrita, pelo meu olhar, pelos olhares dos outros nas expressões coletivas que foram coletadas, e

pelas informações colhidas da história de minhas identidades. Para realizar essa produção, apropriei-me de minha imagem xerocada em preto e branco, de palavras e imagens. Utilizei palavras que permeiam as minhas memórias e formam diversos fragmentos que dialogam com minhas identidades para constituir a minha parede da memória. Nesse exercício em que a escrita aparece sobre a imagem há uma dimensão para além de uma grafia explicativa, mas integra a imagem, sem o medo de errar e estragar. As palavras se distanciam de uma explicação, mas compõem a nova imagem como o álbum de minha família, em um processo em que surgem as *palavras-imagens-palavras*, pois as palavras não integram apenas essa construção, mas são lugares do meu eu com de outros, com paisagens que multiplicam e ressignificam.

Logo em seguida, falei da proposta que realizei com os/as estudantes (Figura 23), mostrando uma produção de um deles. Na imagem apresentada ele modificou o seu retrato ao escrever sobre a fotografia, criando o seu autorretrato com as palavras que cada um/a pesquisou e expressões coletivas, como por exemplo, as falas dos outros e suas percepções.

Para finalizar o encontro, com os materiais em mãos solicitados no encontro anterior, pedi eles/as que, inspirados/as por

uma proposta docente para ser vivida em sala de aula, realizassem a produção de uma imagem que representasse uma parede da memória de cada um/a, buscando perceber as *palavras-imagens-palavras*. Assim, a apresentação de cada produção poderia conduzir o próximo encontro.

2.5.4 Encontro experiencial: 3º encontro - Lugar apropriado em um lugar com participantes

Data: 23/08/2022

Duração: 1h30min

Tema: Lugar apropriado em um lugar com participantes

Justificativa: Nesse encontro o foco foi a produção dos/as participantes e a intenção foi propor reflexões sobre como buscaram referências para realizarem as produções de suas paredes da memória.

Objetivos Específicos: refletir sobre cada produção imagética realizada sobre a parede da memória; discutir sobre uso de palavras; e pensar em uma proposta com *palavras-imagens-palavras*.

Esse encontro proporcionou um momento reflexivo por meio do qual produziram reflexões geradas a partir das seguintes questões:

a) Como produziu a sua parede da memória?, b) Quais foram as soluções empregadas por você para criar uma produção que

necessitava do diálogo entre o verbal e visual? E c) Como o diálogo que buscou entre o verbal e o visual contribuiu para gerar aprendizagens para o ensino de artes visuais?

No final, disponibilizei um *slide* com a pergunta para que criássemos juntos/as uma proposta que incorporasse as *palavras-imagens-palavras*: Vamos desenhar a proposta juntos/as? O que essa proposta que pense em *palavras-imagens-palavras* precisa conter? Isso foi realizado em uma escrita on-line com a participação de todas e todos.

2.5.5 Encontro experiencial: 4º encontro - Lugar circular de travessias compartilhadas

Data: 31/08/2022

Duração: 1h30min

Tema: Lugar circular de travessias compartilhadas.

Justificativa: Na intenção de continuar as reflexões sobre como buscaram referências para realizarem as produções de suas paredes da memória e também em razão da proposição dos encontros

experenciais, foi demonstrada a importância de o grupo de participantes compartilhar vivências, percepções, experiências, sensações, sugestões e críticas que fossem capazes de auxiliar no percurso final dessa pesquisa.

Objetivos Específicos: refletir sobre cada produção imagética e aplicar um questionário digital discursivo.

Nessa última etapa dos encontros as apresentações das paredes das memórias foram finalizadas, retomando a pergunta: O que essa proposta que pensa em *palavras-imagens-palavras* precisa conter?, para que pudéssemos acrescentar mais elementos e refletir sobre as produções anteriores. Além disso, realizei uma fala final sobre todos os lugares percorridos para refletirmos como é possível pensar *palavras-imagens-palavras* para gerar aprendizagens para o ensino de artes visuais.

Com a intenção de ouvir mais um pouco os/as participantes, disponibilizei um questionário digital discursivo no formato *Google Forms*¹⁸. Seguem abaixo as perguntas que compõem o questionário digital da pesquisa:

¹⁸ Link:
https://docs.google.com/forms/d/1vgGPgFol_ZwmDoXgwKiYeirEJWINsdkKSMOMRneEAEQ/edit



a) A partir do desenho da proposta criada no encontro passado, quais seriam as aprendizagens em artes visuais que você consegue conceber a partir de um trabalho docente com os/as estudantes na educação básica que seja pensado por palavras-imagens- palavras?, b) Para você o que são palavras-imagens- palavras?, c) Como você pode ressignificar a sua prática docente a partir da sua experiência nos encontros experienciais?, d) De que maneira as *palavras-imagens-palavras* podem aguçar os seus modos de ver, dos/as estudantes e dos outros?, e) Que tipo de dificuldades você encontrou nos momentos de produção do que foi solicitado?, f) Após a sua participação nos encontros, o que você pode sugerir para que um trabalho com *palavras-imagens-palavras* aconteça em sala de aula?, g) Se você fosse recontar esse encontro, que momentos mudaria?, h) Ao término dos encontros o que ficou faltando para você compreender? e i) Que sugestão ou perguntas você deixa para que eu possa pensar a respeito da metodologia que venho conduzindo as minhas aulas?

Finalizei a seção 2, das “Estratégias metodológicas da pesquisa”, na qual permeei pelos percursos vivenciados: sinalizadores, contextualizadores, referenciais e experienciais. Seção em que busquei compreender: *Como a apropriação de palavras pode*

aguçar as memórias através da produção em Artes Visuais? Esses percursos fizeram parte da minha metodologia para pesquisa em ensino de artes visuais com foco em investigar *palavras-imagens-palavras* como um processo de criação didático-pedagógica para o ensino de artes visuais.

Esses percursos passaram pela construção autobiográfica com um viés cartográfico que se inseriu em uma parede da memória da pesquisa. Parede repleta de espaços e com lugares definidos.

\Encontro Reunião formada
pelo que procurava, pelo achado e
pelo acaso. (FALCÃO, 2013, p. 27)



\A Primeira letra do alfabeto

*que também é a primeira letra da
palavra amor e se sente
importantíssima por isso (FALCÃO,
2013, p. 05)*



AS APRENDIZAGENS A PARTIR DO DIÁLOGO COM AS PARTICIPANTES E OS PARTICIPANTES

Para falar sobre as aprendizagens...

3



3 AS APRENDIZAGENS A PARTIR DO DIÁLOGO COM OS/AS PARTICIPANTES

Após a abertura da inscrição para os encontros experienciais, como citado anteriormente, recebi via *Google Forms* dezesseis inscrições com intenção de participação. Do total de inscritos, participaram dez pessoas, sendo oito mulheres e dois homens.

Para falar sobre as aprendizagens a partir do diálogo com os/as participantes da pesquisa, apresento quem são essas pessoas. São egressos/as da FAV, sendo que dois deles após inscrição desistiram da participação. Uma participante e um participante ainda não atuaram como professor/a e uma outra participante atualmente estava fora de sala de aula, mas já atuou como docente. Do restante no grupo, um professor e seis professoras atuam em escolas municipais, estaduais e privadas, com tempo de experiências diverso, variando de uma semana a 21 anos.

O que foi partilhado nesses encontros (Figura 42) é exposto nessa seção, buscando um diálogo a partir das falas dos/as participantes. Os seus nomes são utilizados, pois tenho as autorizações de acordo com as exigências do CEP. Concentrar-me-ei

[...] Pela memória, o passado não só vem a tona das águas presentes, misturando-se com as percepções imediatas, como também empurra, "desloca" esta última, ocupando o espaço todo da consciência. (BOSI, 1979, p.09)

nas falas de Aglaê, Alessandra, Ana Laura, Ires, Janieire, Luís Augusto, Marcos Antônio, Maria de Fátima, Meire e Patrícia, porque foram os que participaram dos encontros on-line.



Figura 42– Registro do encontro experiencial 1



Fonte: arquivo pessoal.

Nessa etapa com os/as participantes busquei inserir no mapa (Figura 43) as ações que estavam em processo. É o momento em que organizei os encontros elaborando informativos (*folders*), inscrições, com datas, horários, *slides*, *links*. E é nesse lugar do mapa que aconteceu o que pode ser considerado por Tuan (1983) como apinhamento, um lugar que é ocupado por outras pessoas com suas contribuições.

O espaço pode nos dar a sensação de espaciosidade, que é ter lugar para mover com liberdade, mas também de apinhamento, pois “[...] à medida que as outras pessoas penetram no espaço, para cada uma chega um ponto em que a sensação de espaciosidade passa ao seu oposto – apinhamento” (TUAN, 1983, p. 67), que é o espaço a ser ocupado.

O “apinhamento é saber-se observado” (TUAN, 1983, p.69) e para isso necessita se sentir à vontade e permitir o olhar de outros, nesse caso, da pesquisa, no ser apinhado “as pessoas nos restringem, mas também podem ampliar nosso mundo” (TUAN, 1983, p. 72), que é o que buscar desse espaço de novos olhares. Assim, na busca de novos olhares nessa pesquisa iniciei o diálogo com os/as participantes.

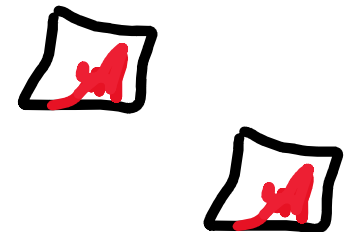
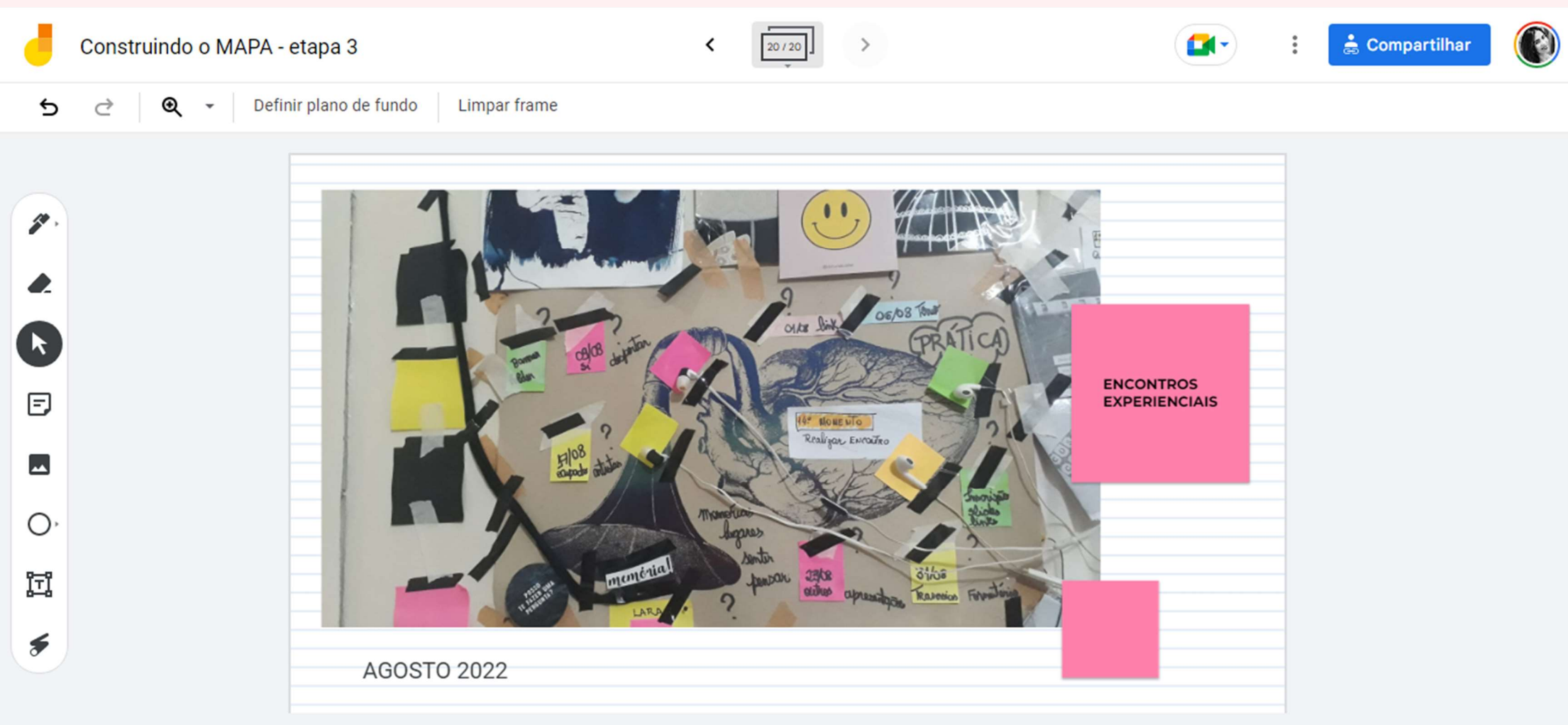


Figura 43- Inserção no mapa dos processos do encontro



Fonte: arquivo pessoal.

Para essa análise me baseei nos escritos de Rosana Hoffman-Câmara (2013), para quem a pesquisa qualitativa possui as formas dos dados e os tipos de investigação, tendo “objetivos como o de verificar de que modo as pessoas consideram uma experiência, uma ideia ou um evento são característicos de pesquisas qualitativas.” (HOFFMAN-CÂMARA, 2013, 181). O que me ajudou a perceber que essa pesquisa parte de uma vertente qualitativa em que importam as falas dos/as participantes, para realizá-la utilizo dados qualitativos, como: transcrições das gravações dos encontros, comentários do *chat* dos encontros, registros do questionário final e produções imagéticas, com um tipo de investigação que também inclui as referências de Laurence Bardin (1977) no seu livro “Análise de Conteúdo”.

Segundo Bardin, a análise de conteúdo segue um método sobre o qual ela explica que:

As diferentes fases da análise de conteúdo, tal como o inquérito sociológico ou a experimentação, organizam-se em torno de três pólos cronológicos:

- 1) a pré-análise;
- 2) a exploração do material;
- 3) o tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação (BARDIN, 1977, p. 95)

É seguindo esses preceitos de Bardin que busco compreender a prática vivenciada e experimentada nos encontros experienciais.

Dessa forma, busquei a pré-análise, que consiste na “fase de organização propriamente dita” (BARDIN, 1977, p.95). Nesse sentido, inicialmente organizei as gravações dos quatro encontros que estavam no *Google Drive* vindas do *Google Meet*, local virtual em que foram realizados os encontros experienciais. O primeiro passo foi ouvir as gravações, depois fiz as transcrições das mesmas utilizando o recurso do *Google Docs*, de digitação de voz. Nesse processo, acompanhei sistematicamente as transcrições, pois em alguns momentos elas ficaram erradas ou apareciam fragmentadas.

Realizadas as transcrições passei para a outra etapa, a exploração do material que “[...] consiste essencialmente de operações de codificação, desconto ou enumeração [...]” (BARDIN, 1977, p.101), também se pode acrescentar que essa fase de codificação é um tratamento do material previamente organizado, ou seja, “tratar o material é codificá-lo. A codificação corresponde a uma transformação [...]” (BARDIN, 1977, p.103).

Hoffman-Câmara acrescenta que essa codificação passa por procedimentos,

[que compreende a escolha de unidades de registro – recorte; a seleção de regras de contagem –enumeração –e a escolha de categorias -classificação e agregação -

rubricas ou classes que reúnem um grupo de elementos (unidades de registro) em razão de características comuns], classificação [semântico (temas, no exemplo dado), sintático, léxico –agrupar pelo sentido das palavras; expressivo - agrupar as perturbações da linguagem tais como perplexidade, hesitação, embaraço, outras, da escrita etc.] HOFFMAN-CÂMARA (2013, p. 185-186).

Após o processo de codificação, segui para a escolha das unidades de registro, que: “efetivamente, executam-se certos recortes a nível semântico, o <tema>, por exemplo, enquanto outros se efectuam a um nível aparentemente linguístico, como por exemplo, a <palavra> ou a <frase>” (BARDIN, 1977, p.104, grifos do autor).

Com a separação dos materiais, transcrições e organização, parti para a pergunta norteadora: *Como a apropriação de palavras pode aguçar as memórias através da produção em Artes Visuais?* Criei assim um esquema a partir dessa pergunta, em que identifiquei o tema memória como fruto de apropriação de palavras. Seria esse o lugar para observar cada um a sua memória individual e coletiva: “[...] como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas.” (LE GOFF 1990, p. 366)

A memória passa assim, como ressurgente, pelos disparadores conectados e capazes de levar à criação com a apropriação das palavras. Para tentar compreender esse fato pelas falas dos/as participantes, busquei um trajeto para a análise de conteúdo.

Para essa organização e meu entendimento, realizei uma disposição dessas falas em um arquivo separado, que me guiou nas próximas etapas. Selecionei essas falas dos/as participantes, entendendo suas unidades de contextos, que indicam a origem contextual das unidades de registro, as quais relacionei com os temas dos encontros 1, 2, 3 e 4. Além disso, identifiquei as unidades de registro com fragmentos das falas dos encontros 1, 2, 3 ou 4 - transcrições das gravações, comentários dos *chats*, questionário e produções imagéticas, o que me possibilitou criar classificações dessas unidades de registros e fazer uma tabulação que envolveu todos os elementos citados acima em categorias principais.

Criei assim uma tabela que fez parte do método de construção desse processo de análise de conteúdo (Tabela 01). Realizei uma divisão com duas colunas, uma com fragmentos das falas dos encontros 1, 2, 3 ou 4, comentários do *chat* e do questionário

e outra de categorias, que é um reagrupamento das falas por similaridades.

Como apresentado na Tabela 1, as falas são recortes de trechos, indicadas com iniciais dos nomes dos/as participantes, como por exemplo: MF, um tipo de código apenas nessa tabulação. Todas essas falas fizeram parte da busca e do recorte nas transcrições, comentários e questionário, a partir da busca pelas palavras referentes ao tema memória. A coluna categorias foi uma construção ocasionada pelo agrupamento a partir dos recortes das unidades de registro previamente classificadas com subtemas. Identifiquei a classificação dessas falas, como sinalizadas na Tabela 1, pelo contexto do tema memória, transitando pelas *histórias de vida, lugares, afetos, temporalidades, objetos, docência e imagens de arte*, de acordo com a elaboração da tabela.

Assim, segui categorizando pela unidade de registro juntamente com essa classificação, uma “*categorização* (que permite reunir maior número de informações à custa de uma esquematização e assim correlacionar classes de acontecimentos para ordená-los)” (HOFFMAN-CÂMARA, 2013, p.186), ou seja, realizei um reagrupamento dessas classes conforme Tabela 1.

Tabela 1 – Tabela categorização

FRAGMENTOS DAS FALAS DOS ENCONTROS	CATEGORIAS
MF – <i>perda do que não está mais presente, mas que já foi, fez parte também da sua vida, faz parte da sua história [...]esse fragmento de perda de lembrar né [...]histórias também fazem parte da nossa vida né que compõem</i> P - <i>quanto de memória tem. Que história essa caixa me conta?</i> M - <i>a partir das suas recordações das suas lembranças do que você guarda, eu lembro</i> I - <i>dentro da sua vida e história de vida [...] singular na história de vida</i> AL - <i>minha parede de memória</i>	Histórias de vida
P - <i>diz muito do lugar [...] desses lugares, dessas cidades [...] saudade desse lugar</i> I - <i>longo processo da sua vida, um longo caminho trilhado</i> MF - <i>para mim a memória do ambiente [...] esse quadro da memória que você traz, essa parede da memória fala de lugares, também de lugares [...] sentimentos, afetos, lugares [...] mas os territórios vividos, pisados e andados</i> AG - <i>meu corpo em um lugar que</i>	Lugares
L - <i>é uma imagem dos afetos e assim das suas memórias</i> A - <i>memória afetiva e guardados também [...]memória afetiva e guardado</i> M - <i>saudades do vivido e da construção subjetiva</i> MF - <i>parede da memória minha, ela é muito assim de afetos, das relações [...] sentimentos/lembranças que a imagem despertaram em você</i> P – <i>relacionamento, e eu me lembrei muito dele</i> AG - <i>meu corpo em um lugar que quase sempre nos vemos no anonimato [...] amor e o tempo, família</i> M - <i>eu lembrei que o meu filho</i> AL – <i>saudade só de ter lembrado [...] marcante assim na minha memória</i> I - <i>campo da memória, mas os sentidos</i>	Afetos
M - <i>presente tempo [...] o agora essa memória do hoje</i>	Temporalidades

P- <i>feitura do tempo [...] porque há um tempo não acreditavam que poderia acontecer</i> MF- <i>tempo pode dar N interpretação [...] tempo tá na minha parede de memória [...] roda Viva que a nossa vida [...] palavra mês de junho</i> AG- <i>vivendo eu acho que é isso, é coisa da vida mesmo [...] o tempo, memória passado [...] muito tempo para pensar, mas é isso</i> Ma- <i>fazendo ao longo do tempo</i> A - <i>foi falta de tempo</i> AL - <i>parede da memória tem algo que foi realizado no mês de junho</i>	
P- <i>que história é essa caixa me conta! [...] gaveta, presentificação e memória e procura [...] lembro que uma vez eu encontrei um casaco [...] essas coisas dos guardados, eu também guardo um monte de coisa</i> M- <i>o meu objeto tem uma história</i> MF- <i>memórias dentro de gavetas e essas gavetas podem ser deflagradas [...] interessante porque era a única que tinha, a roupa lembrei [...] a questão das salas de votos</i> AG- <i>nem lembrava que ele existe, fui lembrar agora</i> Ma- <i>esse que é um violão que eu tenho guardado [...] tenho guardado ali eu fiz simplesmente por fazer</i> AL- <i>você guarda e você vê que teve resultado, de algo que foi feito</i>	Objetos
L - <i>a gente tem algumas memórias que vem aqui no tempo</i> MF - <i>justamente a memória da tutoria [...] quando comecei na tutoria aqueles momentos, momentos de interação e mediação dos ateliês com os alunos. [...] Memórias das viagens a partir dessa câmera</i> P- <i>lembrando um pouco a minha experiência [...] eu fico guardando o trabalho de Leonilson para dias melhores [...] lugar de docência, um lugar diferente do lugar de discente [...] artista está ali junto com a docente o tempo [...] é a ideia era esse construir esse quadradinho do RG [...] eu tava o tempo todo conversando com os meus alunos</i>	Docência

M- <i>essa imagem para mim hoje é o lugar que eu estou trabalhando [...] então era uma reunião de trabalho [...] vou deixar guardadinha</i> I - <i>nossa própria vivência, da sua própria experiência</i> AL- <i>deixou uma boa lembrança do trabalho [...] com um tempo você se sente</i> AG - <i>ressignificação dos espaços educacionais</i>	
MF- <i>lembrando Salvador Dalí, A persistência da Memória [...] palavras-imagens-palavras não se separam</i> P- <i>a gente conhece a história do artista [...] pouco da história do trabalho</i> I - <i>e reconstrói de forma subjetiva e no campo da memória [...] apresentado antes a palavra traz sentidos posicionamento [...] aqui da memória e outros elementos escrito no mesmo espaço visual</i> MF- <i>as palavras que eu coloquei, são roda da vida, vida que corre, gira, gira vida [...] me lembrou um pouco aquela obra da Tarsila tempo inteiro uma pode estar subentendida na outra [...] surgiram aqui, quantas paredes da memória [...] tempo inteiro uma pode estar subentendida na outra</i> A - <i>era um sobrepor imagens [...] palavra, fazendo um diálogo com a vida</i> Ma - <i>as Histórias em Quadrinho [...] uma pequena história narrada e ilustrada.</i>	Imagens e palavras
LEGENDA	
AG- AGLAÊ AI - ALESSANDRA A - ANA LAURA I- IRES L- LUÍS Ma- MARCOS MF- MARIA DE FÁTIMA M- MEIRE P- PATRÍCIA	

Fonte: arquivo pessoal.

Dessa forma, cada classe recebeu um reagrupamento das falas dos/as participantes, em que categorizei, intitulando pelas falas coletadas “[...] o título e a definição da categoria, foram estabelecidos tomando-se por base as falas dos entrevistados” [...] (HOFFMAN-CÂMARA, 2013, p.187). Concluí que finalizei esse processo da exploração do material com categorias diversas e identifiquei um caminho agora para o tratamento dos resultados. Levando em consideração que “interessa ao pesquisador o conteúdo latente, o sentido que se encontra por trás do imediatamente apreendido” (HOFFMAN-CÂMARA, 2013, p.188), isso foi possível de ser analisado pelas interpretações das falas dos/as participantes, uma vez que as “[...] interpretações a que levam as inferências serão sempre no sentido de buscar o que se esconde sob a aparente realidade [...]” (HOFFMAN-CÂMARA, 2013, p.188).

De acordo com as falas dos/as participantes, fui percebendo como a memória é aguçada pela apropriação de palavras e a partir da memória consegui organizar as categorias: histórias de vida, lugares, afetos, temporalidades, objetos, docência, imagens e palavras surgidas pelas falas.

Ecléa Bosi (2003), no seu livro “O tempo vivo da memória”, apresenta questões referentes à memória que se relacionam

perfeitamente com essa discussão, que é pensar sobre a oralidade. A memória não habita apenas o imaginário, a leitura e a escrita, mas o que se compartilha pela fala, “a memória oral é um instrumento precioso se desejamos constituir a crônica do cotidiano” (BOSI, 2003, p. 15). Percebi como a memória pode e necessita ser estimulada e vivenciada, pois cria um amálgama com as palavras descortinando “*histórias de vida*”, o que afirma a participante Maria de Fátima:

[...] esse jogo que essas palavras fazem com as imagens, esses contrastes, mas que traz também essa sensação de perda, do que não está mais presente, mas que já foi, fez parte também da sua vida, faz parte da sua história [...] (MARIA DE FÁTIMA, 2022, transcrição - encontro 1).

[...] a gente trabalha muito com essa questão do que eu perdi, eu não lembro. Então essa parede trás esse fragmento de perda, de lembrar [...] (MARIA DE FÁTIMA, 2022, transcrição - encontro 3).

As memórias necessitam de estímulos que se cruzam com o eu e o outro. Ao compartilhar minha caixa (Figura 33) no encontro experiencial 1 com o tema: “Lugar de si e subjetividades com Lara”, percebi que minha história de vida pode despertar no outro as suas memórias, possibilitando trocas, conversas, palavras e imagens.

Vejamos o pensamento de Patrícia e o que nos diz Meire, Maria Fátima e Ires quando citam suas “histórias de vida”:

[...] quanto de ausência, quanto de memória tem? Quando você está de fora você quer entender de quem que é essa caixa. Que história que essa caixa me conta? Sabe, é um pouco isso que essa provoca em mim [...] (PATRÍCIA, 2022, transcrição - encontro 1).

[...] olhando suas recordações, eu faço uma lembrança. É uma distância que se aproxima, que fica pequena, vamos dizer assim a partir das suas recordações, das suas lembranças, do que você guarda. Eu lembro que até eu peguei o meu objeto tem uma história aí eu falei nossa quando eu olhei a caixa e você falou para criar frase eu até escrevi aqui a distância resgatada por lembranças, eu penso assim [...] (MEIRE, 2022, transcrição - encontro 1).

[...] muito interessante que a gente se vê também, são histórias também, fazem parte da nossa vida, que compõem também [...] (MARIA DE FÁTIMA, 2022, transcrição - encontro 3).

[...] Trazendo para dentro da sua vida e história de vida provocando um sujeito ativo autor da sua história [...] (IRES, 2022, questionário).

Importante perceber que as histórias falam de lugares. A caixa que apresentei não deixa de ser um lugar repleto de textos, palavras, imagens e objetos. A categoria “*lugares*” expõe memórias de viagens, cidades, ambientes e natureza, como contam as participantes:

[...] diz muito do lugar que a gente, essa terrinha que a gente quer e a terrinha do outro que junta com a gente [...] (PATRÍCIA, 2022, transcrição - encontro 1).

[...] todo dia nos movendo, em territórios diferentes, mas os territórios vividos, pisados e andados eles vão estar sempre presentes na memória [...] (MARIA DE FÁTIMA, 2022, transcrição - encontro 1).

[...] o nível de importância desses lugares, dessas cidades, que é o próprio corpo para ele [...]. (PATRÍCIA, 2022, transcrição - encontro 2).

[...] sentimento que eu tive assim como você, Lara. Caramba, que saudade desse lugar! [...] (PATRÍCIA, 2022, transcrição - encontro 4).

[...] essa parede da memória é muito interessante. Ela fala de lugares, fala também de lugares [...] (MARIA DE FÁTIMA, 2022, transcrição - encontro 4).

[...] a relação do meu corpo com a cidade. Eu percebo meu corpo em um lugar que 'quase sempre nos vemos no anonimato. São tantas as verdades: as minhas verdades, o meu eu nessa cidade, nos diversos caminhos. [...] (AGLAÊ, 2022, comentários do *chat* - encontro 2).

Essas falas me permitiram compreender que se pode transitar na memória pelos afetos. A partir da imagem criada por mim (Figura 34), reconheço que as palavras e as imagens puxam fios na memória para desnudar a categoria “*afetos*” como esclarecem as falas abaixo:

[...] Eu fiquei até um pouco reticente em fazer algumas considerações porque eu já tinha percebido que essa imagem é uma imagem dos afetos e das suas memórias. Eu fiquei me ressentindo de falar alguma coisa, fazer uma leitura sobre uma imagem que é afetiva, embora eu ache que a imagem é um convite para uma reflexão sempre [...] (LUÍS, 2022, transcrição - encontro 1).

[...] com a primeira imagem que você apresentou há uma memória afetiva nos guardados. Também, como sua mãe fez dentro de uma caixa, o objeto que meu bisavô trouxe quando veio da Itália para o Brasil, era um objeto de trabalho dele. Ele era uma ginecologista [...] (ANA LAURA, 2022, transcrição - encontro 1).

[...] foi o momento que eu tinha tido um término de relacionamento e eu me lembrei muito dele [...] (PATRÍCIA, 2022, transcrição - encontro 2).

[...] Então, essa parede da memória minha, ela é muito assim de afetos, das relações. Quando eu olho, fico lembrando de cada um como é que está hoje [...] (MARIA DE FÁTIMA, 2022, transcrição - encontro 3).

[...] Realmente uma saudade, porque só de ter lembrado, por que eu não estou lá presente, que foi algo que foi realizado [...] (ALESSANDRA, 2022, transcrição - encontro 4).

A prática docente apresentada no encontro experiencial 3 com o tema: “Lugar apropriado em um lugar com participantes” abriu possibilidades para pensar a apropriação de palavras como deflagradoras de memória, ficando claro que “do vínculo com o

passado se extrai a força para formação de identidade”. (BOSI, 2003, p. 15). Reconhecer também o que nos afeta através da “*temporalidade*” categoria “pode envolver o eu e o outro”, conforme observado na fala dos/as participantes:

[...] mas assim, talvez a gente vê só esse tempo, pode dar N interpretação. Diferentemente do que ele tenta, o artista tenta, trazer quando ele coloca a palavra perigoso [...] (MARIA DE FÁTIMA, 2022, transcrição - encontro 2).

[...] Roda Viva, que a nossa vida não para. E nesse não parar, vão surgindo novos elementos, novas pessoas, novas identidades, novas referências, vão surgindo dentro da família e cada um tem sua história [...] (MARIA DE FÁTIMA, 2022, transcrição - encontro 3).

[...] É mais uma questão existencial, mesmo da finitude da existência, olhando para o contexto que ele estava vivendo. Eu acho que é isso, é coisa da vida mesmo, você vai caminhando para morte. Não tenha medo, que é bonita [...] (AGLAÊ, 2022, transcrição - encontro 2).

[...] vou fazer a minha memória, a minha parede com coisas minhas, que eu venho fazendo ao longo do tempo, algumas coisas são coisas que eu dedico, mais outras nem tanto. [...] (MARCOS, 2022, transcrição - encontro 3).

[...] quando eu peguei essa foto, essa memória do hoje. Você não está tão errada, ela não está errada de maneira

alguma, é do hoje mesmo, que eu tento viver e vivenciar. Traz o antigo, aquilo que já me machucou, aquilo que eu pedi um socorro. Quando eu estava fazendo isso, eu estava fazendo, pensando e refletindo sobre tudo que eu já vivi na vida, sobre os meus ganhos e perdas [...] (MEIRE, 2022, transcrição - encontro 3).

[...] A palavra mês de junho, a gente lembra um tempo passado, você falou também de agosto, agora é agosto, então agora como é que estaria essa paisagem, esse local, essas imagens. O ano que vem, mês de junho, do ano que então, isso aqui para mim, a memória do ambiente [...] (MARIA DE FÁTIMA, 2022, transcrição - encontro 4).

Outro ponto que percebi nas falas dos/as participantes é o encontro com “*objetos*” promovido no encontro experiencial 1 com o tema: “Lugar de si e subjetividades com Lara”. Os objetos despertam falas e emoções, pois em cada um/a, mesmo que outro tenha um igual, envolve memórias únicas e intransferíveis. Segundo Bosi são:

[...] objetos biográficos, pois envelhecem com o possuidor e se incorporam à sua vida: o relógio da família, o álbum de fotografias, a medalha do esportista, a máscara do etnólogo, o mapa-múndi do viajante... Cada um desses objetos representa uma experiência vivida, uma aventura afetiva do morador (BOSI, 2003, p. 26).

É como se cada objeto fosse um elemento capaz de trazer uma vivacidade das memórias e gerasse gavetas que possibilitam ressignificar as memórias para um tempo que ficou esquecido. É possível perceber como a familiaridade com os objetos brota da memória para as falas.

[...] essas gavetas podem ser deflagradas a partir de uma imagem, de um objeto. A imagem pode trazer coisas que estão esquecidos na nossa memória. Então é como tivéssemos essas gavetas lá dentro [...] (MARIA DE FÁTIMA, 2022, transcrição - encontro 1).

[...] eu lembro que uma vez encontrei um casaco quando eu estava saindo do campus, um casquinho azul [...] (PATRÍCIA, 2022, transcrição - encontro 1).

[...] objeto assim, fez eu lembrei a questão das salas de votos de ex-votos [...] (MARIA DE FÁTIMA, 2022, transcrição - encontro 2).

[...] eu fiz para minha filha mais velha, o tabuleiro, eu tenho guardado ali eu fiz simplesmente por fazer [...] (MARCOS, 2022, transcrição - encontro 3).

Pensando nessa relação da memória com os objetos no encontro experiencial 1, com o tema: “Lugar de si e subjetividades com Lara”, os/as participantes selecionaram um objeto banal de uso pessoal, depois desenharam em uma folha, dando um novo nome para ele. A proposta era buscar um objeto e trazer novas possibilidades

para ele, assim como um novo nome, o qual poderia estar inserido na história e no contexto do objeto. Como a imagem (Figura 44) produzida pela Aglaê:



Figura 44 – Aglaê, Desocupado, Objeto banal com um novo nome, 2022



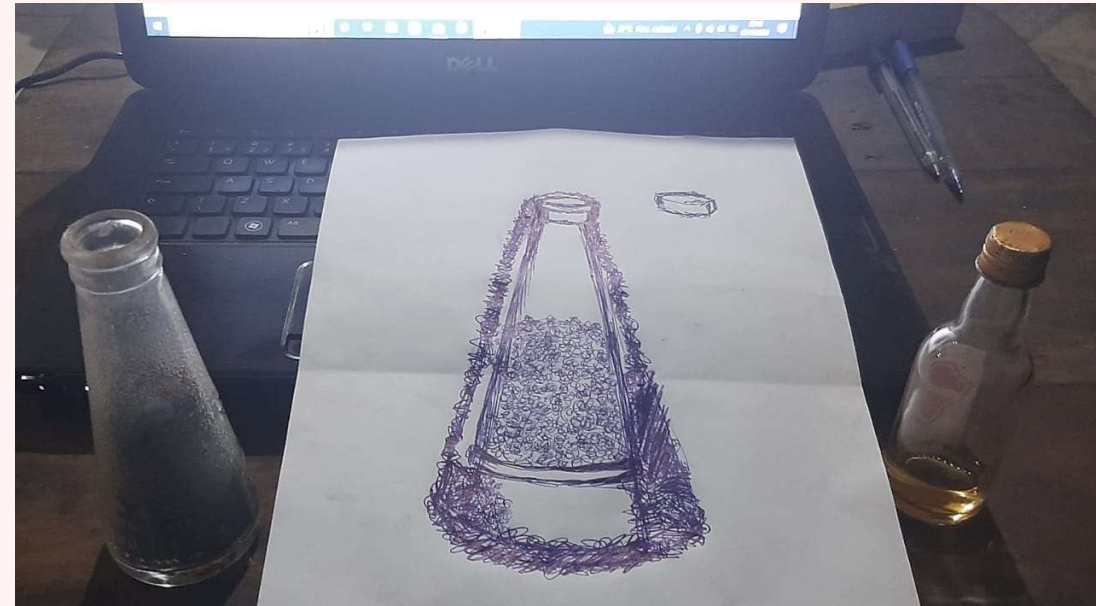
Fonte: arquivo pessoal.

Buscando em seus guardados algum objeto banal, Aglaê encontrou um colar que, segundo ela, permanece na sua casa, mas sem uma função. Por isso, ela o nomeou de “desocupado”. Essa não funcionalidade do objeto escolhido é que permitiu a ela trazer a palavra desocupado para sua construção e reflexão. Na busca por objetos banais é possível nomeá-los de forma singular. Aglaê explica que:

[...] não consigo nem lembrar que ele existe, fui lembrar agora. E eu coloquei o nome dele de desocupado, que é o contrário de ocupado. Antes ele ocupava uma intensão, tinha um sentido e um significado, agora ele está totalmente desocupado [...] (AGLAÊ, 2022, transcrição – encontro 1)

Outra produção foi realizada por Janieire, que encontrou em sua casa uma lembrança, que foi uma garrafinha com terra de vulcão de um lugar desconhecido. Em sua fala prevaleceu o desejo de guardar, algo relacionado com a curiosidade e um lugar que nunca foi.

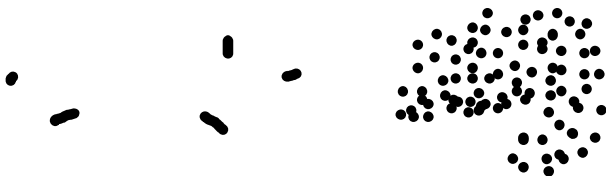
Figura 45 - Janieire, O vulcão e a cachaça, Objeto banal com um novo nome, 2022



Fonte: arquivo pessoal.

Nessa produção de Janieire, a palavra não aparece grafada sobre o desenho, mas em sua fala, pois repetidas vezes sugere o lugar que nunca foi. Porém seu envio da imagem para mim, posteriormente, foi acompanhado da palavra “o vulcão e a cachaça”.

Eu também, nunca tenha ido, mas é uma coisa que eu achei muito interessante e guardei, porque achei, nossa



que incrível, um vulcão, vou guardar [...] (JANIEIRE, 2022, transcrição - encontro 1).

Já Marcos apresentou o desenho de um violão, um objeto que o acompanha por muito tempo, mas é um instrumento banal ao ter suas cordas arreventadas. Em sua construção, a palavra é inserida na imagem sem o objetivo de descrever o que se vê. Mas é carregada de sentimentos ao inserir a palavra “meu”, como uma maneira de justificar a existência desse objeto banal. Intitula assim: “Meu Velho Pinho”.

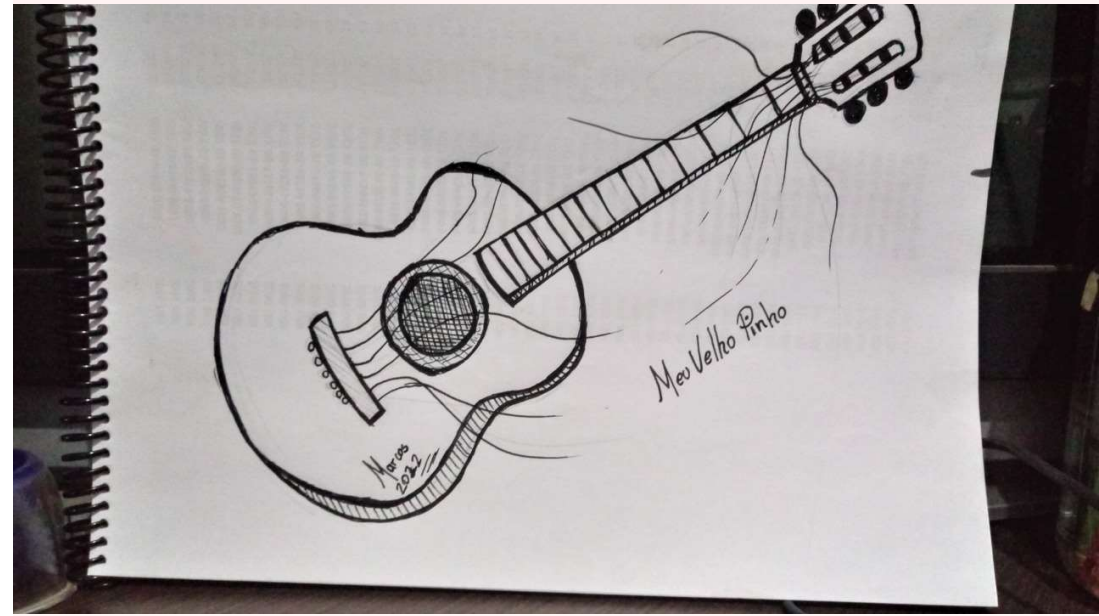
Então, apesar de ser não isso aqui, não tenho um instrumento das artes visuais, mas é um instrumento de arte que me acompanha desde a minha infância, e esse que é um violão que eu tenho guardado [...] (MARCOS, 2022, transcrição - encontro 1).



\Tempo Onde mora os quandoos.

(FALCÃO, 2013, p. 96)

Figura 46 - Marcos, Meu Velho Pinho, Objeto banal com um novo nome, 2022



Fonte: arquivo pessoal.

Ao entrarem em contato com seus objetos pensando palavras e imagens, os/as participantes fizeram também relações com as experiências de docência que instigaram as suas memórias:

[...] percebi que isso não é qualquer lápis, não é o lápis de escrever na sala de aula e se ele tem uma ponta bem avantajada e acaba é quando... a gente tem algumas memórias que vem aqui, no tempo, piadas que houve na época da graduação de um professor [...] (LUÍS, 2022, transcrição - encontro 1).

[...] Memórias das viagens a partir dessa câmera. Hoje ela está em desuso, eu tive outras câmeras ao longo do tempo. Eu passei a registrar com ela quando comecei na tutoria aqueles momentos de interação e mediação dos ateliês com os alunos [...] (MARIA DE FÁTIMA, 2022, transcrição - encontro 1).

[...] estava fazendo a limpeza, mas vou deixar guardadinha aqui. Agora olhando no contexto da escola, no contexto escolar, vamos falar de distância. Eu vejo a distância que há entre as pessoas no contexto escolar na sala de aula e a distância da família [...] (MEIRE, 2022, transcrição - encontro 1).

“*Docência*” é uma categoria abordada nessa análise, pois sendo um grupo formado por professores/as em vários momentos a questão da docência foi refletida. Nas falas a seguir, as participantes questionaram o lugar docente. São falas em que preservam em diversas instâncias a vida profissional e as experiências como professoras, sendo a docência uma memória viva.

[...] eu fiquei lembrando um pouco a minha experiência hoje como professora, pois a gente estava fazendo uma colagem com alguns alunos. Cada elemento que você pega, assim, a gente realmente vai juntando coisinhas [...] (PATRÍCIA, 2022, transcrição - encontro 2).

[...] eu fico guardando o trabalho de Leonilson para dias melhores, os dias que não sangrem assim [...] (PATRÍCIA, 2022, transcrição - encontro 2).

[...] refletir com essa obra no mundo em que você vive hoje, para mim essa imagem é hoje, é o lugar que eu

estou trabalhando [...] (MEIRE, 2022, transcrição - encontro 2).

[...] um ponto, que é o ponto de humanizar mesmo. Até que ponto a gente é humano quando a gente acha que o lugar de docência é um lugar diferente do lugar discente? [...] (PATRÍCIA, 2022, transcrição - encontro 2).

[...] visualidade, mesmo que não tenha sido intencional, mas que foi uma visualidade do meu imaginário próximo. Eu estava o tempo todo conversando com os meus alunos [...] a artista está ali, junto com a docente o tempo todo. E para sentir isso, sabe, eu tinha é isso só [...] (PATRÍCIA, 2022, transcrição - encontro 4).

[...] muito significativo para pensar as minhas práticas educativas em artes visuais e a resignificação dos espaços educacionais (AGLAÊ, 2022, questionário).

[...] Sabemos que a educação é um desafio para nós professores, e algo libertador, transformador e com um tempo, você sente que precisa ter um olhar poético (ALESSANDRA, 2022, questionário).

Há também outros momentos em que a “*docência*” ganha ênfase nas produções imagéticas propostas no encontro experiencial 2, com o tema: “Lugar ocupado com Tessler, Leonilson e a obra Parede da Memória de Rosana Paulino, fomentando atuação docente”. Nesse ponto, os/as participantes foram solicitados/as a realizarem a produção de uma imagem que representasse uma parede da memória

de cada um/a, buscando perceber o que compreendiam como *palavras-imagens-palavras*.

Para esse diálogo, trouxe os trabalhos de Patrícia, Alessandra e Meire (Figuras 47, 48 e 49), onde cada uma cria sua parede da memória. Em cada uma das paredes é possível observar uma ligação com a categoria “*docência*”. Patrícia, por exemplo, explora a apropriação de palavras do seu RG e da sua prática em sala de aula.

Figura 47– Patrícia. Não sei nada sobre Bacon ou enquanto o sino não toca, próxima aula, Parede da memória, 2022



Fonte: arquivo pessoal.

Durante os momentos de apresentação das produções, Patrícia explicou que:

[...] a ideia era construir esse quadradinho do RG mesmo. Esses tracinhos com marcador amarelo são na verdade as pessoas para mim, que foram passando. Então estava pensando em pessoas e fazendo isso, só foi um pouco isso enquanto não fazia nada [...] (PATRÍCIA, 2022, transcrição - encontro 4).

Alessandra, instigada pela proposta da construção da parede da memória, refletiu sobre sua prática docente. Quando explicou sobre o seu trabalho (Figura 48), ela falou de um projeto que realizou no mês de junho, e que deixou boas lembranças e marcou sua memória.

memória

Figura 48 - Alessandra, s/t, Parede da memória, 2022



Fonte: arquivo pessoal.

Percebi na fala da Alessandra como a sua produção foi aguçada pela docência sobre uma prática que a leva a revisitar a

prática em outro lugar no seu cotidiano. Em sua imagem as palavras não se encontram escritas, mas através da oralidade ela esclarece que:

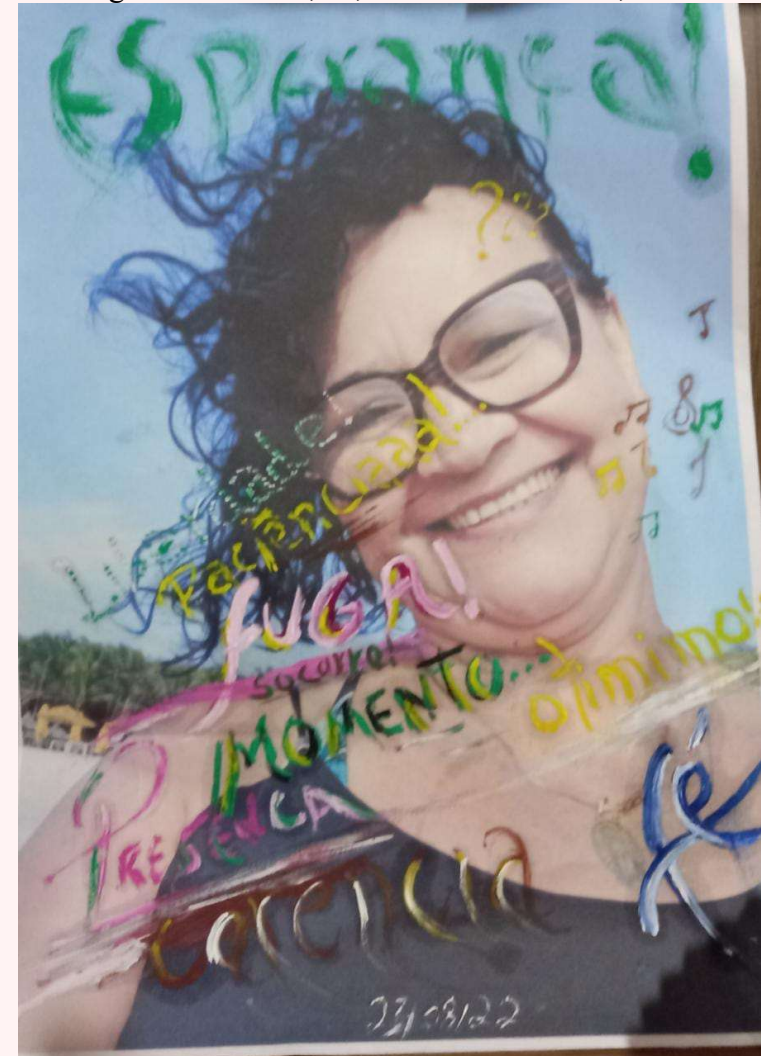
[...] realmente uma saudade, porque só de ter lembrado. Porque eu não estou lá presente, mas foi algo que foi realizado e que deixou uma boa lembrança do trabalho realizado. Isso ficou marcante na minha memória [...] na minha memória, como não estou em Cavalcante, hoje estou em Formosa, lembrei desse processo que foi realizado em junho. E eu tirei as fotos andando aqui mesmo, por onde minha mãe mora. Fotos das plantas, a beleza, a arte [...] (ALESSANDRA, 2022, transcrição - encontro 4).

Meire apresentou sua parede da memória (Figura 49) estabelecendo relações sobre a docência e suas vivências com a escola. Ela expôs:

[...] eu parei para poder refletir porque, eu tentei me colocar. A minha parede, assim, a minha parede existencial, no meu trabalho o que eu faço o que eu vivo [...] (MEIRE, 2022, transcrição - encontro 3).



Figura 49 - Meire, s/t, Parede da memória, 2022



Fonte: arquivo pessoal.

Observei que a construção da Meire permeou pelo processo de trazer memórias instigada por palavras. Essa produção dela me permitiu lembrar um pouco a produção do estudante que cito (Figura 24), a qual remete a várias produções dos/as estudantes em 2020. Produções em que o corpo se insere como fundo das representações e que palavras aparecem resgatando memórias. Pois, “[...] a memória permite a relação do corpo presente com o passado e, ao mesmo tempo interfere no processo ‘atual’ das representações.” (BOSI, 1979, p. 9, grifo do autor). Vi nessa representação da Meire e do estudante na Figura 24 o uso palavras inseridas sobre as imagens, palavras que aguçam as memórias do estudante sobre identidade e da Meire sobre a docência.

As palavras inseridas sobre a representação de seus corpos ligados pela temporalidade refletem o poder das palavras para ressignificar as memórias em pensamento e ação. “A memória teria uma função prática de limitar a indeterminação (do pensamento e da ação) e de levar o sujeito a reproduzir formas de comportamento que já deram certos” (BOSI, 1979, p.9-10). Assim, entendo as palavras como aguçadoras de memórias capazes de ressignificar as formas de comportamentos, dadas como certo.

A última categoria analisada foi nomeada de “*imagens palavras*”. Essa categoria está entrelaçada com as outras categorias, pois em vários momentos as “imagens e palavras” foram mencionadas. No encontro experiencial 2 com o tema: “Lugar ocupado com Tessler, Leonilson e a obra Parede da Memória de Rosana Paulino fomentando atuação docente” apresentei imagens desses artistas que colaboraram para a discussão referente à apropriação de palavras como desencadeadoras de memórias.

Percebi que os/as foram provocados/as pelas imagens das obras de cada artista, conforme explicitado em suas falas:

[...] E quando você provoca a gente a criar esse trabalho, não é à toa que eu fiquei muito feliz de você citar o Leonilson. Ele mexe muito com essas coisas dos guardados. Eu também guardo um monte de coisa, Lara. Eu guardo e elas estão aqui para eu poder mexer, sabe? [...] (PATRÍCIA, 2022, transcrição - encontro 1).

[...] Um encontro entre aluno e a visão de mundo. Um diálogo sobre como as imagens falam por si e a importação da palavra, fazendo um diálogo com a vida [...] (ANA LAURA, 2022, questionário).

Dentre a categoria “*imagens e palavras*” fui localizando algumas falas que evidenciavam o impacto do contato que tiveram para trabalhar em suas produções com palavras e imagens. Abaixo

os/as participantes comentam sobre a experiência de trabalhar com palavras e imagens:

[...] A palavra convida a se sentir parte da obra. Sobre um outro ponto de reflexão desconstrói e reconstrói de forma subjetiva. E no campo da memória como apresentado antes, a palavra traz sentidos de posicionamento e reflexão [...] (IRES, 2022, comentários do chat - encontro 2).

[...] as palavras que eu coloquei são: roda da vida, vida que corre, gira, gira, vida latente. É que eu vejo essas mudanças que vão sendo acrescentadas. Então essa parede da memória minha, ela é muito assim, de afetos das relações [...] (MARIA DE FÁTIMA, 2022, transcrição - encontro 3).

[...] no começo era um sobrepor de imagens que eu tinha, de pessoas que foram importantes na minha formação e imagens que estavam disponíveis ali no momento na minha casa. Em cada uma delas eu já inseri uma palavra hoje [...] (ANA LAURA, 2022, transcrição - encontro 3).

[...] fui percebendo que a arte contemporânea trabalha muito com essa relação, mas na arte contemporânea ela vem da memória e outros elementos. Assim, eu percebi que as palavras começam a ter um poder de diálogo com a imagem quando o sujeito se coloca como um participante ativo, quando ele começa a estabelecer diálogos também da nossa própria vivência, da sua própria experiência hoje [...] (IRES, 2022, transcrição - encontro 4).

[...] através dessa experiência, que a gente está tendo aqui, a gente percebe que palavras - imagens estão interligadas o tempo inteiro, uma pode estar subentendida na outra [...] quantas coisas que surgiram aqui, quantas paredes da memória e como que a gente trabalha. A gente pode trabalhar as imagens sem esse medo mais das palavras, então quantas possibilidades foram construídas aqui [...] (MARIA DE FÁTIMA, 2022, transcrição - encontro 4).

[...] palavras e imagens são discursos visuais e escritos no mesmo espaço visual, que podem trazer inúmeras experiências afetivas, reflexivas ao indivíduo ou de forma coletiva (IRES, 2022, questionário).

[...] em minha percepção palavras-imagens-palavras não se separam, elas estão interligadas. A partir de uma imagem posso contar uma história, e quando conto uma história ela está subjetivamente carregada de imagens. As palavras-imagens-palavras podem aguçar o meu modo de ver, dos estudantes e dos outros, a partir do momento de “escuta do outro”, do momento que compartilho a minha interpretação de uma imagem, surgem palavras que não são visíveis na imagem - essas palavras desvelam outras imagens, sentimentos, afetos, lugares [...] (MARIA DE FÁTIMA, 2022, questionário).

[...] produzirem imagens que dialoguem com o tema levantado e a partir daí iríamos construindo a narrativa acrescentando mais palavras para dar sentido e ilustrando com imagens relacionadas até que tivéssemos uma pequena história narrada e ilustrada [...] (MARCOS, 2022, questionário).

Nesse momento, entendi que a memória a partir da apropriação de palavras indica outros olhares, conforme cita Tuan (1983). O olhar dos outros possibilita ampliar o meu olhar sobre a memória e o ensino das artes visuais com a apropriação de palavras. Além disso, “A memória aparece como força subjetiva ao mesmo tempo profunda e ativa, latente e penetrante, oculta e invasora” (BOSI, 1979, p. 9).

De certo, percebi que a apropriação de palavras se relaciona com os termos espacialidade e apinhamento, pois são conceitos que possibilitam aguçar a memória. Incitada pelas aprendizagens com os/as participantes, pensei sobre como compreender *palavras-imagens-palavras* a partir do lugar individual de cada um/a. Conforme Tuan explica,

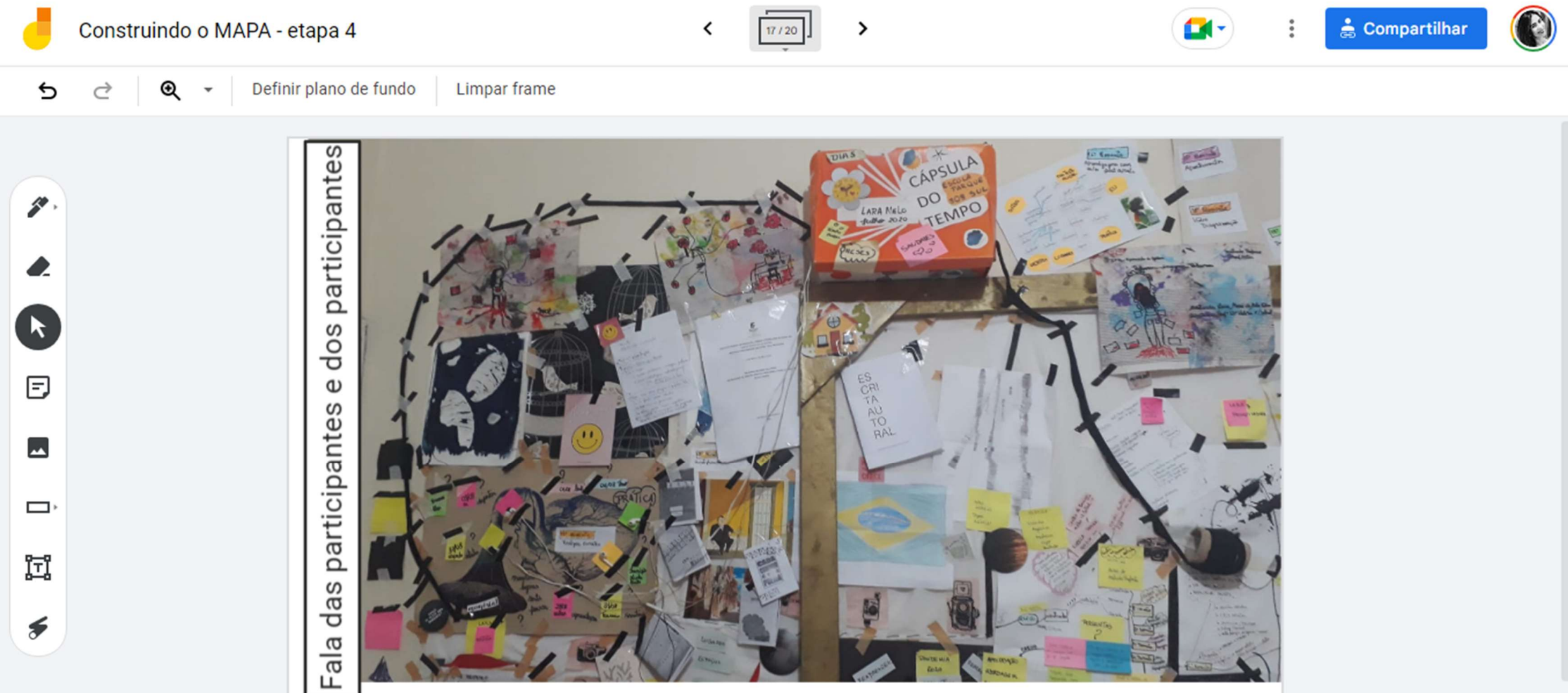
[...] “sentir” um lugar leva mais tempo: se faz de experiências, em sua maior parte fugazes e pouco dramáticas, repetidas, dia após dia e através dos anos. É uma mistura singular de vistas, sons e cheiros, uma harmonia ímpar de ritmos naturais e artificiais, com a hora do sol nascer e se pôr, de trabalhar e brincar [...] (TUAN, 1983, p. 203, grifo do autor).

Na Figura 50, que é uma imagem do meu mapa, apresento o momento da pesquisa em que encontrei a prática pela escuta, pela

leitura, pela observação e pela interpretação das falas dos/as participantes. Constatro que o mapa “transforma-se em lugar à medida que adquire definição e significado” (TUAN, 1983, p.151), pois esse é o lugar da prática que ecoa em uma sonoridade de falas que buscam pontos que reflitam sobre a memória na prática do ensino de arte assegurada pelas palavras. É também momento em que o “lugar é uma pausa no movimento” (TUAN, 1983, p.153). Vejo que o movimento nesse mapa efetua uma parada, uma vez que possui significados na pesquisa, essa “pausa permite que uma localidade se torne um centro de reconhecido valor” (TUAN, 1983, p.153).



Figura 50 Inserção no mapa das interpretações das falas das participantes e dos participantes



Fonte: arquivo pessoal.

Reconheço nessa parada um lugar de significados, pois, “o lugar é um mundo de significado organizado. É essencialmente um conceito estático” (TUAN, 1983, p.198). E pelo meu olhar e olhar dos/as participantes sobre nossas práticas de docentes pela busca de pensar a memória desencadeada pela apropriação de palavras, na nossa prática de ensinar arte. Esse lugar e tempo compartilhados com o eu e o outro, contextualizados com nossos objetos de ensinar, afetos, palavras e imagens, são “lugares que podem ficar gravados no mais profundo da memória e, cada vez que são lembrados, produzem intensa satisfação” (TUAN, 1983, p.156). Seriam essas as *palavras-imagens-palavras* que envolvem o eu, o outro, os lugares, os objetos, a prática e a contextualização.

docência

\F *Sexta letra do alfabeto.*

*Merece ser evitada por todo
aquele que estiver comendo
farofa. (FALCÃO, 2013, p. 29)*



APONTAMENTOS

PARA

FUTUROS PERCURSOS

*...trabalhar e pensar palavras-
imagens-palavras...*

LUGAR

4

~~CONFUSO~~

CONFUSO



4 APONTAMENTOS PARA FUTUROS PERCURSOS

Na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado (BOSI, 1979, p.17)

“Sentada na cadeira”, essa é a primeira frase que me vem nesse momento em que encontro o mapa com todos os momentos inseridos. Não o identifico como finalizado, mas em um estágio de pausa em que meu pensamento ainda continua em um movimento reflexivo. Nesse momento, visualizando essa imagem do mapa, teço reflexões sobre o processo vivenciado durante essa pesquisa. Assim, “[...] não esqueçamos que a memória parte do presente de um presente ávido pelo passado [...]” (BOSI, 2003, p. 20). Sentada na cadeira, observando a construção do mapa, envolta por muitas questões em quase dois anos de pesquisa, percebo que o que me trouxe até aqui foi o termo *palavras-imagens-palavras*. Um modo de pensar que utilizo para refletir sobre minhas práticas como docente de Artes Visuais na educação básica, e como as desenvolvo em sala de aula.

Um pouco à esquerda do centro do quadrado de madeira há uma pequena meada de linha preta que lembra o início, um momento

de começar os percursos, em todo o trajeto do trabalho da pesquisa (Figura 51). Muitas apropriações de palavras foram realizadas, memórias reavivadas, minhas histórias como professora de arte, das escolas em que trabalho e trabalhei, dos sentimentos, elementos que me tornam docente.

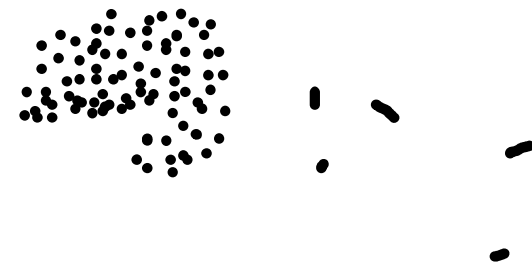
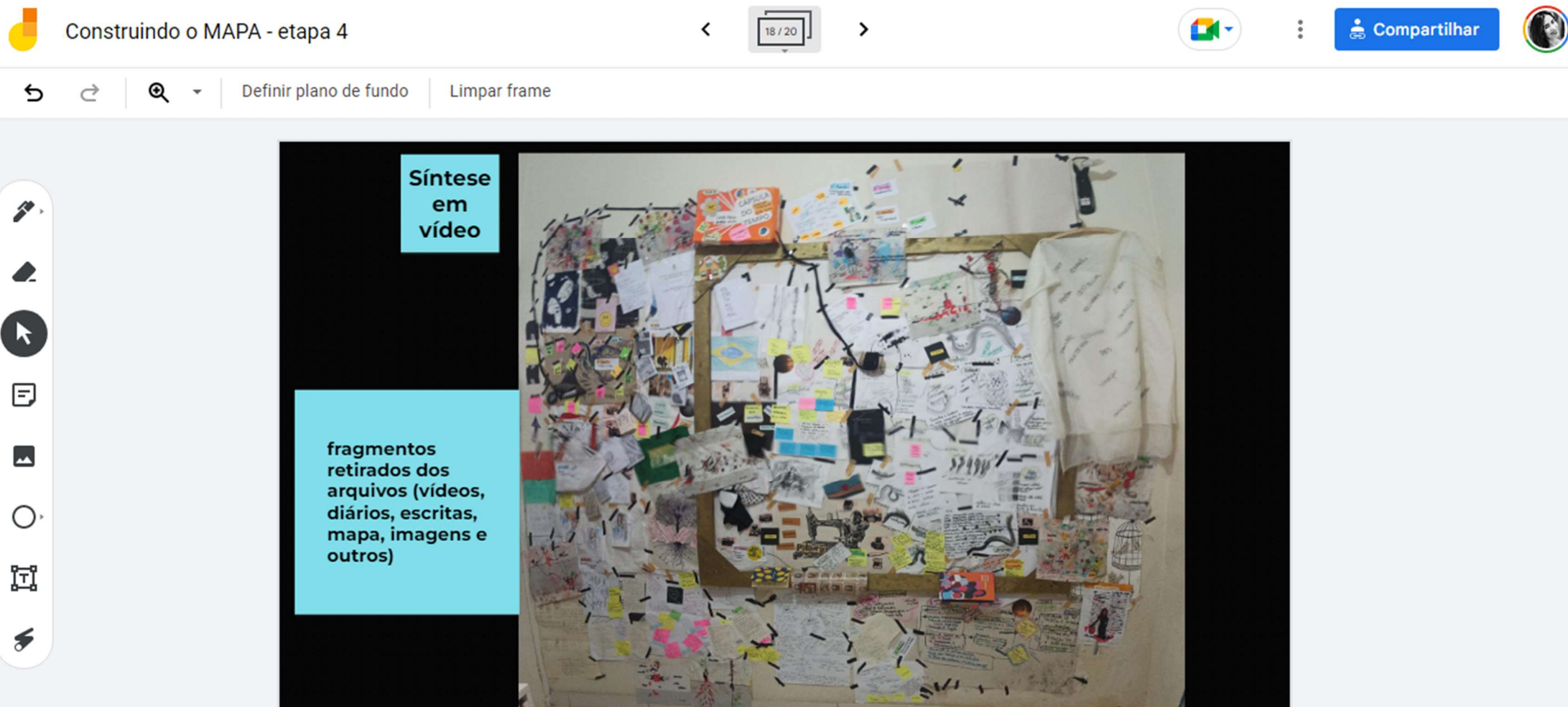


Figura 51-Observando a construção do mapa, registro fotográfico, 2023



Fonte: arquivo pessoal.

Na busca por compreender a apropriação de palavras nas produções de artes visuais procurei apreender as palavras e imagens no ensino de artes visuais para além de palavras-imagens ou imagens-palavras, mas *palavras-imagens-palavras*. Durante a minha busca procurei produções com palavras em artes visuais que sugeriam um contexto de trocas, falas, escritas, escutas e pensamentos e que me levaram a dialogar com Foucault (2016), Beck (2004) e Didi-Huberman (2010) nos percursos sinalizadores.

Nesse momento de observação do mapa considero importante apresentar uma síntese do processo vivenciado por entre o mapa. Por isso, convido o leitor a puxar uma cadeira para se sentar concomitante comigo, ver o que estou vendo agora através de um vídeo. Já quero deixar claro que não conseguirei contar tudo que poderia, mas quero mostrar a minha visão desse processo metodológico de pesquisa. Um vídeo que construí com fragmentos retirados dos arquivos (vídeos, diários, escritas, mapa, imagens e outros) organizados ao longo desta pesquisa. E que são registros de

uma pesquisa autobiográfica com um viés cartográfico. Ressalto que minha intenção ao elaborar esse vídeo é fomentar um processo reflexivo em professores/as de Artes Visuais através de palavras e imagens.

Se o leitor aceitou o meu convite pode se sentar e clicar no *link*¹⁹ (DIAS, 2023) que abrirá a porta de entrada desse espaço. Entremos desta forma na pesquisa pelo mapa através do vídeo! Há um ponto de início para um caminhar por uma meada de linha orgânica e ainda de espessura fina. Esse caminhar pelo mapa proporciona um movimento de ida e volta, são movimentos em alguns momentos rápidos e frenéticos pela quantidade de páginas escritas até formar uma linha forte (Figura 52). Entendo que as relações entre tempos e as experiências com os lugares indicam que “se o tempo for concebido como fluxo ou movimento, então lugar é pausa” (TUAN, 1983, p. 218-219).

¹⁹ **Palavras-Imagens-Palavras:** Um Processo de Criação Didático-Pedagógica para o ensino de Artes Visuais. Com direção de Lara Melo e edição de Lana Melo. Link: <https://youtu.be/KztHnBpv9V4>

Figura 52- Imagem do vídeo - Encontro de uma linha forte, registro fotográfico, 2023



Fonte: arquivo pessoal.

Sigamos para lugares! Vejo na Figura 53 o início desse processo, que foi a seleção de mestrado. É quando inicio os meus estudos e leituras nas disciplinas e há o momento de reelaborar o projeto através de uma nova escrita, já com a intenção de submeter o projeto ao CEP. É nessa etapa que a pergunta norteadora colabora para a criação de um mapa e a elaboração de um diário sobre o processo.

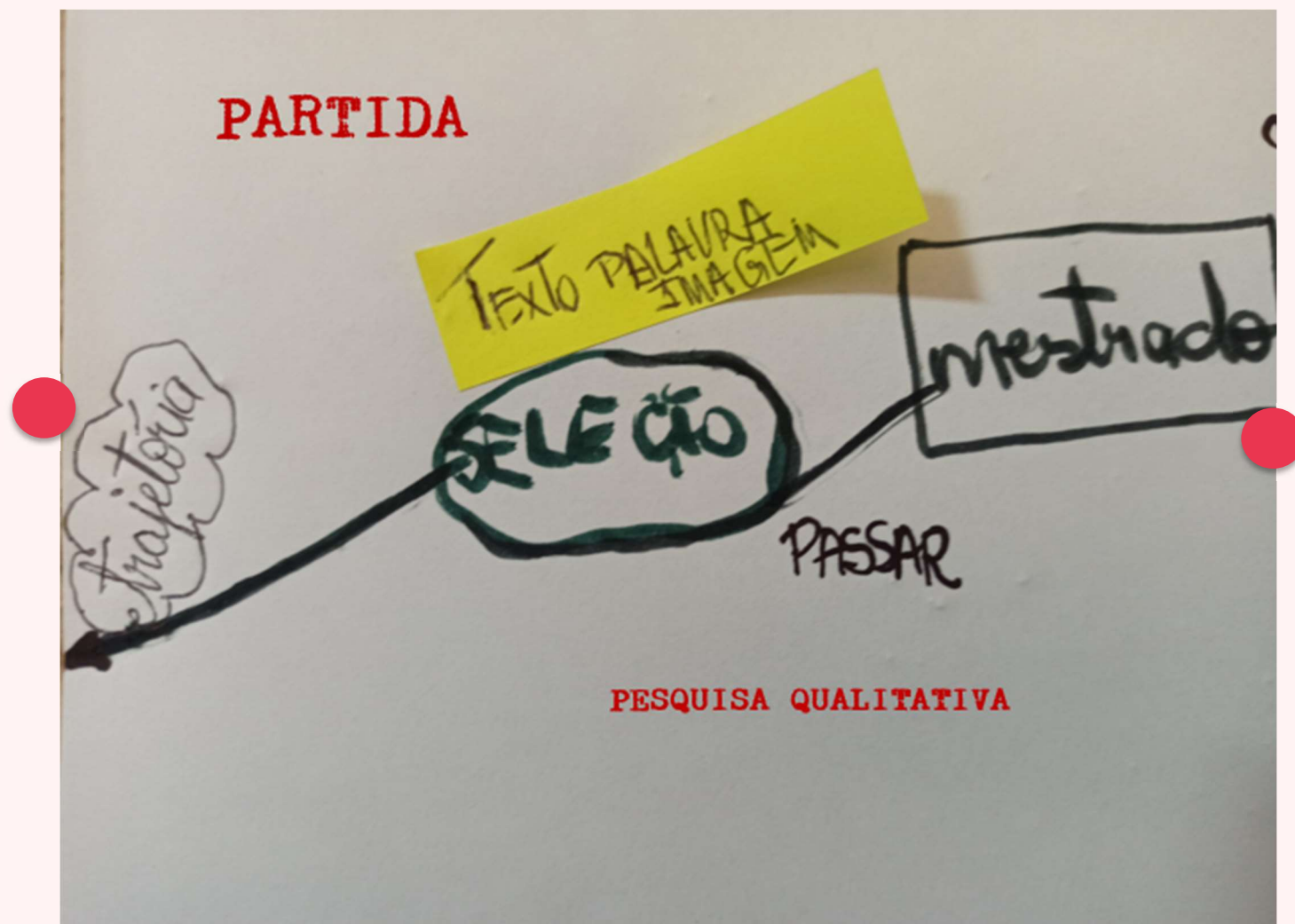
Na criação de estratégias metodológicas da pesquisa sigo trilhando caminhos nomeados de percursos e adentro nos percursos sinalizadores, contextualizadores, referenciais e os experienciais, chegando assim à qualificação para encontrar Tuan (1983), que abre novos olhares sobre o espaço do mapa e seus diversos lugares. Percebo então que a memória incita minhas práticas e conduz minhas experiências, ajudando a me conectar com as/os estudantes e possibilitando um trabalho de forma conjunta.

Durante os percursos experienciais sigo compartilhando e trocando aprendizagens com o grupo de participantes para produzirmos juntos. E é a partir desse encontro, sinalizado no mapa (Figura 55), que consigo significar e ressignificar minha prática. São as vozes de professores/as e futuros/as professores/as, suas ideias e trocas que me ajudam a pensar sobre as palavras e a ligação com a

memória e a docência. Por isso, nesse momento no mapa fortifico, em espessura, uma linha que me leva nesse percurso compartilhado.

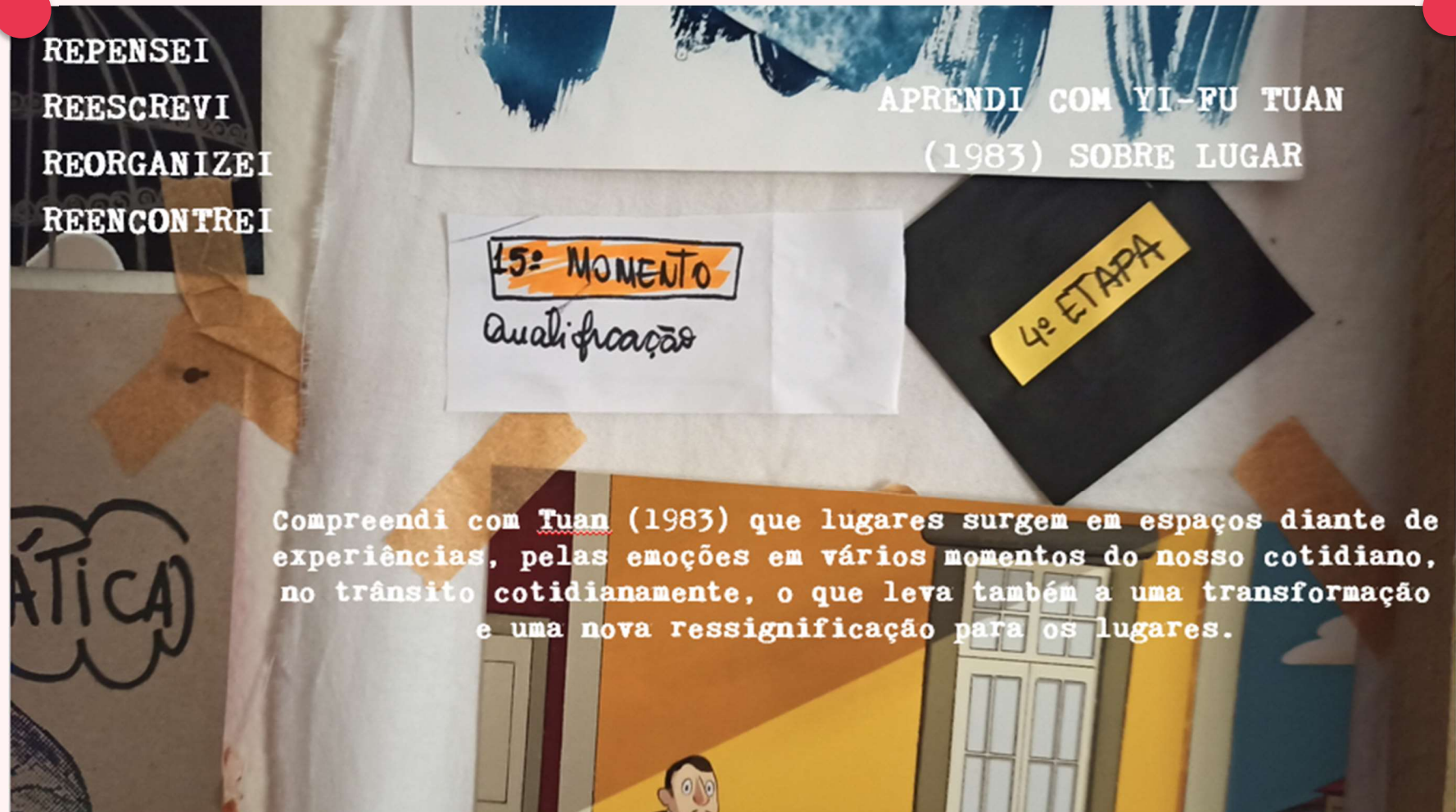


Figura 53 – Imagem do vídeo - Início do processo para o mestrado, registro fotográfico, 2023

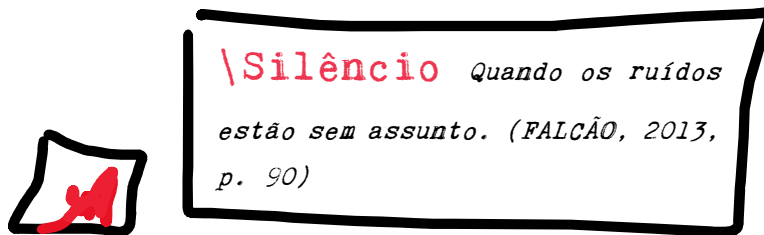


Fonte: arquivo pessoal.

Figura 54 Imagem do vídeo - Momento de repensar, registro fotográfico, 2023

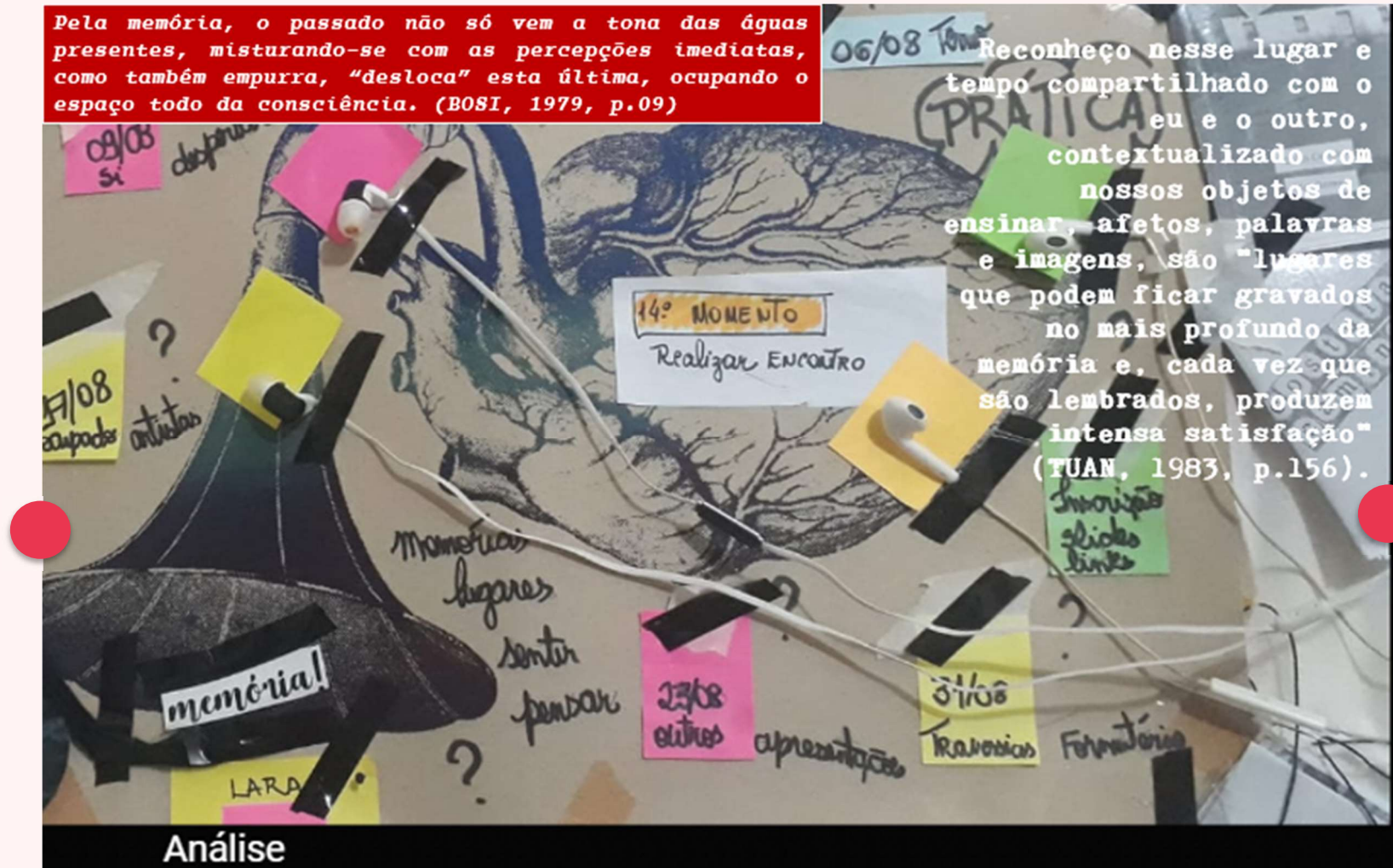


Apreendi com os encontros experienciais que *palavras-imagens-palavras* podem se constituir com a fala, a escuta, a sonoridade, o grito, a escrita, o silêncio, a docência, os lugares, os afetos, os objetos, as imagens de arte, a memória oral individual e coletiva. E que elas buscam nas relações humanas um espaço da memória. As falas dos/as participantes aguçam minhas memórias de docência e me fazem reconstituir o termo *palavras-imagens-palavras*, um lugar habitável (Figura 56). A partir de algumas falas também percebo, como Meire, que o “[...] encontro com o “outro” que possibilita um outro olhar para trabalhar com imagens em sala de aula. Posso partir de palavras- imagem-palavras para explorar diversos contextos e subjetividades” (2022, questionário).



Fala
Escuta
Sonoridade
Grito
Escrita
Silêncio
Docência
Lugares
Afetos
Objetos
Imagens
Memória
Oral
Individual
coletiva

Figura 56– Imagem do vídeo - Momento da análise sobre o encontro realizado com as/os participantes, S/t, registro fotográfico, 2023



Fonte: arquivo pessoal.

Pensar *palavras-imagens-palavras* para mim hoje é um desejo contínuo de experimentar e compartilhar para que o ensino de artes visuais aconteça. Um modo de pensar que contribua tanto para mim, como professora, como para os/as professores/as de Artes Visuais, como deflagradora para um modo de trabalhar na educação básica com palavras e imagens incitado pela memória.

Na elaboração do vídeo observo que fui sinalizando ao longo da pesquisa, através do mapa na parede, o meu processo de me constituir docente instigada pela minha prática em sala de aula a partir da obra da artista Rosana Paulino. Hoje percebo que a apropriação de palavras surge mediante meus álbuns de família e minhas memórias conduzem as minhas experiências com os/as estudantes e com os/as participantes que colaboram com a pesquisa nos momentos experienciais. Considerando que, de certa forma, “A memória oral, longe da unilateralidade para a qual tendem certas instituições, faz intervir pontos de vista contraditórios, pelo menos distintos entre eles, e aí se encontra a sua maior riqueza.” (BOSI, 2003, p. 15)

Nesse percurso de desenvolvimento da pesquisa, guiada pela construção do mapa, posso dizer que a apropriação de palavras aguça a memória e ainda que a memória pode aguçar a apropriação de palavras, pois é uma via de mão dupla, em que não há uma separação

de fluxos por suas direções. Portanto, essa pesquisa me faz compreender que trabalhar com as memórias através das produções de artes visuais na sala de aula possibilita perceber uma apropriação de palavras que acontece de forma subjetiva, aguçando pensamentos individuais que podem retornar para o coletivo.

Esse movimento de retorno possibilita a fala do outro e, nesse sentido, envio a seção 3 deste texto para que os/as participantes possam verificar se suas falas fazem sentido e sugerir questões e ajustes necessários, pois entendo que essa pesquisa não teve a intenção de coletar informações do grupo de participantes numa via de mão única, mas de mão dupla. Receber esse retorno me ajuda em minhas reflexões e a ainda conduz meu pensamento para mais um diálogo com as falas de cada um/a. Nesse encontro com as falas do grupo e minhas memórias me vejo passando por uma resignificação da minha prática, pois me encontro viva pelas memórias individuais e coletivas, que me formam enquanto pesquisadora e professora: “[...] uma memória coletiva (no caso, a produzida no interior de uma classe, mas com poder de difusão), a qual se alimenta de imagens, sentimentos, ideias e valores que dão identidade e permanência àquela classe.” (BOSI, 2003, p. 22)

A memória é a ideia de um viver social, histórico e cultural com as subjetividades de cada indivíduo, em lugares que surgem pelas experiências, pelas emoções em vários momentos do nosso cotidiano, no trânsito cotidianamente, o que possibilita uma transformação e uma nova ressignificação para outros lugares. Por isso, a necessidade de deixar fluir minhas memórias como um modo de orientação para minha prática docente, conduzidas pelas apropriações de palavras. Sendo que a apropriação de palavras me permite aguçar minha memória para atuação docente “fazendo da memória um apoio sólido da vontade, matriz de projetos.” (BOSI, 2003, p. 33)

Utilizar os recursos das palavras como formas de criação de imagens é uma ação na arte contemporânea, apreendida com José Leonilson (1957-1993) e Elida Tessler (1961-), e compreendida nos percursos referenciais, que transformam imagens com vozes sobre as imagens. *Palavras-imagens-palavras* traduzem sensações subjetivas em encontros com o outro pelas palavras e imagens que contam, que afirmam, que duvidam, que causam, que espantam, que confundem e que não se baseiam apenas em explicar, traduzir e ilustrar.

Com minhas vivências e experiências nesse trajeto do mestrado consigo perceber que palavras são terras e imagens são paisagens, as quais dialogam com os espaços e os lugares. “Ver e

pensar vão além do eu” (TUAN, 1983, p.10), sendo que essa junção me ajuda a desenvolver um processo de investigação e produção para o ensino de artes visuais, e por isso me aproprio de palavras movidas pelas memórias para continuar ensinando. Levarei a confirmação da memória como promotora de todo esse termo sobre apropriação de palavras, a memória permeia a mim como desencadeadora de propostas para o ensino de arte.

Levo comigo histórias de vida, lugares, afetos, temporalidades, objetos, docência, imagens e palavras para pensar em planos de aula para o ensino de arte, independente da etapa da educação básica, pois a memória faz parte de todo ser. Além disso, levo sugestões das/os participantes para eu possa pensar a respeito dessa metodologia com a qual venho conduzindo as minhas aulas. Um modo de trabalho que faz sentido quando ouço a Aglaê dizendo que considera possível “[...] aproximar imagens e palavras que fazem sentido para os estudantes, que envolvam as vivências cotidianas e referenciais imagéticos e culturais próprios desses alunos” (2022, questionário).

Sinto-me assim, ampliada, e por isso a meada de linha inicial cresceu, ampliou conhecimentos que consigo compartilhar e construir com outros/as. E você, como se sente? Que reflexões construiu

quando terminou de assistir ao vídeo? Como irá se levantar da cadeira (Figura 57) após o meu convite e o contato com o que trago para esse momento reflexivo?



Levantar

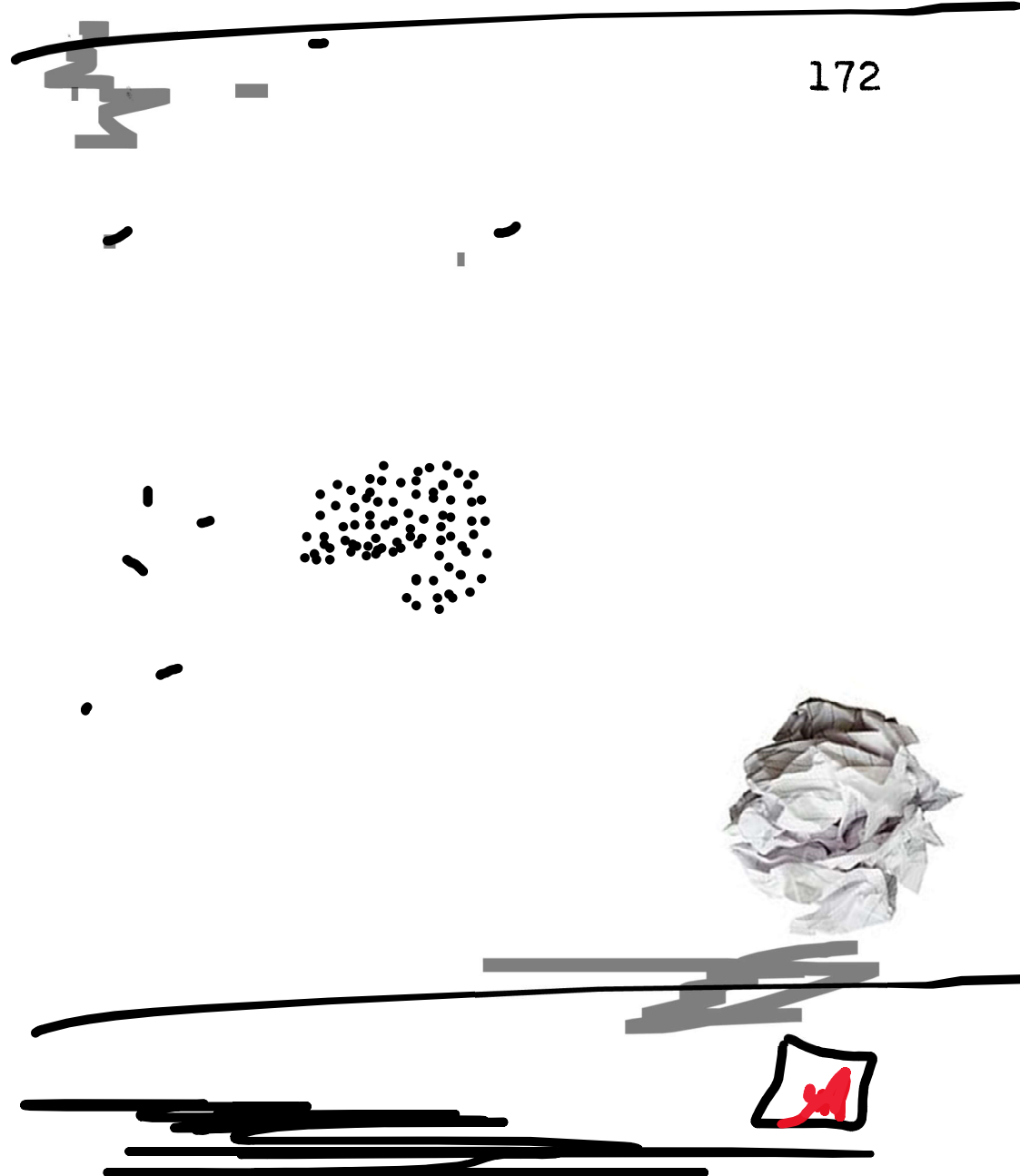
Figura 57 Cadeira, registro fotográfico, 2023



Fonte: arquivo pessoal.

Eu, Lara, como professora de Artes Visuais e finalizando essa experiência do mestrado continuarei trabalhando com *palavras-imagens-palavras* que foram ressignificadas e representam hoje uma amplitude maior (Figura 57), “a amplitude da experiência ou conhecimento” (TUAN, 1983, p.06), pois possibilita transformação e ressignificação do sujeito através de vivências com imagens e palavras que ressignificam a prática em sala de aula e trazem sentimentos para a docência. O importante é levar em consideração que a “experiência é um termo que abrange as diferentes maneiras através das quais uma pessoa conhece e constrói a realidade” (TUAN, 1983, p.09).

Chegar ao término dessa pesquisa ocasionará vivências e experiências futuras em sala de aula para iniciar novos processos de sair dos lugares seguros, de me extraviar dos lugares, de me modificar, de ter que abandonar alguns modelos, normas, formas, conceitos e me ressignificar. Processos movidos pelas memórias que suscitarão experiências, espaços para agregar novos conhecimentos e emoções, como uma necessidade para que eu continue a me decompor e a recompor como docente.



\N Letra que vira número

quando pode ser *N* coisas;

(FALCÃO, 2013, p. 61)

Referências

O poder dos limites...

o poder dos limites



REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Maria Eunice Azambuja de. **Tramas da criação participativa: a experiência comunicativa nas obras de Elida Tessler e Beth Moysés**. 2018. 178 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Semiótica) – Programa de Estudos Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2018. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/21321> Acesso em: 12 ago. 2021.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70. 1977. p. 93-150.

BECK, Ana Lúcia. **Palavras fora do lugar: Leonilson e a inserção de palavras nas artes visuais**, 180 f. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/77868> Acesso em: 12 ago. 2021.

BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social**. São Paulo: Ateliê Editorial. 2003. p. 13-48.

_____. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: TA. Editor, 1979. p.1-29.

BOSI, Isabela Magalhaes. **Envio, Tempo, Memória: Uma Conversa Com A Obra De Elida Tessler**. 2017. 154 f. Dissertação

(Mestrado em Memória Social) – Universidade Federal Do Estado Do Rio De Janeiro, Rio de Janeiro, 2017. Disponível em: <http://www.repositorio-bc.unirio.br:8080/xmlui/handle/unirio/11363?show=full> Acesso em: 12 ago. 2021.

CLANDININ, D. Jean; CONNELLY, F. Michael. **Pesquisa narrativa**: experiência e história em pesquisa qualitativa. Tradução: Grupo de Pesquisa Narrativa e Educação de Professores ILEEI/UFU. Uberlândia: EDUFU, 2011. 250 p.

COLATO, Giovanna Pagano. **Corpos Delicados**: o banal e a experiência estética em Ana C. e Leonilson. 2017. 130 f. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagens) Universidade Federal De Mato Grosso Do Sul, Campo Grande, 2017. Disponível em: <https://philarchive.org/rec/COLCDO-4> Acesso em: 12 ago. 2021.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs**. Capitalismo e Esquizofrenia. 1995-1997. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995. 715 p.

_____. **O anti-Édipo**: capitalismo e esquizofrenia. Tradução de Luiz B. L. Orlandi. 1. ed. São Paulo: Ed. 34, 2010. 560 p. (Coleção TRANS)

DIAS, Lara Maria de Melo. **Palavras-imagens-palavras**: Um processo de criação didático pedagógica para o ensino de artes visuais. Orientadora: Dra. Valéria Fabiane Braga Ferreira Cabral. Produto Técnico-Tecnológico (Mestrado) – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás: Campus Aparecida de Goiânia, Programa de Pós-Graduação em Artes – PROFARTES,

Aparecida de Goiânia, 2023. 7 f. YouTube, 12 mar. 2023. 1 vídeo (10min21s)
Disponível em: <https://youtu.be/KztHnBpv9V4> Acesso em: 13/03/2023.

DIDI-HUBERMAN, G. **O que vemos, o que nos olha**. Tradução de Paulo Neves. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2010.
_____. **Que emoção! Que emoção?** São Paulo: Ed. 34, 2016.

FALCÃO, Adriana. **Pequeno Dicionário de Palavras ao Vento**. Ilustração de Thais Beltrame. 2.ed. São Paulo: Salamandra, 2013.

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas**. São Paulo: Martins Fontes, 2016.

_____. **Isto não é um cachimbo**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

GARCÍA, Fernando Herraiz. Uma aproximação à pesquisa narrativa autoetnográfica: algumas questões para continuar aprendendo. In: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene (org.) **Processos e práticas em cultura visual e educação**. Santa Maria: Ed. UFSM, 2013. p. 273-289.

GOIS, Wilma Farias. **Afetos da obra de Leonilson: arte e vida, mapas e escrita**. 2015. 138 f. Dissertação (Mestrado em Artes) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2015. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/14630> Acesso em: 12 ago. 2021.

GOODSON, Ivor. Historiando o eu: a política-vida e o estudo da vida e do professor. In: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene (org.). **Processos e práticas em cultura visual e educação**. Santa Maria: Ed. UFSM, 2013. p. 253-272.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica**: cartografias do desejo. Petrópolis: Vozes, 1986.

HOFFMAN-CÂMARA, R. Análise de conteúdo: da teoria à prática em pesquisas sociais aplicadas as organizações. **Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia**, [online] vol.6, n.2, pp. 179-191. ISSN 1983-8220. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/gerais/v6n2/v6n2a03.pdf>. Acesso em: 10 dez. 2022.

LAGNADO, Lisette. **São tantas as verdades**. São Paulo: SESI, 1995.

LE GOFF, Jacques, 1924. **História e memória**. Tradução Bernardo Leitão [et al.]. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1990.

LEMOS, Cássio Fernandes; OLIVEIRA, Andréia Machado. Mapeamento, Processo, Conexões: a cartografia como metodologia de pesquisa. In: **Paralelo 31 – Revista do Programa de Pós-graduação em Artes Visuais**, ed. 08, jul. 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/paralelo/article/view/13299> Acesso em: 12 ago. 2021.

LISPECTOR, Clarice. **Água viva**: ficção. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

LONGO, Suzana da Costa Borges. **Fotografia de casamento**: crítica de gênero e sexualidade a partir do trabalho de Rosângela Rennó. 2017. Dissertação (Mestrado em Estudos Contemporâneos das Artes) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ, 2017. Disponível em: https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=5871484 Acesso em: 12 ago. 2021.

LOPES, Renata Perim Albuquerque. **José Leonilson**. Entre linhas e afetos. 2013. 112 f. Dissertação (Mestrado em Artes) – Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2013. Disponível em: <http://repositorio.ufes.br/handle/10/2100> Acesso em: 12 ago. 2021.

MACHADO, Antonio. **Provérbios e cantares**. Tradução de Ronald Polito. Belo Horizonte: 2009. s.p. Plaquete comemorativa dos 70 anos da morte do poeta, 50 exs. Col. A.M. (EA)

MATTOS, Marina Baltazar. **Escrever Leonilson [manuscrito]**: expansão do corpo, do desejo, da poesia. 2021. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras, Belo Horizonte, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/37683/1/Escrever%20Leonilson%20%28Reposit%C3%B3rio%29.pdf> Acesso em: 12 ago. 2021.

MOTTA, T. C.; BRAGANÇA, I. F. S. Pesquisa formação: uma opção teórica- metodológica de abordagem narrativa (auto)biográfica. **Artes de dizerfazerdizer os saberes da experiência. Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica - RBPAB**, v. 4, p. 1034-1049, 2019. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/er/a/TqzVDqkfbX3hb7HbhB9T3kw/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 18 out. 2021.

PARABONI, Muriel. **A dissolução da paisagem**: imagem, espaço e tempo na videoinstalação. 2017. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, 2017. Disponível em: https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/13663/DIS_PPGAV_2017_PARABONI_MURIEL.pdf?sequence=1&isAllowed=y Acesso em: 10 jul. 2021.

PASSEGGI, M. da C.; SOUZA, E. C. de; VICENTINI, P. P. Entre a vida e a formação: pesquisa (auto)biográfica, docência e profissionalização. **Educação em Revista [online]**. v. 27, n. 1, 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-46982011000100017>. Acesso em: 20 ago. 2021.

PINTO, A. **Dicionário da Umbanda**. Rio de Janeiro: Editora Eco, 2007. 3ª edição.

SANTOS, Solange; FERRARI, Utuari. **Por toda Parte**. 1. ed. São Paulo: FDT, 2015.

SOUZA, Elizeu Clementino de. **O conhecimento de si**: narrativas dos itinerários escolar e formação de professores. 2004. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2004. Disponível em: https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/10267/1/Tese_Elizeu%20Souza.pdf. Acesso em: 08 out. 2021.

SOUZA, Elizeu Clementino de. (Auto)biografia, histórias de vida e práticas de formação. In: NASCIMENTO, A. D.; HETKOWSKI, T. M. (org). **Memória e formação de professores**. (online). Salvador: EDUFBA, 2007. 310p. ISBN 978-85-232-0484-6. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/f5jk5/pdf/nascimento-9788523209186-04.pdf>. Acesso em: 08 out. 2021.

TEIXEIRA, Leila de Souza. **Continuidade visual**: presenças de James Joyce, Orhan Pamuk e Marcel Proust na obra de Elida Tessler. 2018. 156 f. Dissertação (Mestrado em Arte) – Universidade de Brasília, Brasília, 2018. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/34051>. Acesso em: 12 ago. 2021.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. Tradução de Livia de Oliveira. São Paulo: Difel, 1983. 260 p.



*\L Primeira letra de
letra. Acha-se fundamental
por causa disso; (FALCÃO,
2013, p. 51)*

● Lugar

conexão com lugares através de você...

